Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23376 DIRECTOR **ANTÓNIO RUELLA RAMOS** QUARTA-FEIRA 28 NOVEMBRO 90 70$00

Pela autonomia financeira da Presidência

Soares espera há 16 meses!

Pág. 5

Reuter/Lusa/«DL»

Lusa/«DL»

O último treino «Uma grande equipa não sofre duas derrotas seguidas». Foi assim que, ontem, Marinho Peres respondeu aos jornalistas, a propósito do estado anímico dos jogadores, depois do desaire sofrido nas Antas. O técnico brasileiro pretende que, logo à noite, os «leõezinhos» mostrem a sua raça frente aos holandeses do Vitesse e faz-lhes uma recomendação especial: «Não os quero com medo de meter o pé. Claro que não vou tolerar amarelos por protestos contra o árbitro, mas meter o pé, terão de meter sempre.» Naturalmente que Marinho Peres receia advertências que poderão originar punição disciplinar e impedimento de actuarem na segunda «mão», mas exige vigor nos lances e disciplina táctica. No derradeiro treino (foto) o técnico sportinguista retirou as definitivas conclusões e, enquanto Douglas se encontra em condições de alinhar, Luisinho foi considerado «inapto» e Careca poderá dar o lugar a Bozinoski.

Reportagem na pág. 22 com o patrocínio da LIVEDESPORTOS

Thatcher II

A ex-primeira-ministra britânica ficou radiante com a escolha do sucessor

Como se esperava, John Major, o ministro das Finanças do Governo de Thatcher, foi eleito para suceder à «Dama de Ferro» na liderança dos «tories» e do executivo britânico. Maggie manifestou-se radiante com a escolha do que foi considerado o seu «delfim». **Pág. 9**

DL

Real Madrid pretende Artur Jorge
Pág. 23

CGTP e UGT acertam acções reivindicativas
Pág. 13

Barthes: biografia editada em França
Pág. 19

Português assassinado na Córsega
Pág. 13

PORTE PAGO

Audi

Emapsa

STAND: Rua Gomes Freire, 163 A/B–1100 Lisboa
Telefs. 56 05 88 e 352 43 93

ASSISTÊNCIA E PEÇAS: (Edifício Batista Russo) — Cabo Ruivo Telef. 859 28 68

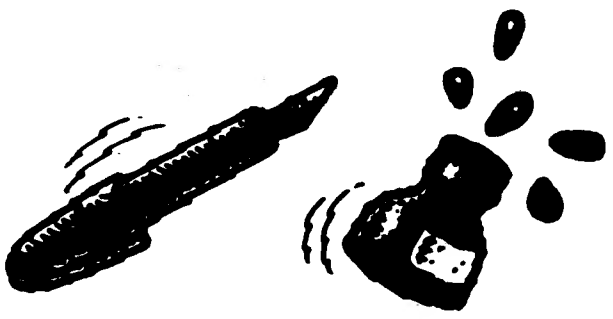
Uma rainha em Lisboa

Para além de um ou outro embaraço protocolar (como o revelado na foto com a coroa real), a rainha Beatriz da Holanda também viveu uma certa incomodidade política perante a persistência de Mário Soares em denunciar a violação dos direitos humanos em Timor-Leste. A Indonésia é uma antiga colónia holandesa e a Holanda é o membro dos Doze que mais «compreensão» tem revelado para com o regime de Suharto. **Pág. 4**

António Cotrim/Lusa/«DL»

«Ou a Imprensa é um local de encontro e de diálogo, uma tribuna das liberdades, ou, verdadeiramente, não tem razão de existir». Dos jornais como foruns nos fala Juan Cebrian, a propósito das cartas dos leitores — os proprietários da Informação, uma das secções mais lidas e comentadas de «El Pais»

GRANDE ANGULAR



Cartas ao Director: romper a incomunicabilidade (1)

Jornais devem constituir local de encontro e diálogo

Há já vários anos que passo, todos os dias, algumas horas da minha vida submergido numa leitura instrutiva e apaixonante, por vezes muito mais do que a dos livros e revistas. São as cartas dos leitores de EL PAIS, recebidas, de manhã, no meu gabinete.

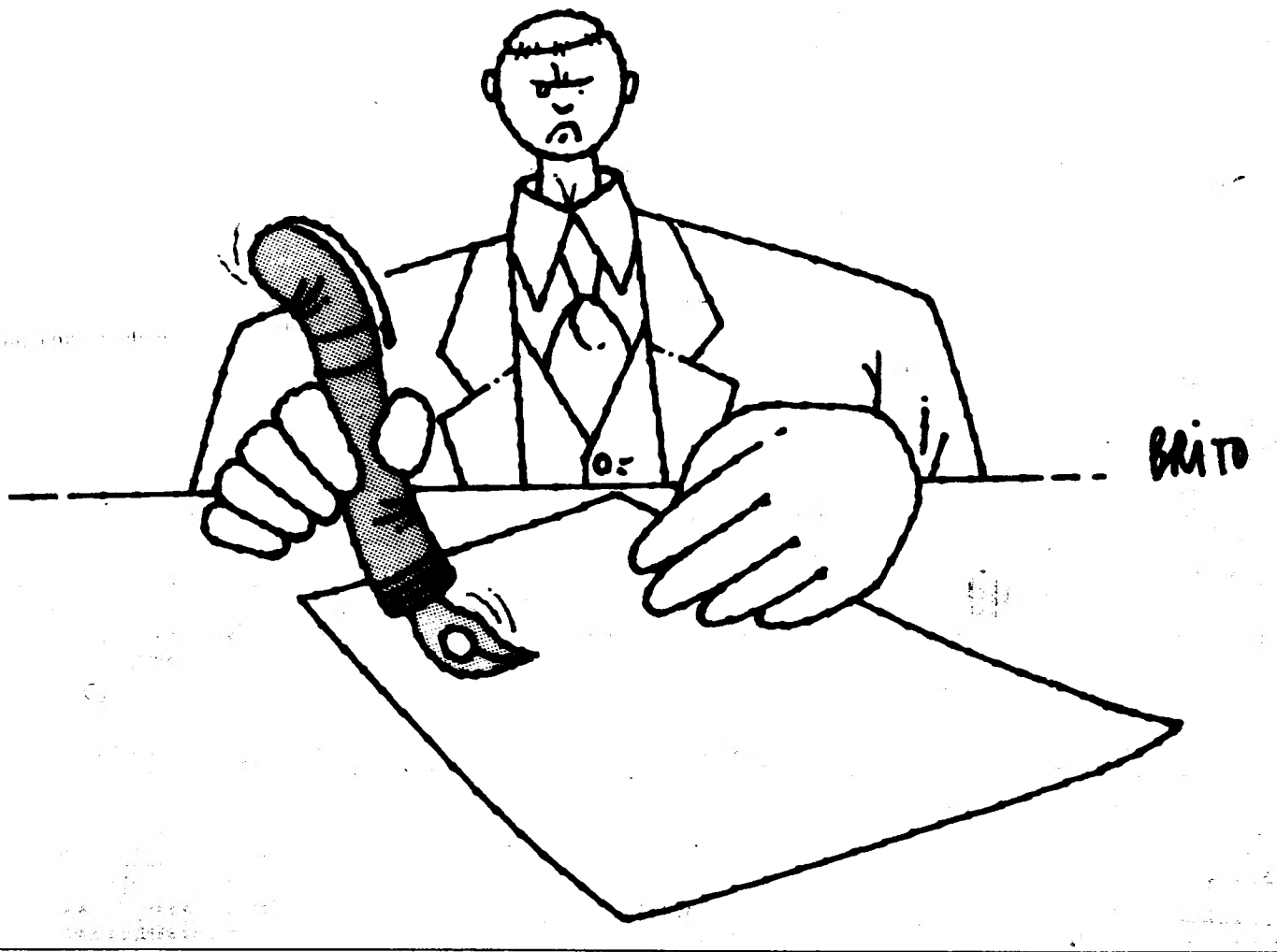
Anteriormente, sempre me parecera lamentável e preocupante o espectáculo das secções de cartas dos nossos jornais. Simplesmente não existiam, porque nada se escrevia aos directores. Morria de inveja quando via as páginas da Imprensa britânica, onde as cartas são uma das secções «rainhas» e onde, na minha juventude, aprendera a reconhecer as assinaturas de um Bertrand Russell ou de um Churchill, misturadas com as de um vendedor de fruta de Covent Garden ou de uma dama de Manchester. Supunha eu que eram coisas da avançada sociedade britânica, impossíveis de sonhar num país como o nosso. E creio que todos nós, os jornalistas espanhóis, temos que acusarmo-nos de ter falsificado, por mais de uma vez, a carta de um leitor, pois eram poucas as que se entendiam, e menos ainda as que mereciam serem publicadas. Para alguns, tratava-se de um reflexo do que chamavam a falta de cultura e o desinteresse do nosso povo. Para mim, constituia, em contrapartida, um sintoma muito claro do descrédito global em que a Imprensa se viu mergulhada com a ditadura franquista. A falta de comunicação entre os leitores e os seus jornais assemelhava-se à solidão interna da própria sociedade espanhola. As repressões religiosas, políticas, sociais e morais de que nós, os espanhóis, padecemos, acabaram por degenerar em comportamentos formais, capazes de manter indefinidamente uma situação absurda, na qual todos falavam de tudo sem dizerem nada uns aos outros. O medo de expressar-se, por temer o ridículo ou a Polícia, já se tornara proverbial entre nós. Todavia, hoje, a falta de naturalidade numa conversa é, muitas vezes, irritante. E substituímos o interesse do conteúdo por uma certa audácia de formas, bastante estúpida. O espanhol é, provavelmente, o homem que mais acalorada e expressivamente discute os temas menos transcendentes possíveis. E, com a fanfarraria, pretende, inutilmente, atingir o valor moral da honestidade, que consiste em dizer o que se pensa. De todas as liberdades reprimidas pelo regime franquista, a da expressão foi uma das mais duramente atingidas. Poder-se-ia imaginar que a Censura e o dirigismo afectavam apenas a Imprensa e as manifestações públicas, mas acabaram por ferir a consciência e a vontade íntima dos espanhóis. O cidadão doutrinado, submetido a um estrito controlo de leituras, de informação, de filmes, começou, deste modo, a comportar-se de uma forma neurótica - que os científicos me desculpem - relativamente a tudo o que significava diálogo e comunicação. Muitos se riam quando, em Madrid e Barcelona, e até na Huelva, se fretavam autocarros ou voos *charter* para ir a Perpignan ver *O Último Tango em Paris*. Quase ninguém teve a coragem de dizer que aquilo não era risível nem digno de escárnio, e que, acima de qualquer outra consideração, um regime que obrigava a empreender tal peregrinação aos que se mostravam mais ávidos de cultura do que o Poder pretendia, era um regime pura e simplesmente condenável. Durante anos e anos, os espanhóis tiveram que fazer passar, clandestinamente, pela fronteira, desde o *Playboy* até *O Capital* de Marx; quase tremíamos perante o olhar do funcionário da alfândega, que pegava nos livros de Luckacs ou de Garaudy, e até nos de Salvador de Madariaga, com ares de entendido e uma expressão feroz. Sofremos com o espectáculo irritante de ver os burocratas do sistema, nas livrarias de Biarritz, a comprarem os volumes cuja leitura eles próprios haviam proibido aos cidadãos espanhóis; e suportámos a vergonha de ver encarcerados, perseguidos ou atirados para o exílio todos os que se atreviam a pensar e a falar contra o Poder. Tivemos que aproveitar as viagens de negócios para ver Cinema, as escapadas até à Europa para ouvir música; enchemos os *strip-tease* de Pigalle e os espectáculos com nus de Londres. Numa palavra, fomos mendigando um pouco de liberdade de ver e de liberdade de ouvir, de liberdade de ler, da liberdade que nos tiravam, aqui dentro, e manipulavam quando vinha de fora, misturando, por vezes, na nossa inocência e na nossa imaginação, coisas tão respeitáveis, mas também tão díspares, como o são os cús e a democracia.

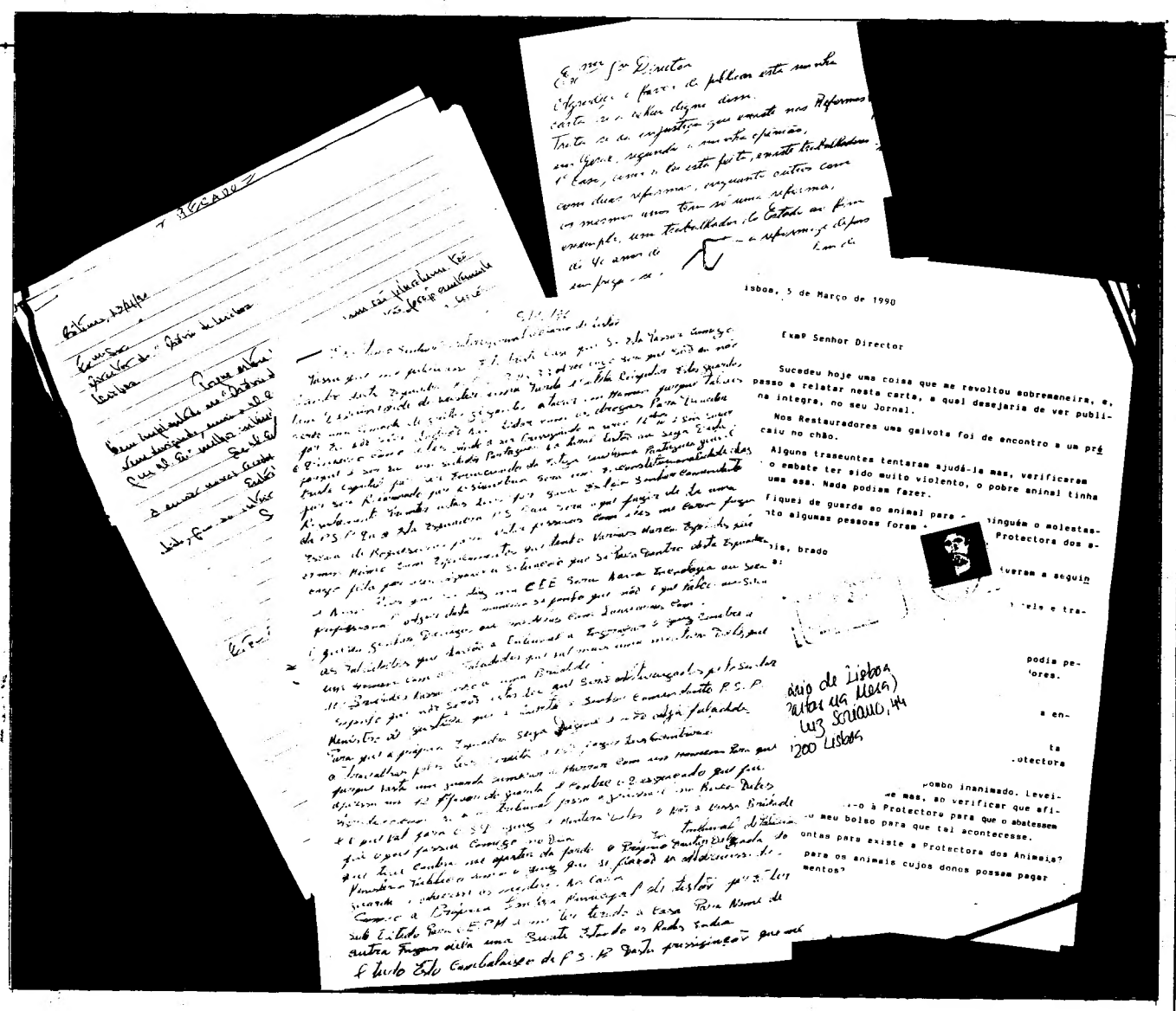
Nesta situação, como se atreveriam os leitores a escrever nada sobre nada? Como pedir a um cidadão que se expresse clara e simplesmente sobre o que o rodeia, quando nem sequer nós, os profissionais do jornalismo, ousávamos fazê-lo? Como exigir aos outros o valor, a agudeza, o engenho e a generosidade de que nós próprios carecíamos? Durante anos e anos, o único correio interessante que se recebia era anónimo e, por isso mesmo, execrável. Avisos de que iam eliminar um dos guerrilheiros do Cristo Rei ou os comandos hitlerianos; ou denúncias, quase sempre incomprovadas, sobre a corrupção de algum funcionário público. Para um jornalista, convencido de que a informação - e, consequentemente, os próprios jornais - é propriedade dos leitores, e de ninguém mais, a situação era desesperante. Os diários tinham, sem dúvida, compradores ou clientes, mas não parecia haver autênticos leitores , pessoas comprometidas com a mensagem que eles transmitiam. Não havia, de facto, comunicação entre o jornal e quem o recebia. Os tecnocrátas do Opus tinham estabelecido o novo *despotismo ilustrado:* Tudo para o povo, mas sem o povo. Tudo para o povo? A perspectiva dos anos permite-nos contemplar quanto é duvidosa a ilustração do desenvolvimento daqueles déspotas, que procuraram, inutilmente, sepultar para sempre as nossas mais queridas tradições liberais. Mas os espanhóis sabiam pensar e souberam ler, até nas entrelinhas, quando foi necessário fazê-lo. Pois bem, entre as liberdades ditas menores, e que esperamos nunca desapareça, deve incluir-se a de escrever cartas, a julgar pela grande quantidade que se recebe, diariamente, no meu jornal. Sempre afirmei que o êxito de EL PAIS - que, humildemente, me seja permitido reconhecer - se deve, em grande parte, ao facto de o público em geral ter identificado a aventura deste diário com a mudança política que se vive em Espanha. E posso dizer que tive muitas alegrias, como director, mas nenhuma que se possa comparar à de abrir o correio, todas as manhãs.

«Escrever cartas significa despir-se perante os fantasmas, que o esperam avidamente» - dizia Kafka à sua amada, Milena Jarenska, nas suas epístolas de amor. Em meu entender, apenas existe um correio mais passional, exacerbado e ardente que o do coração: o da política. Talvez por isso haja grande quantidade de exemplos, do género epistolar, utilizada na literatura. De Cícero *(a Atico, a Quinto e a Bruto)* a Montesquieu *(Cartas Persas)*; de Seneca *(a Lucílio)* a Quevedo *(do cavaleiro de la Tenaza)*; de Feijóo *(eruditas)* a Cadalso *(Cartas Marroquinas)*; de Larra a Valera, as cartas foram um pretexto ou uma condição da crítica literária, política e de costumes. Ainda hoje, entre nós, um grande jornalista, Augusto Assía, utiliza o género epistolar como meio de expressão nos diários de grande tiragem; e pode afirmar-se, seguramente, que a abordagem directa e sem rodeios a qualquer tema que permitem fez das cartas um método generalizado, ainda que difícil, de escrever artigos. Penso que a leitura de algumas epístolas escolhidas dos autores que citei faria muito bem a mais do que um dos nossos actuais líderes e governantes. Não porque a História continue a ser - se é que o foi algum dia - a grande mestra da vida, mas sim porque interessa observar até que ponto tantas denúncias de outros tempos se mantêm vigentes, e como alguns destes escritores poderiam ter sido considerados subversivos durante o franquismo, ou, inclusivamente, na nova democracia.

Todos esses textos são verdadeiros monumentos representativos das nossas vergonhas públicas, e demonstram o pouco que se alcançou em coisas como a liberdade e os modelos de convivência.

As cartas dos leitores - creio poder dizê-lo sem receio de equivocar-me - são, hoje, uma das secções mais lidas e comentadas de EL PAIS. Mais de cem mil missivas, recebidas desde que este jornal saiu, dão uma ideia do diálogo estabelecido. Os princípios clássicos do jor-

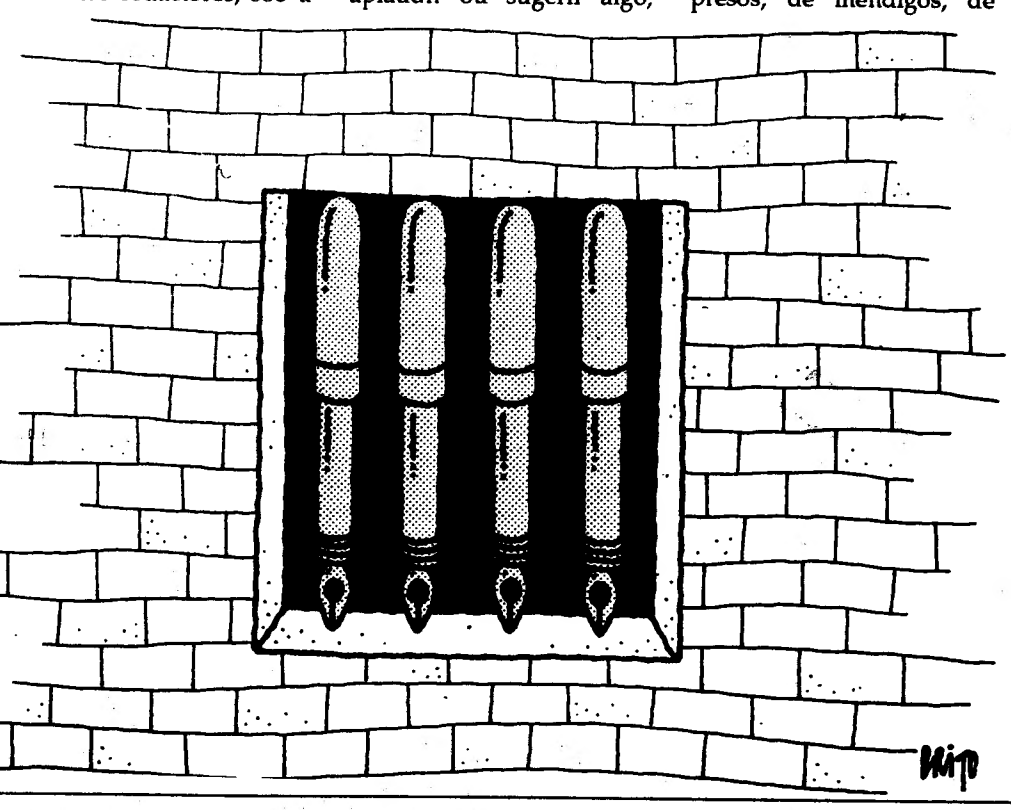




nalismo dão prioridade ao leitor. *Keep readers in mind*, ter o leitor sempre presente, constitui a norma de ouro para todo o bom profissional. Os leitores são, como já afirmei, os verdadeiros donos da Informação. Os jornalistas limitam-se a administrar essa propriedade alheia. A liberdade de Informação não é, por si só, um direito exclusivo dos profissionais do sector, mas sim dos cidadãos e do conjunto da sociedade. Não pode existir um Estado democrático sem Informação livre, pois a democracia baseia-se no sufrágio universal e na opinião pública. Mas os jornais também não podem ditar essa opinião. Para quem acompanhe individualmente, *de fora*, a aventura da Imprensa, será surpreendente constatar até que ponto as publicações adquirem uma vida própria e escapam das mãos do director e dos redactores, sob a pressão da opinião dos leitores. Muitos asseguram que se trata de obedecer às leis do mercado, de dizer o que os outros esperam que se diga, com o intuito de vender mais. Mas não é isso. Os que acreditam na função social da nossa profissão, no interesse público de um jornal, sabem que escutar os conselhos e a opinião de quem nos lê é a única forma de servir a opinião pública. No final, este terrível ofício, que é o jornalismo - com um horário absurdo e pressões sem conta -, só é compensado pela consciência de saber que, todas as manhãs, existem trezentas ou quatrocentas mil pessoas que nos lêem e nos julguem. Não ouvir o que dizem, menosprezar a sua existência, é não só uma estupidez intelectual como a melhor maneira de afundar uma publicação.

O leitor de um jornal que se dá ao trabalho de escrever uma carta, para protestar, aplaudir ou sugerir algo, mete-a num envelope, põe-lhe um selo, e leva-a ao Correio - é, sem dúvida, alguém que sente como seu, mal ou bem, o jornal que lê. A capacidade de adesão ou de rejeição explícitas que os espanhóis, que lêem jornais, demonstraram, constitui um sintoma, em meu entender, de que estão preparados para a participação e o diálogo em todos os sentidos. Nem o nosso povo era iletrado, nem estava pouco preparado para a democracia. Os espanhóis são - como é fácil verificar - um povo que ama o diálogo e deseja encetá-lo, que exerce um sentido crítico tão agudo ou ponderado quanto necessário; capaz, em resumo, de expôr as suas ideias com absoluta normalidade e correcção.

Escreve-se para um jornal pelas razões mais diversas. Conservo cartas de exilados políticos, de emigrantes, de prostitutas, de terroristas, de presos, de mendigos, de ministros, de intelectuais, de operários, de estudantes, de toureiros, de banqueiros, de artistas, de padres, de crianças, de militares, de juízes, de embaixadores, de ciganos. Cartas que insultam, que elogiam, que criticam, que dilaceram, que motivam, que animam, que emocionam, em todas as circunstâncias, porque nelas vibram o coração, as ideias, os sentimentos de quem quis falar e expressar-se. Como acalmar o governante ríspido, o político indignado, incapaz de engolir sapos, que nos acusam, inexoravelmente, de sermos tendenciosos, mendazes ou falsários? Que dizer à dona de casa que pde dinheiro porque o marido está em greve e foi despedido? Que se pode dizer ao preso que confessa ser o nosso jornal á única réstea de vida e de esperança? Como apaziguar o intelectual, sempre tão farto de que lhe paguem pouco e menos o publiquem? Até onde investigar a denúncia anónima de uma corrupção ou de um escândalo? E que valor atribuir às ameaças, às queixas destituídas de razão, às expressões de júbilo e de dor que, diariamente, inundam o correio? Um jornal não é, por si só, o telefone da esperança. Será que o deveria ser? Em qualquer caso, um diário, aqui e agora, em Espanha, não tem desculpa nem razão de ser se não colocar as suas páginas ao serviço do grande debate nacional da actualidade. Ou a Imprensa é um local de encontro e de diálogo, uma tribuna das liberdades, ou, verdadeiramente, não tem razão de existir.



Juan Luis Cebrián
In "La Prensa y la Calle"
Editora Nuestra Cultura
(Tradução de Isabel Joyce)

COMENTÁRIO

Cartas na mesa

Dantes, amontoavam-se na secretária do redactor encarregue de lhes dar destino: o jornal ou o arquivo. Era no tempo em que o vazio da rádio, primeiro, depois da TV e do vídeo deixava tempo para ocupar e criava a necessidade de o preencher. O telefone era um privilégio, o fax uma profecia; lançava-se, pois, mão do papel e escrevia-se aos familiares, ao namoro, aos amigos — e aos jornais. Com vagar e apuro, desenhando a letra, saboreando o ritual das fórmulas em uso. «Meu prezadíssimo Amigo». «Ilustríssimo Senhor». «às ordens de V. Excia». «Atento, venerador e obrigado». «Querida Tilia». «Amor agreste da minha vida». «Exmo. Senhor Director». Era no tempo da estampilha barata, lambida num esgar, da liberdade de endereço, ainda não espartilhado nos códigos postais, da livre escolha do sobrescrito, ainda não torturado pela normalização. O cartear era fácil, acessível, indispensável. Aqueles mais dados à prosa cultivavam a correspondência (os escritores reservam para esse convívio selecto a confissão de intimidades decisivas para o entendimento das suas obras, quando não o cultivam como género literário) e os analfabetos não dispensavam este meio soberano de comunicação: pediam que lhes escrevessem as cartas, essenciais. «Meu querido filho. Espero que ao receberes desta te encontres bem». O carteiro era relevante personagem de romance, o mensageiro das boas e das más novas, o traço de união entre os homens, longe que estivessem uns dos outros. «Via air mail». O moço de recados também. A criada de confiança também. «Por mão própria».

Esta função está hoje preferentemente adstrita ao telefone e ao fax — o telex já sofre do mesmo destino das cartas, ultrapassado pelos sucessivos prodígios da tecnologia; e os jornais que, outrora, abarrotavam de papéis que eram outros tantos desabafos conserváveis e vivos, impressos como tinham a mão e o carácter dos seus autores, os jornais retinem hoje de telefonemas, coisas efémeras, quais notícias, por muito caras que para nos sejam as vozes longínquas. As cartas rareiam. Não admira: consomem tempo, custam caro e os novos meios de comunicar são mais expeditos. Donde, a saudosa secção das «Cartas ao Director» vai definhando. Nem só por comodidade; também como reflexo da barreira, cada vez mais espessa, erguida pelo audiovisual entre as pessoas. Escasseia o tempo para ler jornais — ou o tempo para ler jornais é ocupado com outras actividades, em regra passivas —, a «bica» bebe-se ao balcão sem o tempero de uma conversa, a vida familiar recua ante o império da telenovela, a incomunicabilidade domina. Os homens dão-se cada vez menos ao trabalho de escrever uma carta, de lamber o sobrescrito, de sair para comprar o selo, de ir à procura de um marco de correio. No caso português, o lastro do autismo que a ditadura nos impôs pesa sobremaneira na resistência à expressão pública de opiniões.

Nem todos, porém, desistiram de uma presença física nos jornais, ou a rejeitaram, malgrado a influência de circunstâncias semelhantes às que nos embargam a pena. O artigo de Juan Luis Cebrian, que hoje publicamos com a conclusão amanhã, é de molde a varrer o pessimismo. «El Pais» não tem razão de queixa. O convívio democrático fortalece-se, as vozes soltam-se. Foi com a mesma esperança que mantivemos no «DL» a secção «Cartas na Mesa», um permanente convite aos leitores para que tomassem este jornal como seu, ponto de encontro de debates, moderno forum onde desejaríamos tivesse vicejado — como vicejou — o aplauso e a crítica, para melhor saúde e pujança da nossa vida colectiva.

João Paulo de Oliveira

POLÍTICA

Primeiro com o Presidente da República e depois na Assembleia, com o presidente Vítor Crespo, a rainha Beatriz e o príncipe Claus dedicaram ontem o dia praticamente a compromissos oficiais

Mário Soares não poupou críticas à repressão praticada pelo regime da antiga colónia holandesa

Timor-Leste é o ponto sensível da visita da rainha Beatriz

A questão de Timor-Leste, trazida ontem a público pelo Presidente da República, à sobremesa do banquete oficial no Palácio da Ajuda, constitui o único ponto politicamente sensível da visita de três dias que a rainha Beatriz da Holanda está a fazer a Portugal.

A visita prossegue hoje, constando do programa, como actos mais relevantes, um almoço com o primeiro-ministro e visitas à Câmara de Lisboa, a uma escola de Almada e a uma fábrica na Boa-Hora.

À noite, a rainha e o príncipe Claus assistem a um concerto de orgão na Igreja de S. Roque oferecendo de seguida uma recepção no Palácio de Queluz. Os soberanos holandeses deslocam-se amanhã ao Porto, concluindo no Norte a estada de três dias em Portugal.

No seu discurso, ao jantar, Mário Soares sublinhou haver zonas do Globo onde «ainda não chegaram os ventos de liberdade e de afirmação dos direitos humanos». E referindo concretamente Timor-Leste, o Presidente da República tocou no ponto politicamente sensível desta visita, dado saber-se haver uma compreensão mais vincada da Holanda do que de qualquer outro País da Comunidade Europeia para com o comportamento do Governo da Indonésia, sua antiga colónia.

Soares denunciou «a persistente ocupação do território de Timor-Leste pela Indonésia e a repressão brutal que o povo ali continua a sofrer, ambas em violação flagrante dos mais elementares princípios do Direito Internacional».

«Ao povo de Timor-Leste urge garantir os meios necessários para o exercício do direito à autodeterminação que a Carta das Nações Unidas lhe reconhece, tal como a preservação da sua identidade cultural, linguística e religiosa».

Confiança na capacidade dos portugueses na Europa

A rainha Beatriz manifestou, entretanto, a sua confiança na capacidade dos portugueses para enfrentarem a Europa sem fronteiras de 1993 dizendo que os pequenos países (como é os casos da Holanda e de Portugal) são «os guardiões dos ideais pelos quais nós, europeus, estamos ligados e são eles que concretizam a unidade na diversidade que faz a força da Europa».

As porcelanas chinesas na Gulbenkian algo de curiosidade da rainha

Na sua resposta ao Presidente da República, ao jantar de ontem, a rainha Beatriz disse que a evolução da economia portuguesa, depois da adesão ao Mercado Comum, «constituiu um sucesso». De «crescimento impressionante» falou, mesmo, invocando o testemunho de «numerosos empresários estrangeiros», nomeadamente holandeses, que se apercebem «das possibilidades do novo Portugal e se sentem por ele atraídos».

A rainha da Holanda sustentou ainda, neste seu pronunciamento oficial, que «a Europa não deve ser um Continente fechado sobre si próprio», devendo antes «pôr os seus talentos, a sua prosperidade e o seu génio igualmente ao serviço de outras partes do Mundo».

Encorajamento à paz em Angola e Moçambique

O Presidente Mário Soares, por sua vez, defendeu a necessidade de encorajar os processos de paz e reconciliação nacional em Angola e Moçambique.

O Presidente da República considerou fundamental «a reconciliação nacional» nas duas antigas colónias portuguesas, assim como «o prosseguimento de uma política de reformas que conduza à abolição definitiva do *apartheid* na África do Sul».

«Perpassam hoje, felizmente, no continente africano, os ventos de mudança, de abertura ao diálogo e aos valores da democracia pluralista», afirmou Mário Soares que acentuou o reforço da cooperação luso-holandesa como contributo possível para o progresso da África.

«Não faltarão projectos», disse, «onde a conjugação de esforços poderá trazer importantes benefícios para a Holanda, para Portugal e, sobretudo, para os países destinatários em África».

Mário Soares concluiu pela defesa do aprofundamento do processo de integração comunitário como forma de aglutinar os regimes de Leste «na nova arquitectura europeia de geometria variável».

Esse aprofundamento traduz-se, segundo o Presidente da República, «necessariamente, tanto na realização da União Económica Europeia, como numa melhor definição dos caminhos para a União Política Europeia».

OLIVEIRA & PINTO, LDA.
168 — RUA DA PRATA — 172
VISITE A N/ SECÇÃO ECONÓMICA
OS MELHORES PREÇOS DO MERCADO — APROVEITE A CAMPANHA ESPECIAL DE ABERTURA

Papel de parede importado	480$/rolo	Chintz alemão 100% algodão: 1,50 larg. .	990$mt
Carpete acrílica: 150X200	6.600$/cada	Voil terylene: larg. 3,00	590$mt
Carpete acrílica: 170X240	8.980$/cada	Conj. completo varão madeira: 1,80	3.290$/cada
Tapete quarto acrílico: 50X100	1.350$/cada	Almofada em seda (pechincha)	990$/cada

NÃO COMPRE SEM NOS CONSULTAR

POLÍTICA

Presidência aguarda 16 meses pela autonomia financeira

O Orçamento de Estado para 1991 reserva à Presidência da República 1,2 milhões de contos enquanto a futura lei da autonomia administrativa e financeira da Presidência aguarda despacho em sede de Comissão Parlamentar há cerca de 16 meses.

O projecto de lei que deu origem a esta situação resultou de uma iniciativa do PS e foi debatido pela primeira vez na Assembleia da República em 11 de Julho de 1989, tendo sido posteriormente aprovado, na generalidade, em 2 de Novembro do mesmo ano. Antes da votação o PSD apresentou algumas reservas ao texto. Acabou por votar favoravelmente. O projecto de lei do PS baixou depois à Comissão Parlamentar de Economia, para ser elaborado o texto final. Rui Carp, quando abandonou o cargo de secretário de Estado do Orçamento, ficou encarregue dessa tarefa .

Fonte parlamentar disse à Lusa que na altura a questão ficou dependente de um almoço entre Rui Carp e Almeida Santos. O dirigente socialista garante agora que não há divergências entre o PS e os social-democratas em relação àquela matéria. Carp, por seu turno, corrobora estas afirmações, sublinhando, no entanto, que dotar a Presidência da República de autonomia administrativa e financeira implica o «aperfeiçoamento do regime de autonomia proposto na iniciativa socialista bem como a sua adequação à contabilidade pública.

«Não é correcto pôr o Presidente da República a responder perante um conselho administrativo», acrescentou Rui Carp.

De acordo com o projecto socialista, a Presidência da República elabora, propõe e executa o seu próprio orçamento, sendo, na sua função administrativa, coadjuvada por um conselho de administração constituído pelo chefe da Casa Civil, chefe da Casa Militar e secretário-geral da Presidência.

Os limites de competência para a autorização de despesas relativamente aos membros do conselho de administração da Presidência e ao PR são os que vigoram para os dirigentes de órgão dotados de autonomia administrativa, para o primeiro-ministro e para o Conselho de Ministros.

Como receitas da Presidência são apontadas: as dotações inscritas no Orçamento de Estado, os saldos dos anos findos, o produto de edições ou publicações, os direitos de autor e as demais receitas que lhe forem atribuídas por lei .

Apesar de o assunto permanecer em comissão, os representantes dos três maiores partidos com assento parlamentar afirmam que tudo pode ficar resolvido até ao final do ano, antes das eleições presidenciais.

Estatuto da Madeira é hoje votado

Votar ao lado da maioria, na bancada parlamentar de que fazem parte em S. Bento, ou distanciar-se afirmando uma certa solidariedade regional para com os seus correligionários da Assembleia Legislativa, é o dilema dos deputados madeirenses do PSD ainda não resolvido ao fim da manhã de hoje.

A Assembleia da República vota esta tarde o Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma da Madeira e os eleitos pelo PSD na região confessaram públicas dúvidas entre o voto favorável e a abstenção. No primeiro caso fariam coro com toda a bancada social-democrata; no segundo aproximar-se-iam do sentido de voto da Assembleia Legislativa Regional que tem posições discordantes da AR sobre diversos pontos do Estatuto. A AL já deu, aliás, um parecer negativo sobre o diploma considerando que ele limita a plena autonomia regional.

«A expressão final do nosso voto só hoje e sobre a hora da votação será definida», disse ontem aos jornalistas o deputado Guilherme Silva, presidente da Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias e ele próprio eleito pelo círculo do Funchal.

Em 1991, para quem tem responsabilidades familiares

Sete mil já só cumprem quatro meses de tropa

Cerca de sete mil jovens vão cumprir já em 1991 um Serviço Militar Obrigatório (SMO) de quatro meses, segundo estimativas das Forças Armadas, disse uma fonte governamental. Prioritariamente terão um SMO de quatro meses os jovens casados, depois os responsáveis por encargos familiares, e por último, os filhos únicos ou com menor número de irmãos. Em caso de igualdade dentro de cada um dos grupos, vigorará o critério da idade, escolhendo-se os mais velhos.

Aquela fonte adiantou que o número de jovens que beneficiará do SMO de quatro meses será definitivamente estabelecido pelo Ministério da Defesa, até ao final do ano e em função do contingente global.

Esta redução do SMO obrigará ao aumento dos contingentes globais incorporados, prevendo-se que em 1993 ingressem nas Forças Armadas entre 40 mil a 70 mil homens. Actualmente, são recrutados por ano cerca de 30 mil jovens que ingressam, sobretudo, no Exército.

Em 15 de Novembro, o Governo anunciou uma proposta de lei de redução do SMO para quatro meses, a qual abrangerá todos os mancebos que entrarem nas fileiras em 1993 e forem às inspecções em 1991.

Entretanto, o ministro da Juventude disse ontem, no final de uma reunião do Conselho Consultivo de Juventude, destacou «o clima de consenso» entre as organizações sobre a redução do SMO para quatro meses.

Couto dos Santos informou ainda que foi analisada a possibilidade de serem criados incentivos aos voluntários para ingresso nas Forças Armadas. Segundo aquele responsável os incentivos poderão passar pela formação profissional para os jovens que se apresentem voluntariamente.

Hoje serão votados no Parlamento dois projectos de lei do PCP relacionados com o SMO, sendo dado como muito provável a sua rejeição pelos deputados da maioria. O primeiro documento preconiza o reforço dos direitos e garantias dos jovens em prestação do SMO e o segundo defende a criação do Conselho para o SMO.

Cavaco Silva, ontem, na «Primeira Página»

«Roberto Carneiro é um bom ministro»

O primeiro-ministro elogiou abertamente a acção do ministro da Educação na entrevista que ontem concedeu ao programa «Primeira Página» da RTP/1. «Um bom ministro», foi como Cavaco Silva classificou o titular da Educação, em resposta a uma das várias questões que o entrevistador lhe formulou acerca de Roberto Carneiro.

Orçamento, inflação e assuntos comunitários polarizaram o essencial das declarações do Presidente do PSD (foi nessa qualidade que Cavaco Silva foi à televisão), durante cerca de hora e meia. A única pergunta que ficou sem resposta foi o «caso Costa Freire»: recusou-se a comentá-lo.

No mesmo contexto sublinhou que que o Orçamento «não é de qualquer mimistro», mas do Estado, retorquindo assim à ideia de que o ministro não estaria disponível para integrar o próximo Governo face às verbas-meio bilião de contos - que lhe foram disponibilizadas para 91.

Aliás, o único ministro ao qual Cavaco se referiu nominalmente foi justamente o da Educação, sector considerado como «a prioridade deste Governo». Um outro nome citado nas declarações de Cavaco foi o da ex-ministra Leonor Beleza. Muito de raspão e, caso curioso, a propósito da suspensão de Carlos Macedo de militante do PSD. O presidente social-democrata disse o que já se sabia: que isso acontecera face a acusações públicas feitas contra Beleza.

Quanto a Roberto Carneiro, o primeiro-ministro esclareceu que não assumiu nenhum compromisso de eternização no poder com qualquer dos ministros, pelas simples razão de que o XI Governo cai com as eleições legislativas de 1991. «Nas eleições cai todo o Executivo», afirmou.

Falou num outro governante, a solicitação do entrevistador: foi de Oliveira e Costa. Disse em substância não ter indicações «de má-fé» da parte do secretário de Estado dos Assuntos Fiscais.

Acerca de eleições, e reportando-se às presidenciais, realçou que o PSD deseja a reeleição de Soares, não manifestando qualquer preocupação sobre os social-democratas que vão apoiar ou já apoiam Basílio.

O primeiro-ministro avançou ainda que em Março de 1991 a televisão privada poderá já funcionar, uma vez que o concurso para a arrematação do terceiro e quartos canais decorrerá no primeiro trimestre de 1991.

Os investidores interessados na exploração da televisão privada serão informados das cláusulas do concurso jé em Dezembro, devendo fazer chegar as suas propostas até Março. O processo continuará com a anáiise que cabe à Alta Autoridade para a Comunicação Social.

Por entre os auto-elogios que a si próprio e ao seu Governo fez, sobretudo quanto a rendimentos, pensões e obras, o primeiro-ministro informou que, em Março, cessará a cobrança da taxa da TV, adiantando ainda sobre o sector de Comunicação Social, que a privatização do «Diário de Notícias» irá à Bolsa de Valores até finais de Janeiro. Não soube explicar o insucesso da privatização da «Centralcer», mas admitiu que esteja relacionada com a própria conjuntura do mercado. A explicação que encontrou para a baixa da procura bolsista terá a ver com o problema do Golfo.

Júlio Rodrigues

VW Audi

Emapsa

STAND: Rua Gomes Freire, 163 A/B -1100 Lisboa
Telefs. 56 05 88 e 352 43 93

ASSISTÊNCIA E PEÇAS: (Edifício Batista Russo) — Cabo Ruivo Telef. 859 28 68

ECONOMIA

Consumo das famílias portugueses ainda longe dos padrões europeus

Excesso de despesas na alimentação e vestuário e reduzido peso no ensino, cultura e habitação

Uma diminuição das despesas dos agregados familiares portugueses com o tabaco, bebidas e produtos alimentares e um acréscimo das despesas na habitação, aquecimento e iluminação, são algumas das conclusões do inquérito aos orçamentos familiares, efectuado pelo INE, Instituto Nacional de Estatística, entre Março de 1989 e Março de 1990, no Continente e Regiões Autónomas.

Comparado com o último inquérito do INE, realizado em 1980/81, verifica-se que os portugueses, no primeiro caso, baixaram de 40,6 por cento para 34,3 por cento. Estes valores, no entanto, continuam, segundo aquele instituto, a situar-se acima dos níveis europeus.

A Espanha gasta na rubrica alimentação, tabaco e bebidas, 30,1 por cento, a Itália 29,5 por cento, a Irlanda 25,6 por cento, a França 22,1 por cento, a Alemanha 16,9 por cento e a Holanda 16,5 por cento.

O sector da habitação, aquecimento e iluminação, apesar do acréscimo, é um dos mais reduzidos da Europa, não ultrapassando os 13 por cento. Isto deve-se, em grande parte, na opinião do INE, às condições climatéricas favoráveis existentes em Portugal.

Também na área dos transportes e das comunicações, se regista um ligeiro aumento, passando de 13,5 por cento para 15,3 por cento, enquanto no vestuário e calçado se verifica uma baixa de 10,3 por cento para 9,9 por cento. O mesmo acontece com as despesas nos equipamentos domésticos com uma quebra de 8,3 para 7,6 por cento.

«Este inquérito vai permitir, para além da actualização do Índice de Preços ao Consumidor e do lançamento de bases para o apuramento directo do consumo privado a incluir nas Contas Nacionais, igualmente o lançamento de bases para os sistemas de indicadores do nível de vida e de pobreza», disse Manuel Vilares, presidente do INE, no encontro de ontem com a imprensa.

Respondendo indirectamente a quem considera o INE uma instituição que «anda sempre atrasada» nos seus estudos estatísticos, Manuel Vilares acrescentou que este inquérito em relação ao anterior representa o avanço de um sétimo no tempo de feitura.

São os grandes centros urbanos que possuem uma estrutura de consumo mais próxima dos padrões europeus

Menos cultura

Segundo este inquérito, Lisboa e o Vale do Tejo são as regiões cujas famílias possuem uma estrutura de consumo mais próxima dos padrões europeus, continuando, porém, a ser Portugal o país que menos gasta com o ensino, a cultura e as distracções.

Neste sector, regista-se mesmo um decréscimo de dois por cento, passando de 3,7 para 3,5 por cento.

Na análise do INE, a alteração da estrutura do consumo, em termos nominais, resulta da modificação do padrão de consumo das famílias e da evolução diferenciada dos preços dos diversos grupos de despesas.

Neste sentido, as estimativas, a preços constantes, para a evolução das despesas médias anuais dos agregados familiares, no Continente, apresentam uma despesa total com um acréscimo de 10,7 por cento.

Segundo os números fornecidos pelo INE, o grupo habitação, aquecimento e iluminação sofreu um aumento de despesa, em volume, de 47,3 por cento, a saúde e serviços médicos um aumento de 38,2 por cento, os transportes e comunicações um acréscimo de 18,5 por cento, o ensino, cultura e distracção uma subida de 11,5 por cento e o grupo de outros bens e serviços um acréscimo de 17,4 por cento.

Contrariamente a esta tendência, o grupo produtos alimentares, bebidas e tabaco, registou uma diminuição significativa das despesas médias dos agregados, no valor de 5,6 por cento. Esta situação é explicada pelo comportamento das famílias a nível das despesas com a alimentação consumida fora de casa, a qual está integrada no grupo outros bens e serviços.

No parecer do INE, se a alimentação fora de casa fosse integrada no grupo de produtos alimentares, bebidas e tabaco, registar-se-ia um acréscimo, em termos reais, na ordem dos 0,6 por cento.

Este inquérito custou ao INE 300 mil contos, abrangeu 40 mil pessoas, residentes em mais de 12 mil unidades de alojamento. É um trabalho realizado por amostragem, cujos resultados são estimativas com um grau de confiança de 95 por cento.

R.F.S.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	46$95	52$95
ALEMANHA (marco)	87$45	88$65
ÁUSTRIA (xelim)	12$45	12$65
BÉLGICA (franco)	4$078	4$328
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	110$45	112$95
(notas de 5 a 1000)	110$95	113$45
DINAMARCA (coroa)	22$80	23$20
ESPANHA	1$354	1$474
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	128$75	132$25
(notas de 5 a 1000)	129$25	132$75
FINLÂNDIA (marka)	36$50	37$10
FRANÇA (franco)	25$85	26$55
HOLANDA (florim)	77$45	78$55
IRLANDA (libra)	233$50	237$50
ITÁLIA (lira)	$107	$122
JAPÃO (iene)	$977	1$032
NORUEGA (coroa)	22$40	22$95
REINO UNIDO (libra)	255$90	260$40
SUÉCIA (coroa)	23$35	23$85
SUÍÇA (franco)	102$60	104$10
VENEZUELA (bolívar)	2$403	3$283

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Agricultores acusam governo de desprotecção perante CEE

A direcção nacional da Confederação Nacional da Agricultura, na sua última reunião, decidiu fazer violentas criticas ao Governo, acusando-o de não proteger os agricultores portugueses perante os seus colegas da CEE.

A CNA diz que o Governo insiste em prosseguir as negociações relativamente à reformulação da política agrícola europeia, que precede as negociações do GATT, sem auscultar os agricultores portugueses.

A CNA diz que «a obstinada cegueira do Governo português está a conduzir a um grave desajustamento face às condições actuais e às especificidades da agricultura portuguesa, provocando um distanciamento ainda maior face às agriculturas dos outros países da CEE, reservando-nos um papel puramente marginal na agricultura europeia e novos e mais pesados sacrifícios e a ruína para centenas de milhar de explorações e empresas portuguesas.» E acrescenta:

«É particularmente preocupante que tenha sido o Governo português a abrir as portas às produções estrangeiras, com especial gravidade para a eliminação de todos os mecanismos de protecção para as carnes de bovino, de suíno e para o arroz, alguns dos últimos casos conhecidos pelos dossiers que a CNA recebeu de Bruxelas»

«A direcção da CNA vê com grande preocupação que a CEE tenha aceite, nas negociações do GATT, e com o apoio do Governo português, um corte de 30 por cento nos apoios à agricultura. Foi uma capitulação da CEE face às exigências do EUA. Mais uma vez, as autoridades portuguesas ignoraram as especificidades da nossa agricultura.»

Analisando alguns dos aspectos que considera mais graves na actual conjuntura da agricultura portuguesa, a CNA aborda a questão florestal, a do vinho e do preço do gasóleo, nos seguintes termos:

«A produção florestal está a braços com graves problemas de escoamento e baixa de preços da rolaria, consequências da indiscriminada florestção de eucalipto por parte da indústria de celulose que, comprando e arrendando, detêm hoje muitas centenas de milhar de hectares.»

Quanto à questão do vinho , a CNA considera «inadmissível que a CEE queira impor uma taxa sobre a comercialização do vinho, (que pode atingir 40 escudos por litro), sem que haja a mais pequena reacção do Governo português, apesar de saber que tal taxa provocaria uma contracção do mercado, com redução do consumo e dificuldades acrescidas no escoamento».

Quanto ao gasóleo, recorda que o subsídio se mantem em 21 escudos desde 1985, que o preço de tal combustível era de 66 escudos em 1986 e actualmente é de 103 escudos, um aumento de 37 escudos, e conclui: «na prática, o agricultor não recebe hoje qualquer subsídio, pelo contrário, é lesado em 15$50; sabendo-se que a abolição do imposto de compensação vai provocar novo de 6 escudos por litro, a CNA reclama o subsídio de 43 escudos por litro.»

A CNA faz também algumas criticas graves ao conteúdo do Orçamento Geral do Estado para 1991. Ela diz que tal como está, o Orçamento não permitirá que Portugal use inteiramente os fundos comunitários para os investimentos subsidiados. E explica: «A proposta do OGE não contempla as verbas necessárias para a correspondente comparticipação nacional; em relação aos projectos já aprovados em Bruxelas, corre-se o risco de não serem executados por falta da componente portuguesa.»

Por último, a CNA manifesta o seu repúdio pelo novo projecto de lei do PSD que visa retirar os baldios à posse dos povos utentes.

FORUM

O MITO DO V IMPÉRIO

Por Carlos Amado Reis

Em Portugal tem-se falado tanto em «V Império», ao longo de tanto tempo, que deveria saber-se como foi que esse mito surgiu.

A origem do mito é judaica e encontra-se no «Livro de Daniel».

Aconteceu que no século II aC, um dos que em parte do Império de Alexandre Magno lhe sucederam, Antíoco Epífanes, tentou a todo o custo helenizar os judeus e ocupou o Templo de Jerusalém, onde colocou uma estátua de Zeus, contra ele se levantaram os judeus dirigidos sucessivamente por vários membros da família dos macabeus. Para encorajar os combatentes judaicos, foi então escrito um livro atribuído a um profecta que nunca existiu, Daniel, para o qual se inventaram dados biográficos.

Escolheu-se o nome de Daniel porque se tratava de um nome prestigioso, já cantado em antiquíssimos poemas de Ugarit, que em certo livro era colocado entre os nomes de Noé e Moisés; mas os exegetas bíblicos sabem que o profeta Daniel dos tempos do cativeiro não existiu, e os judeus não incluem «Daniel» entre os livros que consideram proféticos. Existe, aliás, no «Eclesiástico», uma lista completa dos profetas maiores e menores aos quais são atribuídos livros, e falta aí precisamente o nome de Daniel. O artifício que foi utilizado é bem conhecido e não oferece dúvidas: o «Livro de Daniel» é o resultado de uma fraude que judeus realizaram com intenções patrióticas.

Para animarem os combatentes indicou-se que todos os impérios, que até então tinha havido no mundo, apenas mereciam ser simbolizados por animais, mas que das lutas conduzidas pelos macabeus ia surgir um império de um tipo novo, um império eterno que seria o único merecedor de ser representado pela figura humana, por um filho do Homem. (Foi aí que pela primeira vez a expressão «filho do Homem» adquiriu um sentido especial).

Para representar todos os impérios do mundo foram escolhidos quatro, por serem quatro os pontos cardiais: - um império do Sul, o Egipto; um do Norte, o dos Assírios ou talvez o dos Medos; um de Leste, o dos Persas; o do Oeste, o império de Alexandre, porque Alexandre chegara à Ásia provindo da Grécia. O império mítico aparecia assim, aos olhos dos que não compreendiam o simbolismo dos pontos cardiais, como o V Império.

«DANIEL» diz:

«Considerava eu, durante a minha visão nocturna, os quatro ventos do céu precipitarem-se sobre o grande mar. Surgiram das águas quatro grandes animais, diferentes uns dos outros. O primeiro era semelhante a um leão, mas tinha asas de águia. Enquanto o contemplava, foram-lhe arrancadas as asas, e ele foi erguido da terra e posto de pé sobre as suas patas como um ser humano, e um coração humano lhe foi dado. Apareceu um segundo animal completamente diferente, semelhante a um urso, erguido de um lado e com três costelas na boca, entre os dentes. E a este diziam: «Levanta-te, devora muita carne!» Depois disso, continuando eu a olhar, vi ainda outro animal, semelhante a um leopardo, que trazia sob os flancos quatro asas de ave; tinha também quatro cabeças e foi-lhe dado o poder. A seguir, ao contemplar essas visões nocturnas, eu vi um quarto animal, terrível e espantoso, e extremamente forte: com enormes dentes de ferro, comia, triturava e calcava aos pés o que restava. Muito diferente dos animais que o haviam precedido, tinha este dez chifres». (1).

«Enquanto eu considerava esses chifres, notei que surgia entre eles ainda outro chifre, pequeno, diante do qual foram arrancados três dos primeiros chifres pela raiz. E neste chifre (2) havia olhos como olhos humanos, e uma boca que proferia palavras arrogantes.

«Eu continuava contemplando, nas minhas visões nocturnas, quando notei, vindo sobre as nuvens do céu, um como *filho de homem*. Ele adiantou-se até ao Ancião e foi conduzido à sua presença. A ele foi outorgado o império, a honra e o reino, e todos os povos, nações e línguas o serviram. Seu império é um império eterno que jamais passará, e seu reino jamais será destruído».

O primeiro animal é um leão: - esfinge, símbolo do Egipto. Um leão com asas, porque os gregos representavam a esfinge colocando-lhe asas; mas «cortaram-lhe as asas», o que significa a conquista do Egipto pelos Gregos; por fim, «foi erguido como um homem», simbolizando a resistência de um Ptolomeu a Antíoco Epífanes.

Quanto à identidade dos outros três impérios, representados por animais, apenas há a apontar que alguns exegetas têm proposto uma identidade romana para o último; essa solução, porém, é tendenciosa, e a identificação com o Império da Macedónia não oferece dúvidas.

As lutas conduzidas pelos macabeus levaram ao estabelecimento da breve dinastia dos asmoneus. E chegou à Judeia a influência romana, e depois o Império de Roma - no seio do qual Herodes, o Grande, foi uma espécie de vice-rei. E apareceu Jesus, que julgava que a figura do «filho do homem» era uma alusão 'a sua pessoa e por isso se intitulou «Filho do Homem».

Jesus passou e, mais tarde, os judeus foram dispersos; e no século XVII apareceu em Portugal o padre António Vieira a dizer que o «V Império» seria o império do rei de Portugal.

A concepção de Vieira distorcia completamente a concepção judaica, pois na concepção judaica os poderes temporal e espiritual estavam reunidos nos «santos de Israel», e na concepção de Vieira o poder temporal residiria em Portugal e o poder espiritual em Roma.

No século XVIII, desenvolveu-se em Portugal uma concepção diferente da de Vieira: - ambos os poderes se concentrariam no rei de Portugal. E a cisão, relativamente a Roma, chegou a estar agendada. O projecto nasceu sob influência austríaca , porque D. João V era filho e marido de austríacas, mas desenvolveu-se sob outras influências, e na sua fase final as maiores esperanças foram depositadas no príncipe D. José - um neto do rei D. José que morreu jovem.

Acerca do príncipe D. José está publicado um livro de João Pedro Ferro. Pela educação especialíssima dada a esse príncipe, que aos nove anos já era saudado com orações em hebraico e em árabe, vê-se que ao longo do reinado de D. José o projecto de o rei vir a receber o poder espiritual evoluiu.

(1) Os generais de Alexandre Magno que disputaram a sua sucessão.
(2) Antíoco Epífanes

DIÁLOGO EURO-ÁRABE

Na actual crise do Golfo, veio, uma vez mais, pôr-se o velho problema do relacionamento entre a Europa e o mundo árabe, pois, independentemente de qualquer contingência momentânea, esse relacionamento não pode deixar de ser aprofundado, a bem da própria paz e segurança internacionais.

Os governantes passam, e os países e os respectivos povos permanecem. Torna-se necessário, por isso, reavivar o diálogo euro-árabe e torná-lo efectivo, institucionalizando-o, na linha da reunião realizada, em Paris, de 21 a 23 de Dezembro último, entre os ministros de doze países da CEE e dos vinte e dois Estados da Liga Árabe.

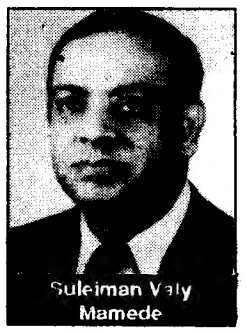
A reunião então realizada, no último mês da presidência francesa da CEE, teve por objectivo reestruturar e relançar o diálogo euro-árabe, tendo incluindo intervenções do Presidente francês, François Mitterrand, e do rei Hassan II, de Marrocos, como presidente da Cimeira dos Estados Árabes. Foi graças a Chadli Klibi, na altura secretário-geral da Liga Árabe, com o apoio tácito do Presidente François Mitterrand, que foi possível restabelecer o diálogo que estava em ponto morto, desde 1983, entre a CEE e os países árabes.

Essa reunião de Paris foi precedida de vários contactos preliminares em Bruxelas, estabelecidos por Klibi, que se encontrou com o presidente da Comissão Europeia, Jacques Delors, com o responsável das relações Norte-Sul, Claude Cheysson, e com Léo Tindemans, na altura Presidente em exercício da CEE e ministro dos Negócios Estrangeiros da Bélgica. Klibi tinha dois objectivos essenciais: reabertura do diálogo euro-árabe (inexistente desde 1983), que teve lugar em Paris; convocação de uma eventual reunião especial dos ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE (com o apoio prévio de Léo Tindemans) para analisar a situação do Médio Oriente.

Torna-se cada vez mais necessário relançar o diálogo euro-árabe, a fim de fomentar uma cooperação económica, técnica e cultural com vantagem para todas as partes envolvidas

A Conferência Euro-Árabe que decorreu em Paris foi encerrada no Palácio do Eliseu, pelo Presidente François Mitterrand, que pronunciou um importante discurso, do qual salientamos alguns passos mais significativos:

«...Vós demonstrastes um acto de vontade política, de renovar um diálogo que encontra a sua justificação na Geografia e na História, nos laços que ligam os nossos países, através dos séculos, como na realidade quotidiana das nossas opções de hoje. A ambição natural que nós tivemos, há uns quinze anos, de nos reunirmos não pôde, verdadeiramente, concretizar-se, e é preciso dizer que o *diálogo entre árabes e europeus estava bloqueado desde há seis anos...* Para sairmos desse marasmo, é necessário fomentar o diálogo entre nós... A posição dos Doze toma em conta o direito dos Estados e o direito dos povos. No Direito dos Estados, insere-se o direito de Israel à existência, o que implica o seu reconhecimento e o direito à segurança, o que supõe fronteiras seguras e reconhecidas garantias. Por sua vez, o direito dos povos à justiça, ao exercício dos direitos políticos fundamentais, traz imediatamente ao espírito o direito à autodeterminação, e particularmente o povo palestiniano...»


Suleiman Valy Mamede

Efectivamente, torna-se cada vez mais necessário relançar o diálogo euro-árabe, a fim de fomentar uma cooperação económica, técnica e cultural com vantagem para todas as partes envolvidas.

Os árabes e europeus podem envolver-se solidariamente na realização de objectivos comuns, se partirem do facto de que ambas as partes — cada uma no limite dos seus meios — serão responsáveis pela gestão destes grandes blocos que representam sectores importantes da Humanidade.

Desse relançamento do diálogo euro-árabe esperam os observadores internacionais uma grande plataforma de entendimento entre os dois blocos, da qual podem surgir, não só benefícios imediatos, no campo económico, para as partes envolvidas, mas também e sobretudo a solução do difícil problema palestiniano, causa principal, de há quarenta anos para cá, da instabilidade e insegurança instaladas em quase toda a zona do Médio Oriente.

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director
António Ruella Ramos

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)
Mário Mesquita (1989/1990)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
Daniel Reis e Rodrigues da Silva
Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, José Luís Feronha e Neves de Sousa

Redacção e reportagem fotográfica:
Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Céu Neves, Dina Soares, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, Jorge Ferreira, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Marina Tavares Dias, Pedro Alvim, Rodrigues Borges, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria da Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. **Impresso na Renascença Gráfica, SA** - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

CONSUMO E PRESENÇA SINDICAL CONSUMERISTA

O crescimento económico do pós-guerra caracterizou-se pelo papel inédito e determinante exercido pelo consumo. Até então a acumulação do capital era o elemento essencial do crescimento. Ora a economia do consumo assenta precisamente num desenvolvimento paralelo do consumo individual (e doméstico) e da formação do capital.

Essa transformação foi possível graças aos ganhos de produtividade e ao modo de regulação dos salários e dos rendimentos.

Passou-se de um consumo do mínimo vital para um consumo de abundância, de proliferação, numa atmosfera de permanente sedução. As dimensões e as implicações do fenómeno foram tais que fizeram emergir uma «norma social de consumo» que privilegiou o consumo individual em detrimento do consumo utilitário e colectivo. Trata-se de um fenómeno delicado e onde se confrontam dois modelos de sociedade que sumariamente se podem perfilar assim: - de um lado, a preocupação pela satisfação das necessidades elementares e o acréscimo de solidariedade entre consumidores (é o eixo da proposta social-democrata do Estado-Providência); - por outro lado, o modelo de «consumo final privado», dominado pelo primado da soberania do consumidor, e em que se procura encarar o consumidor como um especialista do mercado (é a concepção dos tecnocratas, para quem consumidores ricos e pobres são indistintamente avaliados à mesma luz dos direitos legalmente consagrados).

Este conjunto assume-se em múltiplos níveis: na discussão sobre o desenvolvimento; na actividade dos militantes do movimento social; na perspectiva da própria Administração, dividida em poder intervir para que o modelo de consumo seja menos injusto ou em legislar numa qualquer perspectiva dos direitos dos consumidores.

Entendamo-nos acerca das razões por que é tão convidativo engrenar na «norma social de consumo» em detrimento da solidariedade e do espírito da cooperação.

A diversidade de técnicas e a variedade de bens, modelos e referências não significam só fascínio e expectativa do consumidor; implicam também temor, um sentimento de inferioridade nas relações do mercado. O consumidor precisa de vigilância no cumprimento das normas dos produtos, e o Estado não enjeita tal incumbência já que a prevenção lhe sai mais barata que o remédio: quantos milhões de horas de trabalho perdidas representarão os acidentes domésticos, por exemplo? Que protecção jurídica quando o consumidor adere ou subscreve as condições dos contratos-tipo? Como fazer funcionar a concorrência entre as multinacionais de especialidades farmacêuticas que ditam sem nenhum constrangimento os seus preços na produção? Que direitos sociais são assegurados nesta sociedade de consumo caracterizada pela dualização crescente?

Enfim, o consumerismo que foi inicialmente tributário de impetuoso crescimento económico e de uma economia de pleno emprego, tendo dado origem a um fenómeno associativo de especialização a favor dos direitos dos consumidores, acabou por se submeter a uma revisão após as crises petrolíferas e as readaptações tecnológicas dos anos 70. Hoje, o consumerismo tem virtualidades para se constituir como um elemento macro-económico muito importante. É esse um dos mais entusiasmantes desafios que se põe à presença sindical na prática política a favor da qualidade de vida.

Os sindicatos, tal como as organizações de famílias, ou as cooperativas de consumo ou as associações de defesa do consumidor, foram imediatamente afectadas pela questão dos «consumidores» logo nos anos 60.

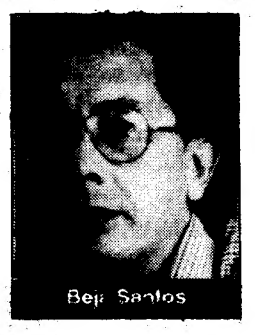
No caso da CEE, aquando da criação do Comité de Contacto dos Consumidores, dentre os membros fundadores, em 1962, encontrava-se a Confederação Europeia dos Sindicatos, ao lado das cooperativas, organizações de famílias e associações da defesa do consumidor. Para os sindicatos a questão consumo de massas, na época, era ainda um tumulto de reivindicações que passava à margem de formação sindical: não se confundia nem com a contratação nem com as normas de higiene e segurança nem muito menos com o espectro do consumidor submetido às vicissitudes do desemprego ou da crise da segurança social.

Só no final dos anos 70 é que se instalou no interior dos sindicatos uma preocupação consumista compatível com o novo quadro económico e institucional: o acesso à sociedade de consumo tendo por base um aumento substancial e contínuo dos rendimentos foi substituído pela preocupação de garantir uma presença na política dos consumidores orientada em três vertentes: defender os consumidores mais vulneráveis graças a esquemas a que não será estranha a reivindicação sindical; promover reflexão sobre a qualidade de vida, em que o trabalhador reencontra o seu estatuto de consumidor; intervir mais activamente nos debates públicos ao lado de todos os actores económicos, sociais e culturais para encontrar alternativas de amplo consenso para os grandes problemas (desequilíbrios estruturais das finanças públicas, financiamento de protecção social, redinamização da ideia cooperativa e mutualista, forma de dignificação dos consumidores marginalizados, por exemplo).

A reflexão sindical assenta na convicção de que temos de utilizar mais racionalmente os nossos recursos e que a visão que possuem da produção-distribuição-consumo deverá ser aproveitada para a análise de certos custos ambientais. Na essência desta proposta há a perspectiva que a política de ambiente deve tornar-se parte integrante da política global do quadro de vida

É este o quadro da presença sindical consumerista, certamente um dos instrumentos mais poderosos da reestruturação de pensamento sindical para a 3.ª Revolução Industrial.

Pensou-se inicialmente que os sindicatos deviam organizar um contrapoder eficaz fora da empresa face ao patronato - esse contrapoder centrar-se-ia nas questões de consumo e no acesso aos serviços de qualidade e seria um processo de estar fundamentalmente a lançar uma crítica ao funcionamento do sector público, alvo da desregulamentação dos governos neoliberais. Mas venceu a lógica de um funcionamento organizativo voltado para a defesa e promoção dos interesses globais dos trabalhadores-consumidores e famílias, reforçando-se a acção sindical no domínio do consumo com a criação de grupos de estudos, associações de consumidores e departamentos sindicais específicos. Foi assim que na década de 70 nasceram movimentos sindicais de consumidores em França (Force Ouvrière, CGT e CFDT), Bélgica (CSTC e FGTB) e Dinamarca (Lo), e na década de 80 os países do Sul deram a sua resposta própria: ADICONSUM (CGIL, Itália), União dos Consumidores de Espanha (UGT) e UGT - Consumidores (Portugal). A todas estas entidades irmana uma filosofia ou tendência consumerista de retorno à solidariedade e denúncia das formas de pobreza. Por exemplo, eles dão uma atenção particular a questões relacionadas com o financiamento dos sistemas de segurança social face às nossas realidades das finanças públicas ou ao estudo dos impactos sociais do mercado interno envolveu nas condições de vida dos trabalhadores-consumidores..


Beja Santos

A presença sindical procura ainda encontrar resposta para a compatibilização de consumo com o ambiente e quadro de vida. Que significa isto? A reflexão sindical assenta na convicção de que temos de utilizar mais racionalmente os nossos recursos e que a visão que possuem da produção-distribuição - consumo deverá ser aproveitada para a análise de certos custos ambientais. Na essência desta proposta há a perspectiva que a política de ambiente deve tornar-se parte integrante da política global do quadro de vida.

Por último, destacam-se os 3 eixos fundamentais da política nacional de consumo e comunitária onde é mais oportuno ao consumerismo sindical ter uma palavra:

- luta contra a inflação (contra o comportamento inflacionista dos operadores económicos e na exigência de uma maior transparência de mercado);
- melhoria da qualidade dos produtos, dos serviços e do ambiente (política de qualidade dos bens duráveis e reutilizáveis, política de energia e do ambiente, reciclagem de resíduos, etc);
- estímulos a uma nova racionalidade no conportamento dos consumidores e luta contra o proteccionismo na Comunidade.

Enfim, o sindicalismo parece possuir um ânimo renovado para combater a perversão da «norma social de consumo». Será que o «aprender a ser» vai dar lugar ao «aprender a ter»?

INTERNACIONAL

Bulgária poderá pedir integração na NATO

Os deputados bulgaros disseram na sede da NATO que vão debater o pedido de adesão ou não do seu país, um dos membros do Pacto de Varsóvia, a Organização do Tratado do Atlântico Norte.

Fontos da NATO disseram ontem que uma delegação de cinco deputados bulgaros da oposição visitou a sede da NATO na semana passada e falaram ao secretário-geral dasta organização, Manfred Woerner, de um documento que pretendem submeter a debate parlamentar.

«Woerner ficou aoarentemente surpreendido, principalmente porque esse documento apela ao parlamento para considerar o pedido de adesão da Bulgária à NATO», afirmou uma fonte desta organização.

Outros países da Europa de leste, preocupados com a dissolução do pacto de varsóvia e o aumento dos problemas internos, tem elogiado a NATO, mas até agora nenhum membro do Pacto de Varsóvia pediu a adesão à aliança militar ocidental.

Entretanto o general soviético responsável pela coordenação do Pacto de Varsóvia, preconizou ontem a conversão das duas alianças militares europeias numa força de manutenção da paz semelhante à das nações Unidas.

Vladimir Lobov disse que uma tal estrutura poderia ficar ligada ao novo centro europeu de prevenção de conflitos, sugerido no âmbito da conferência da semana passada em Paris sobre a segurança e cooperação na Europa.

Polícia bulgara afasta grevistas

A polícia de choque bulgara utilizou ontem gás lacrimogéneo e bastões para dispersar centenas de grevistas que bloqueavam as principais entradas de Sofia, no segundo dia de greve geral destinada a derrubar o governo socialista.

O líder do Sindicato dos Transportes, Alexander Angelov, afirmou que os confrontos ocorreram perto do centro de Sofia, quando a polícia procurava remover veículos colocados pelos grevistas para bloquear as entradas da capital.

A polícia confirmou os incidentes, mas negou ter usado a violência. Dezenas de milhar de trabalhadores bulgaros iniciaram seunda-feira uma greve geral para derrubar o Governo do primeiro-ministro Andri Lukanov, formado por antigos comunistas, agora denominados socialistas.

Os protestos dos trabalhadores foram motivados pela degradação do seu nível de vida e pela escassez de produtos essenciais, nomeadamente, combustíveis e bens alimentares. Mas a greve, decretada pela confederação dos sindicatos Podekrepa, não está a ter a adesão de um grande número de trabalhadores bulgaros.

Redacção «DL»/Lusa

Ex-primeira ministraThatcher «radiante» com a escolha do que foi considerado o seu «delfim»

Major é hoje indigitado pela rainha Isabel II

Jonhn Major, de 47 anos, considerado um «delfim» de Thatcher, após a vitória na segunda volta das eleições para a liderança do Partido Conservador britânico, ocorrida ontem, é hoje formalmente indigitado pela rainha Isabel II para a chefia do Governo. Major sucede no cargo à «Dama de Ferro», que esta manhã apresentou à soberana inglesa a sua demissão.

«É uma honra muito excitante ser eleito líder do Partido Conservador e primeiro-ministro britânico», afirmou Major perante populares que ontem o aplaudiram à porta do número 10 da Downing Street, com a mulher, Norma. Disse ainda que, «com a passagem do tempo veremos que Margaret Thatcher foi uma grande primeira-ministra».

Thatcher, por seu lado, disse estar «radiante» pela eleição de John Major e foi imediatamente visitá-lo, na casa ao lado (número 11 da Downing Street), tendo-o cumprimentado calorosamente pela sua vitória.

A ex-primeira-ministra despediu-se ontem da Câmara dos Comuns, tendo defendido os êxitos da governação durante a sua última sessão de perguntas e respostas.

Mas o resultado da segunda volta das eleições para a liderança dos «tories» foi realmente sensacional e dramático. Em primeiro lugar, John Major obteve 185 dos 187 votos, ou 49,7 por cento. Os outros dois candidatos reagiram de imediato. Michael Heseltine retirou a sua candidatura e prometeu votar em Major. Douglas Hurd, por seu turno, afirmou que apesar de as regras da competição não permitirem que ele se retirasse, o seu voto iria para John Major, tornando-se assim automaticamente o novo líder e primeiro-ministro.

John Major: «É muito excitante ser eleito líder»

Major, que será o mais jovem primeiro-ministro da Grã-Bretanha neste século, foi eleito pelo Parlamento em 1979, tendo sido nomeado o ano passado para chefiar a pasta de Economia. Desde que Thatcher o nomeou ministro das Finanças, Major foi visto como o possível sucessor da primeira-ministra.

Heseltine, o grande derrotado na corrida para suceder a Thatcher, também se manifestou satisfeito pela vitória de Major, louvando o seu estilo e campanha travada «sem rancor ou azedume», o que considerou «as grandes bases para a unidade do partido».

Reacçõespositivas

Conhecida a vitória de John Major, várias mensagens de felicitações foram ontem recebidas ontem em Londres, entre as quais um telefonema de George Bush, que manifestou o desejo de se encontrar em breve com o novo primeiro-ministro britânico.

Internamente, a vitória de John Major foi acolhida positivamente pela maioria dos círculos financeiros do Reino Unido.

A libra esterlina reagiu de imediato à notícia, subindo de 1,9750 para 1.9790 dólares, segundo fonte da «City».

Mas o sucessor de Thatcher terá que se confrontar com uma série de questões «bastante quentes», segundo os analistas britânicos, nomeadamente o imposto camarário (*pool tax*), a CEE, o Golfo, os sistemas de saúde e da educação, que contribuíram grandemente para o afastamento de Margaret Thatcher.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

C. E. U.

COOPERATIVA DE ENSINO UNIVERSITÁRIO, C.R.L.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA
CONVOCATÓRIA

Nos termos do n.º 2 do Art.º 42.º e para efeitos da alínea c) do Art.º 46.º do Código Cooperativo, e a solicitação da Direcção, convoca-se a Assembleia Geral Ordinária da Cooperativa para o próximo dia 17 de Dezembro, às 17 horas, para se reunir em Lisboa, na Rua de St.ª Marta, n.º 56, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único: Apreciação e votação do Plano de Actividades e do Orçamento para o ano de 1991.

Se à hora marcada não houver 'quorum' a Assembleia Geral Ordinária reunirá uma hora depois com qualquer número de Cooperadores.

Lisboa, 27 de Novembro de 1990.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Prof. Dr. José António Figueiredo Almaça

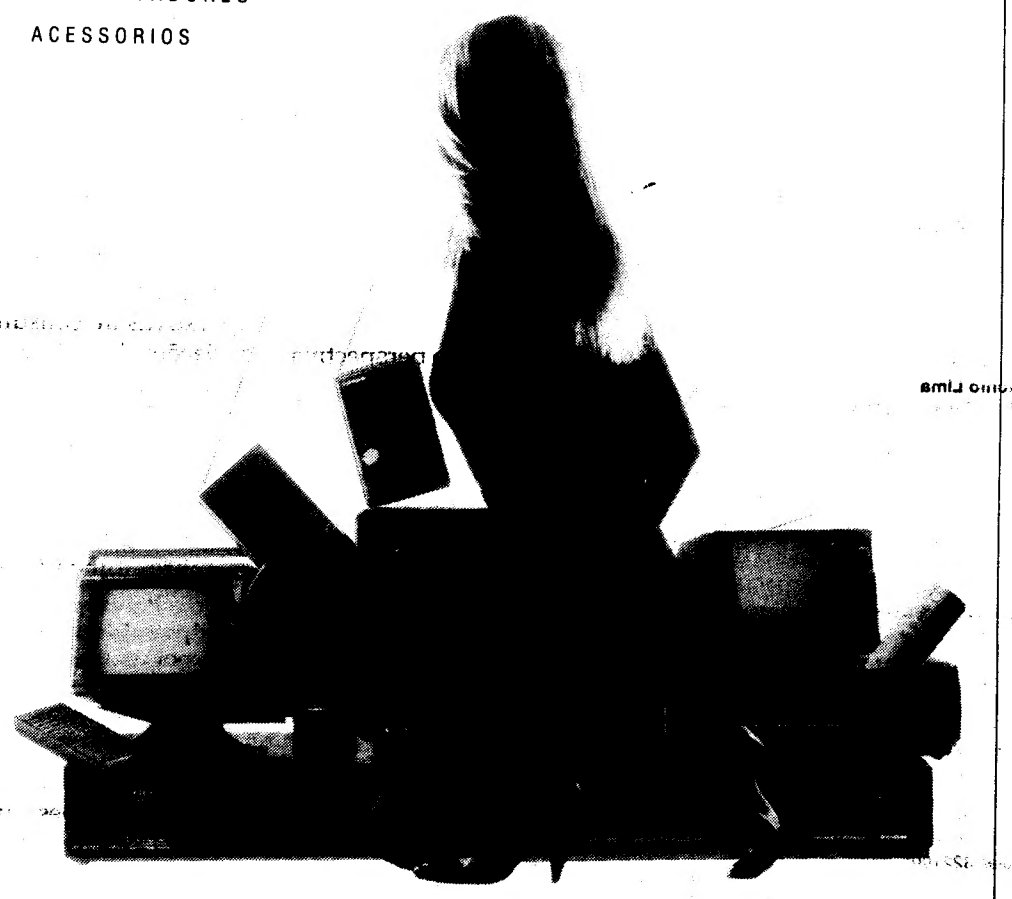
uma cidade limpa é uma cidade viva

proteja a sua saúde

CML

roadstar

VIDEO
TELEVISORES PORTATEIS
LEITORES DE COMPACT DISC + HI-FI
RADIOS PORTÁTIL COM GRAVADOR DE CASSETES
RADIOS PORTATEIS
RADIOS COM RELÓJIO
AUSCULTADORES
ACESSORIOS



Consulte os Agentes SGO

SGO — Santos Guimarães & Oliveira SA
Av. Óscar Monteiro Torres 15-B
1000 LISBOA

Sida: renasce a esperança em Quinxasa

Na capital do Zaire, as numerosas e variadas medidas de prevenção parecem começar a travar o surto epidémico

Nessa noite, Matonge, velho bairro de todos os prazeres, enterrava a céu aberto um dos seus. Antes das cerimónias fúnebres do dia seguinte, todos se tinham reunido para a «vigília mortuária», num impressionante luto colectivo. À luz avermelhada das velas, brandindo ramos, as mulheres cantam e choram ao ritmo de uma orquestra invisível. Na escuridão, adivinha-se, mais afastada, a presença silenciosa masculina. Matonge, esta noite, está estranhamente vazio. Passada a meia-noite, no «Bom Samaritano» e no «Sem Camisa», nenhuma agitação. E, muito mais tarde, no «Petit Jean» e no «Kitoni Mayard», só se avistam alguns pares a beberem a cerveja local. Para ver animação, será necessário subir até aos alcoóis estrangeiros e à música zairense dos clubes noturnos climatizados. A pouca distância do rio, alguns automóveis rodam lentamente pela Avenida 30 de Junho e a Avenida da Justiça, em busca das «londrinas», essas mulheres «livres» assim baptizadas devido à sua paixão pelas mini-saias e roupas ocidentais.

Amor e morte

Ainda é possível divertir-se na capital zairense? Nada é menos seguro. Matonge está triste, e «Quinxasa a alegre», «Quinxasa a animada», mudou de rosto. Aqui, a sida já não constitui uma ameaça. Tornou-se um verdadeiro flagelo. Aprende-se a viver o dia a dia com essa epidemia rasteira, que ultrapassa até ao insustentável todos os males conhecidos, pois é o sexo que está em causa numa doença que associa, mais do que nenhuma outra, o amor à morte. Quinxasa toma consciência da imensidão do seu drama. E, depois de o ter escondido durante tanto tempo, já não se coibe de exibi-lo em plena luz do dia, enquanto os especialistas que vigiam o progresso da epidemia no conjunto do continente negro começam a alimentar, relativamente a essa cidade sitiada e sombria, algumas tímidas esperanças. Ao contrário da maioria das grandes concentrações urbanas da África Central, a capital zairense parece estar a conseguir travar o mal que a atingiu. Os epidemiologistas asseguram que, apesar de 7 ou 8 por cento dos adultos estarem contaminados pelo vírus da sida, essa proporção, decerto dramática, não voltou a aumentar desde há vários anos. Claro que isso não representa uma vitória, mas a aparente estabilização permite um mínimo de esperança. Como explicar o que se verifica aqui, quando se sabe que, em Abidjã, Lusaca, Kigali ou Campala, a percentagem de seropositivos não para de crescer? Os ocidentais presentes em Quinxasa supõem, sem o poderem demonstrar, que os zairenses mudaram de comportamento sexual após terem visto, entre familiares e amigos, um ou vários casos mortais. Numerosas confidências femininas apontam para uma nova atitude por parte dos respectivos parceiros. Ou será que se trata, pelo contrário, de um fenómeno natural? Tendo a epidemia atingido uma espécie de plataforma, o vírus já não conseguiria, por diversas e misteriosas razões, prosseguir a sua propagação...

«Prudência»

Enquanto se espera por uma explicação - e, sobretudo, uma confirmação do fenómeno -, não se pode deixar de sublinhar o número de iniciativas de prevenção lançadas nos últimos anos, que fazem da capital do Zaire um centro de experiências inéditas, assim como um modelo que poderia inspirar muitas outras cidades africanas, violentamente atingidas pela epidemia. Em primeiro lugar, como é óbvio, o preservativo masculino, de cuja existência Quinxasa só há pouco tomou conhecimento, mas que se transformou numa profilaxia essencial. A divulgação do preservativo na capital zairense é o melhor exemplo daquilo a que os especialistas chamam, à falta de outro termo, o «marketing social». Desistiu-se da distribuição, quase sempre ineficaz, nos dispensários ou centros de saúde, e recorreu-se ao circuito normal de comercialização. Depois, reinvestiram-se os respectivos lucros para fomentar a difusão do produto. O Zaire tornou-se, assim, um dos territórios privilegiados para a acção do «Populations Services Internacional», uma associação americana sem fins lucrativos que, desde há três anos, procura intensificar a distribuição dos preservativos fornecidos gratuitamente pelos EUA, através do «US AID». Fabricados pela Ansell Corporation, as «camisas americanas» são novamente embaladas, em Quinxasa, sob a marca francófona «Prudence», com um logotipo à africana - uma pantera com uma lua cheia ao fundo, e a frase: «O preservativo do homem seguro de si».

Vítima de sida na Costa do Marfim

«Prudence» invadiu a capital ao ponto de a marca se ter tornado sinónimo de preservativo. Está em toda a parte, nos cartazes, calendários, «T-shirts»... e no fundo das canecas de cerveja, o que não deixa de chocar alguns clientes mais puritanos do Hotel Intercontinental. É barato, e fácil de adquirir nos clubes noturnos, empresas ou quartéis militares. As vendas sobem em flecha. «De 20 mil, em 1987, contamos atingir, este ano, uma distribuição de nove milhões de preservativos, e visamos os 16 milhões para 1991» - afirma Carlos Ferreros, da associação norte-americana. Nove em cada dez vezes, os «Prudence» são adquiridos por homens. Setenta por cento dos clientes admitem utilizá-los uma a três vezes por semana, e 22 por cento mais de quatro vezes. Carlos Ferreros - que se congratula com a atitude das autoridades católicas, oficialmente hostis ao uso de preservativos (atitude cada vez mais difícil de sustentar), mas que, na prática, não se opõem à sua comercialização - já anunciou a próxima extensão das vendas à totalidade do país, apesar dos inúmeros problemas de transportes. A tarefa será penosa, nomeadamente nas zonas rurais do Zaire, onde vários inquéritos revelam que a imensa maioria das mulheres nunca ouviu falar de tal produto.

Convencer as prostitutas

Desde há dois anos, Quinxasa é, também, palco de uma outra iniciativa exemplar de prevenção. Impulsionada pela dra. Marie Laga (do Instituto de Medecina Tropical de Anvers, em França), inscreve-se no quadro do projecto nacional contra a sida, financiado pelos americanos e belgas e dirigido, em Quinxasa, pelo dr. Nzila, especialista em epidemiologia. A capital do Zaire tornou-se (assim como a do Quénia) uma das raras

Jovem norte-americano de Nova Iorque, com 24 anos, aguardando a morte pela sida num quarto de hotel

A promiscuidade sexual contribui decisivamente para a propagação da sida

metrópoles da África negra em que os estudos sobre sida e prostituição saíram, finalmente, dos cenáculos dos especialistas. «No começo, em 1988, tratava-se de estudar a relação entre as doenças sexualmente transmissíveis e a contaminação pelo vírus da sida» - explica a dra. Laga. «Queríamos encontrar uma resposta para essa questão, que se mantem extremamente controversa. Hoje, consideramos ter demonstrado que a existência de doenças sexualmente transmissíveis favorece a contaminação viral. Sendo assim, a prevenção da sida passa, inevitavelmente, pela da gonorreia, dos esquentamentos e outras infecções venéreas. O que significa, na prática, um trabalho de prevenção em grande escala».

Já em 1985, o dr. Nzila demonstrara, com base num estudo junto de 300 prostitutas, que 27 por cento eram seropositivas. Médicos belgas e zairenses empenharam-se, então, numa longa busca para formar uma das mais importantes «concentrações» de prostitutas jamais vistas em África. Aproveitando os resquícios dos antigos serviços de higiene coloniais, e graças à perícia de doze «caçadores» de ambos os sexos - e ao conseguirem persuadir as mulheres de que se tratava de uma operação das quais seriam as principais beneficiárias -, os clínicos reuniram mais de 1 200 prostitutas em Quinxasa. Esse longo trabalho permitiu estabelecer, sem dúvida pela primeira vez, um esboço cartográfico do complexo mundo da prostituição numa cidade com cerca de quatro milhões de habitantes.

O inquérito revelou-se tanto mais difícil quanto foi conduzido sem qualquer intervenção policial. Apesar de ser oficialmente ilegal no país, a prostituição é mais que tolerada e existe sob todas as formas. O único argumento utilizado pelos médicos foi a persuasão, por vezes associada - reconhecem - a uma forma de remuneração. Numa casa adquirida em pleno centro de Matonge, sem qualquer sinal de identificação, cada clínico efectua, ao ritmo de várias dezenas de consultas por dia, exames ginecológicos; depois reitera continuamente os conselhos de prevenção e distribui os preservativos «Prudence» (mais de 25 mil por mês). Também explicam, com a ajuda de um pénis de madeira, às que não sabem ou não ousam perguntar, como utilizá-los. No início, mais de 20 por cento das prostitutas ignoravam por completo o método do preservativo, e algumas até acreditavam que deviam «engoli-los»! Hoje, todas dizem que os utilizam...uma vez por outra. Há, evidentemente, a recusa por parte do cliente (um em cada seis), que, tendo pago, considera ter direito a relações sexuais sem preservativo. E, uma vez em cada três, a mulher explica que nem se lembrou disso...

«Sida oblige»

Muito mais complexas são as relações com um parceiro regular em que a «confiança mútua» anula o recurso ao preservativo, acusado de reduzir o prazer sexual, ou de ter uma acção contraceptiva, quando existe, muitas vezes, o desejo de um filho. Esse fenómeno torna-se tanto mais problemático quanto o «parceiro regular» tem, frequentemente, várias parceiras, e já se encontra contaminado...

Nestes dois últimos anos, cerca de 30 mulheres pertencentes a este grupo morreram de sida. Em 1988, contavam-se 38 por cento de seropositivas. Hoje, ultrapassam os 40 por cento. Uma percentagem relativamente baixa, quando comparada com a que se verifica entre as prostitutas de Nairobi. Mas, para obterem este resultado, os médicos tiveram - ao contrário da maior parte dos seus colegas da «saúde pública» - de se integrar na «verdadeira vida» nocturna da grande Quinxasa, sem se limitarem às «londrinas» e às mulheres que trabalham em bordéis relativamente discretos («bares» ou «pensões»). O mais difícil foi, sem dúvida, abordar as «Mingandos», essas mulheres assim designadas em referência a uma tribo que viu desaparecer todos os elementos masculinos, e que - muitas vezes em idade já avançada - se prostituem nas condições mais sórdidas.

«Sida oblige», foi preciso debruçar-se sobre mil e um aspectos da sexualidade dos habitantes de Quinxasa, e tentar modificar certos comportamentos perigosos. Uma tarefa frequentemente ingrata e difícil, como a que foi empreendida, com o auxílio do Banco Comercial zairense, junto de 178 casais «discordantes», fórmula que significa que um dos cônjuges é seropositivo. Também nestes casos, a única arma que resta é o preservativo, utilizado por 75 por cento dos pares. Outro «indício numérico» demonstra o impacto da sida sobre a sexualidade: a considerável diminuição dos casos de adultério julgados nos tribunais de Quinxasa, a qual, segundo os especialistas zairenses, só é possível explicar pela crescente tendência para a monogamia e a abstinência sexual.

É, sem dúvida, demasiado cedo para estabelecer uma relação «causa-efeito» entre estes novos comportamentos e a relativa estabilização da epidemia na capital zairense. No entanto, Quinxasa surge, hoje, como um modelo do que poderia ser feito na África negra se os responsáveis políticos aceitassem reconhecer a exacta dimensão do flagelo que os atinge. No hospital Mama Yemo de Quinxasa (duas mil camas para 2 600 doentes), morre-se, cada vez mais, da sida; dos 200 doentes na unidade de Medecina Interna, cinquenta, em média, são vítimas da sida, quase sempre em fase terminal. Os médicos fazem o que podem, com os fracos recursos de que dispõem e sem qualquer medicamento anti-vírus. Pois a multinacional farmacêutica «Wellcome», fabricante do AZT, único produto eficaz, parece ainda não ter descoberto as vias de uma colaboração humanitária com os países africanos - os mais afectados no Mundo por esta nova e terrível doença.

Jean-Yves Nau
Exclusivo «Le Monde»/DL
Tradução de Isabel Joyce

Filme sobre a sida desilude a crítica

São oito horas e Nova Iorque desperta. Pequeno-almoço, «jogging», saída para o emprego, jornal da manhã. No matutino desse dia 3 de Julho de 1981, anuncia-se a descoberta de um «cancro dos homossexuais». Os jovens que lêem a notícia reagem com indiferença, ironia, ou um vago receio. Antes que o filme termine - já em 19 de Julho de 1989 -, quase todos aqueles que acabamos de conhecer a saltarem da cama, estarão mortos. O vida dos poucos sobreviventes ter-se-á transformado num calvário, e num combate.

«Um companheiro de longa data» pertence ao género (televisivo) do «docudrama»: a reconstituição, através de actores e um diálogo escrito, de acontecimentos reais. Uma imitação do documentário, mas mais «atraente». Os dez principais intérpretes, desconhecidos vindos dos palcos novaiorquinos, são impecáveis; os diálogos hábeis, por vezes demasiado. A realização, que visa atingir os corações, limita-se a seguir o tema.

Pois - já compreenderam -, trata-se de um filme «temático», sobre um dos temas mais graves: a sida. O realizador, Norman René (também ele proveniente do teatro), escolheu evocar os «anos da sida» através de um grupo de homossexuais novaiorquinos. Recorrendo a um clima emocional, mostra os seus personagens desamparados, aterrorizados; depois organizando-se, pouco a pouco, para enfrentar o flagelo que contamina os espíritos, os reflexos, antes mesmo de atingir os corpos. Defesas individuais - pela derisão, por um acto de abnegação sublime em prol de um amante ou simplesmente de um amigo, pela obrigação compulsiva de tudo dizer ou a proibição de qualquer gesto de ternura. Depois, a defesa colectiva, com a formação de organismos de entre-ajuda, relativamente aos quais o filma demonstra como recorrem aos mecanismos de antigas militâncias (revolucionárias, pacifistas, ecologistas), mas deparando com um mal não definido, em vez dos velhos adversários ideológicos.

O mérito de «Um companheiro de longa data» (fórmula utilizada nas secções necrológicas para designar o parceiro de um casal homossexual) é o de tornar perceptível a omnipresença da doença, o modo como se insinua, a todos os momentos, no quotidiano daqueles que a têm de defrontar. O ponto fraco do filme é o de apenas focar um grupo restrito e demasiado «caracterizado»: todos são jovens bonitos, artistas e intelectuais sem dificuldades, uniformemente gentis, inteligentes, sensíveis. O resto da cidade parece ter desaparecido, os anos passam, pautados pelas datas que surgem no ecrã, mas a sida parece que continua a não atingir outros sectores da população. Mal se consegue entrever um drogado, mas será o único a reagir violentamente perante o terror do vírus. Os outros brincam até ao fim, depois choram com dignidade.

É assim que, por ineficácia da realização, por não ter descoberto uma outra forma de narrativa sem ser a da ficção clássica «hollywoodesca» (que constitui uma narrativa de propaganda: todos os bons, integralmente bons, no mesmo campo), o filme alcança um resultado paradoxal: encerra os personagens num guetto, e a doença num «cliché». Por razões de eficácia tanto quanto de estética, as boas causas não servem de desculpa para o mau cinema.

Jean-Michel Frodon
Exclusivo «Le Monde»/DL
Trad. de Isabel Joyce

Novo tratado de União para a URSS

Muito pouco e tarde demais?

De Moscovo, especial para o «DL»

Se o projecto de novo tratado da União, divulgado sábado pela Imprensa soviética, tivesse sido apresentado há cinco anos atrás, no início da «perestroika», sem dúvida que teria sido considerado uma revolução e um bom exemplo de como se organiza um estado federal democrático.

Mas publicado quando praticamente todas as repúblicas soviéticas são avassaladas por uma onda de separatismo sem precedentes, com uma verdadeira febre de «soberanias», que abrangeu não somente algumas repúblicas federadas, mas também repúblicas autónomas, pode bem ser demasiado pouco e tarde demais.

Não é fácil preparar um documento cujo objectivo é unir num mesmo espaço político e económico 290 milhões de pessoas, que falam dezenas de línguas diferentes e centenas de dialectos.

Ainda antes da publicação do projecto, vários dirigentes republicanos de tendência nacionalista declararam que não iriam assinar o tratado, considerando que as suas repúblicas são soberanas e independentes, que só têm em comum com a URSS a vizinhança.

O tratado prevê liberdades e direitos muito amplos para as repúblicas. «Cada república é um estado soberano e goza de toda a plenitude do poder no seu território», diz-se no documento.

Este estabelece o princípio da união voluntária das repúblicas, com a delegação de uma série de poderes no centro, que tornem o Estado federal viável: constituição única, supremacia das leis da união nas matérias da sua competência, defesa comum e política externa única, embora em coordenação com as repúblicas.

Mas é hoje em dia evidente que quaisquer que sejam as cedências do centro, repúblicas como a Lituânia, a Letónia e a Estónia, tendo em conta a actual composição dos seus parlamentos, não irão assinar o tratado. A estas repúblicas juntou-se este mês a Geórgia. E também a Arménia manifestou sérias reservas em relação à oportunidade do tratado.

Exigindo a máxima independência possível, querem ter as suas próprias forças armadas, moeda, alfândegas, política externa, fronteiras, autênticos atributos de um estado soberano.

Gorbachev e com ele as autoridades centrais argumentam que as posições defendidas por estas repúblicas representam uma negação total da história e se encontram em contra-corrente em relação às tendências internacionais actualmente existentes, que privilegiam a formação de grandes espaços políticos e económicos.

Gorbachev luta para impedir a desagregação da URSS

Intensas paixões políticas

Bom ou mau, o Estado soviético e, antes dele, o império russo existiram durante séculos e entre as suas partes existem laços económicos, políticos e culturais, cuja quebra teria efeitos devastadores.

Num quadro dominado por intensas paixões políticas despertadas pelo nacionalismo, muitas destas considerações são postas de lado e substituídas por um ajuste de contas com a história.

Trata-se de uma desconfiança compreensível. A URSS estalinista e o império russo foram estados em que foram violados tanto os direitos humanos e nacionais.

Não é por acaso que o tratado de União dá tanta ênfase ao respeito pelos direitos humanos, ao mesmo tempo às repúblicas toda a plenitude de poderes na implementação da política cultural, religiosa e linguística.

Mas para se ser inteiramente justo, é preciso lembrar que o povo russo não foi menos vítima da violência totalitária do que os povos bálticos.

Isso não é reconhecido por todas as repúblicas e, em muitas delas, o nacionalismo é acompanhado por sentimentos anti-russos, que têm provocado um silencioso mas contínuo movimento de saída de russos das repúblicas ou conflitos entre eles e as autoridades, como acontece na Estónia e na Moldova.

Nas repúblicas a percentagem de população russófona ou de outras minorias nacionais é muito elevada, indo de mais de 50 por cento no Casaquistão, até à «mais nacional» delas todas, a Arménia, com 85 por cento.

É pouco provável que tanto o governo central como o governo da Federação russa deixem sem protecção a população de expressão russa.

O parlamento russo, presidido por Boris Ieltsin viu-se obrigado no começo deste mês a enviar uma delegação à Moldova para fazer o ponto da situação relativamente à minoria russófona que vive na margem esquerda do Dniestre, e que se encontra em rebelião aberta contra as autoridades.

O potencial explosivo deste tipo de conflitos é imenso como ficou patente na própria Moldova, em que, em resposta à formação de destacamentos de voluntários moldovos de etnia romena, se formaram idênticos grupos entre a população russófona.

É este o quadro em que se discute o projecto de novo tratado de União.

O mais provável é que a assinatura do tratado e a formação de uma nova formação política venha a ser um processo prolongado, pleno de conflitos, divórcios e entendimentos.

Guennadi Petrov

BREVES

Gorbachev adia visita a Oslo

O Presidente soviético, Mikhail Gorbachev, adiou a sua deslocação à Noruega para receber o prémio Nobel da Paz devido ao «ponto crucial» da situação soviética e a uma sobrecarga de trabalho, revelou hoje a agência Tass. Quanto à situação política do seu país, o Presidente soviético declarou-se convencido de que todas as Repúblicas da URSS acabarão por assinar o tratado de união, nomeadamente aquelas que anunciaram a decisão de o não fazer. Ontem dirigindo-se aos deputados numa pausa do Congresso da Federação Russa, reforçou essa ideia dizendo que «mesmo aqueles que clamam contra o tratado não poderão fazer nada», aconselhando-os a fazer um referendo para decidir sobre a questão.

Estado de emergência no Bangladesh

Soldados governamentais foram chamados hoje a Daca depois de multidões terem atacado a polícia para protestar contra o estado de emergência declarado pelo Presidente Hussain Muhammad Ershad. A declaração seguiu-se a seis semanas de protestos frequentemente violentos liderados por forças da oposição que pretendem a demissão do Presidente. Soldados e veículos todo-o-terreno patrulhavam hoje de manhã as ruas da capital depois de apoiantes da oposição terem desafiado o recolher obrigatório, saindo de suas habitações e carregando em manifestações contra a polícia.

Hussein teve a atitude que se esperava

Iraque ignora resolução das Nações Unidas

Saddam Hussein anunciou hoje a sua já esperada decisão: ignorar qualquer resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas, que autorize o recurso à força para obrigar a retirar do Kuwait.

«Qualquer decisão tomada pelo Conselho de Segurança sob a actual hegemonia dos Estados Unidos não nos afectará», refere um comunicado de Bagdad divulgado pelo jornal Al-Thawara controlado pelo partido Baath, no poder.

«Não nos obrigará a retroceder ou prescindir dos nossos direitos nacionais históricos», refere o comunicado.

Bagdad divulgou esta declaração depois de diplomatas nas Nações Unidas anunciarem que os Estados Unidos poderiam contar, amanhã, com 11 dos 15 votos do Conselho de Segurança a favor de uma resolução que dará ao Iraque uma última oportunidade para retirar do Kuwait ou encarar a possibilidade de uma guerra.

As autoridades norte-americanas, britânicas e francesas afirmaram que é praticamente certo que 15 de Janeiro seja a data limite concedida ao Iraque para retirar do Kuwait, mas a Grã-Bretanha anunciou que ainda pretende insistir que o prazo concedido seja apenas até 1 de Janeiro.

O jornal Al-Thwara refere que o Conselho de Segurança terá que assumir a responsabilidade de autorizar Washington a lançar «a sua guerra» contra o Iraque.

«Os que estão a auxiliar o Presidente norte-americano, George Bush, a fazer aprovar uma resolução de guerra e a legitimar o seu plano agressivo e suspeito não só prejudicam enormemente a mensagem e o papel das nações Unidas como a sua reputação e credibilidade», refere o comunicado.

O ministro dos Negócios Estrangeiros iraquiano, Tareq Aziz, denunciou ontem o acordo alargado dos membros de Conselho de Segurança relativamente à resolução autorizando o recurso à força.

Aziz confirmou que a posição do Iraque relativamente à invasão do Kuwait continua inalterada. O Iraque anunciou que não tenciona retirar do Kuwait e declarou também que Bagdad tem o direito histórico de anexar o emirado como sua 19ª província.

Redacção «DL»/Lusa

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
5.º JUÍZO CÍVEL
ANÚNCIO

Por este Tribunal, na execução ordinária n.º 10 335 que Stand Gois Comércio de Automóveis, Lda., move contra a executada ECOTEX-Empresa de Confecções Têxteis, Ld.ª com sede no Largo Dr. Barahona, 1, Azaruja — Évora, correm éditos de vinte dias, contados da data da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos daquele executado, para, no prazo de dez dias posterior aos dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 15 de Novembro de 1990. O Juiz de Direito, (Assinatura ilegível) O Escrivão de Direito (Assinatura ilegível)

«DL»: 2.ª Pub — 28/11/90

SORAYA *Tapeçarias Orientais*

(MARCA REGISTADA)

ACABAMOS DE RECEBER GRANDE IMPORTAÇÃO DE **TAPETES**
TURCOS ★ PERSAS ★ CHINA (em lã e seda) **★ KELIM'S ★ AFEGÃOS**

O MELHOR E MAIS VASTO STOCK DO PAÍS

A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA • NÃO COMPRE SEM NOS CONSULTAR

LISBOA — Av. Almirante Reis, 80-C
Telefones: 814 92 17 - 814 92 16

PORTO — Rua da Constituição, 973
Telefones: 49 09 67 - 49 23 48

QUOTIDIANO

As transferências de verbas de Moçamique eram impossíveis, em 1975. Mas o diplomata português foi recebendo os depósitos. O Estado foi agora posto em causa

Tribunal estranha motivo de cônsul na Beira

O tribunal que ontem iniciou o julgamento do primeiro caso de depósitos consulares em Moçambique ainda não devolvidos, estranhou o motivo pelo qual o cônsul português de então recebeu valores durante três anos sabendo que os não podia transferir.

Em causa está o Estado português, numa acção interposta por Joaquim de Azevedo, que terá depositado em 1975, período conturbado da vida política e social, 3.400 contos à ordem do consulado da Beira, para transferência para Portugal.

A maioria das nove testemunhas que prestaram depoimento, também elas depositantes nos consulados da Beira e de Lourenço Marques, relataram que o fizeram porque o consulado representava maior segurança e era a protecção dos cidadãos portugueses.

Disseram, nomeadamente, que tanto o cônsul, Ribeiro Ferreira, que faltou à audiência por estar em Lyon, França, como o vice-cônsul, «dr. Cunha», lhes garantiu que «logo que houvesse estabilidade política em Portugal, o dinheiro seria transferido».

O Tribunal presidido pelo juíz Domingos Rodrigues ouviu, no final da audiência, a única testemunha do Estado, um funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros a prestar serviço em Bruxelas.

O referido funcionário, José Manuel Pinto, que fez parte de uma missão a Moçambique, enviada pelo então Presidente da República, Ramalho Eanes, em 1978, coordenada por Jorge Sampaio, explicou ao Tribunal o contexto político e a insegurança da época em que se vivia, com risco da própria integridade física.

Afirmou: «Ficámos alarmados quando soubemos do montante depositado nos consulados, pois não tinhamos conhecimento dessa situação».

Esclareceu que o cônsul deu conta das preocupações da comunidade portuguesa e os seus receios de confiscação de bens, mas afirmou ao Tribunal não acreditar que o representante do Estado Português pudesse ter criado, no âmbito da sua missão, expectativas nas pessoas, quanto a uma transferência, que era impossível na prática.

A ausência de cobertura e reservas em ouro, bem como a nacionalização das empresas, de casas de habitação e de outros bens, dificultavam a concretização de qualquer envio de dinheiro.

O colectivo, depois de alguma insistência, não conseguiu esclarecer por que razão o cônsul continuava a receber depósitos sabendo que a transferência não era possível.

O Tribunal marcou a leitura de sentença para o dia 4 de Dezembro.

CGTP e UGT acordam acções reivindicativas

As direcções da CGTP e da UGT decidiram, em encontro realizado ontem, realizar um conjunto de acções reivindicativas comuns no próximo ano. O anúncio, feito por Torres Couto, à noite, especifica que as referidas acções dizem respeito a problemas como a habitação para jovens, transportes urbanos e suburbanos, saúde, educação e segurança social.

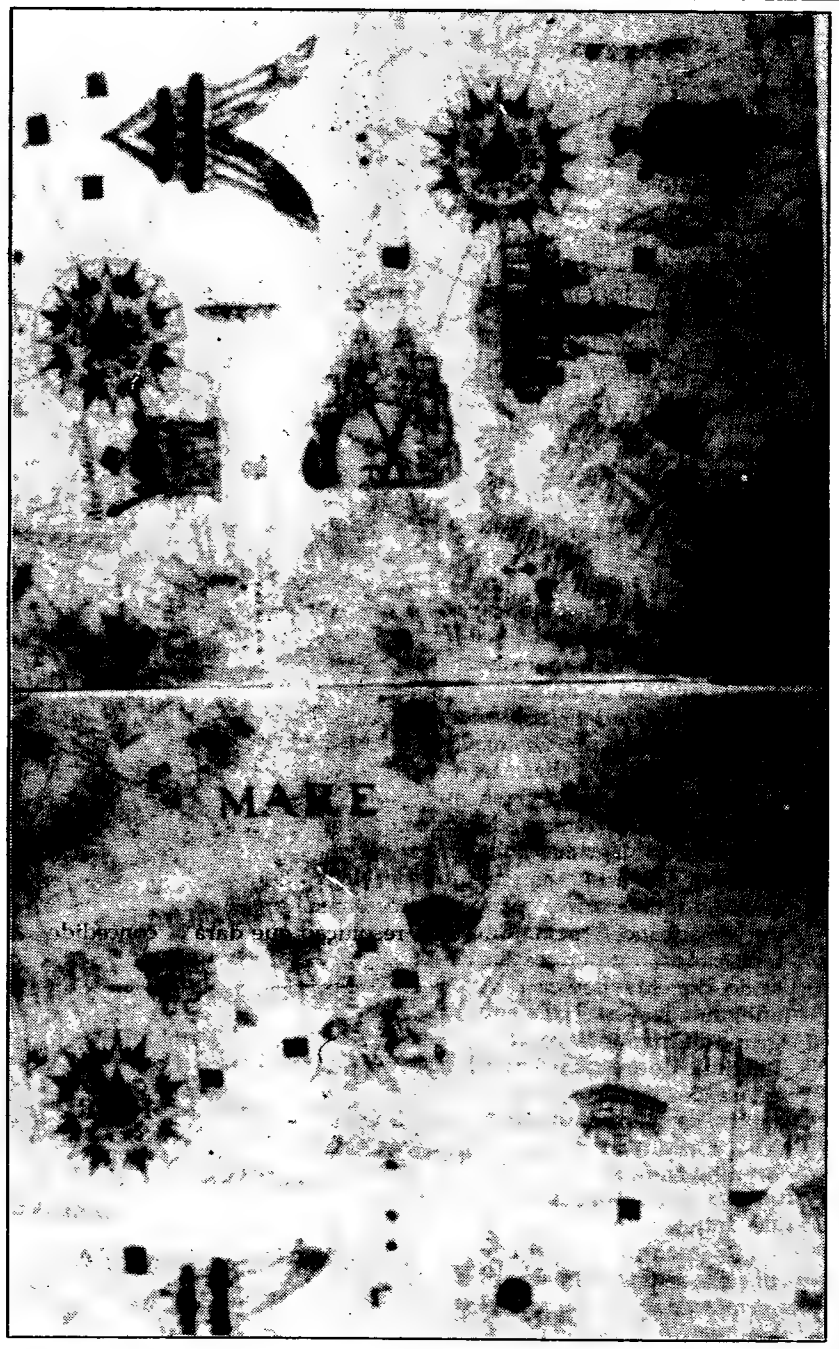
Realizada sob a sugestão da UGT, a reunião de dirigentes das duas centrais sindicais serviu para analisar os diplomas da legislação laboral em discussão no Conselho Permanente de Concertação Social e a acção reivindicativa em curso. Carvalho da Silva, que chefiou a delegação da CGTP, corroborou as declarações de Torres Couto, destacando que a reunião serviu para «potencializar os aspectos mais positivos» do Acordo Económico e Social assinado pela UGT. Disse ainda que «a realidade social portuguesa exige meios de crescimento dos salários superiores aos propostos pelo Governo e entidades patronais e a melhoria das condições de vida».

Torres Couto, por seu turno, pronunciou-se pela necessidade de acabar com as condições de vida «indignas e impróprias» de várias camadas da população, nomeadamente dos reformados e pensionistas, acrescentando que importa reivindicar a isenção do pagamento de medicamentos por parte desta faixa da população.

Expectativa na CGTP

A reunião do Conselho Nacional da CGTP que se realiza amanhã e sexta-feira está ser encarada com grande expectativa nos meios sindicais pelas reflexos que nela poderão ter as divergências latentes em órgãos dirigentes da central. Esta manhã, Manuel Lopes, membro da Comissão Executiva da CGTP e porta-voz da central, afirmou à Lusa que o órgão de que faz parte deverá pôr «a questão da confiança» no Conselho Nacional.

Segundo este dirigente, «em toda a questão da não assinatura do Acordo Económico e Social houve críticas isoladas que se levantaram e a Comissão Executiva quer ver clarificada a manutenção da confiança do Conselho Nacional da CGTP». Sublinhou que está fora de causa a decisão adopatada de não assinar o referido acordo e que não está prevista qualquer recomposição da Comissão Executiva da CGTP, embora deva ser debatida a questão da demissão de José Encarnação.



Carta portuguesa do séc. XV A carta de marear ou «carta-portulano» de finais do século XV, descoberta em Cabeço de Vide, «é portuguesa». A certeza desta verdade é sustentada pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos, entidade responsável pela sua recuperação. Talvez a mais antiga das cartas que se conservam em Portugal, a «portulano» está finalmente completa, depois de, no Arquivo da Misericórdia, ter sido descoberto o fragmento que lhe faltava, oculto por duas folhas de papel coladas por cima.

BREVES

Português assassinado na ilha de Córsega

Um cidadão português, José Afonso Pereira, de 30 anos, foi assassinado na noite de ontem, próximo da cidade de Corte, na Córsega. A vítima, que seguia de automóvel, foi atingida por vários tiros de caçadeira na região do tórax e na cara. A viatura despenhou-se num precipício. A comunidade portuguesa na Córsega é constituída por algumas centenas de trabalhadores, a maioria dos quais exerce actividade na construção civil. Na ilha é frequente sucederem-se ajustes de contas, nomeadamente entre grupos nacionalistas rivais.

Cavaco preside reunião de combate à droga

O primeiro-ministro Cavaco Silva preside esta tarde a uma reunião da comissão interministerial instituída no âmbito do Programa Nacional de Combate à Droga (Projecto Vida). Da agenda da reunião consta a análise do despacho conjunto que define os critérios para a atribuição de apoio financeiro aos estabelecimentos que desenvolvem actividades no domínio do referido projecto. A introdução de matérias relativas à prevenção primária, nos currículos escolares e progaramas de educação para a saúde e ainda a criação de um fundo de emergência para responder a casos urgentes de toxicodependência fazem também parte da agenda.

Nova via vai beneficiar Almada e Costa da Caparica

A construção da variante à Estrada Nacional nº 10, entre a via rápida da Costa da Caparica, no nó de Brejo e a referida estrada nacional, a norte de Corroios, foi beneficiada pela assinatura, ao fim da manhã de hoje, de um contrato-programa entre o município de Almada e a Direcção-Geral da Administração Autárquica. O protocolo diz respeito à comparticipação de mais 170 mil contos na construção da variante. A nova via irá permitir uma melhoria significativa no acesso á região.

Lisboa ocupa 60º lugar em lista de carestia

A capital portuguesa é a 60ª cidade mais cara, numa lista de cem nomes, em que a lideramça pertence a Tóquio, indica um estudo publicado pela Corporate Ranked Group, com sede em Genebra. Lisboa partilha o sexagésimo lugar com Buenes Aires (Argentina) e Cleveland (EUA), sendo a cidade portuguesa a capital mais barata da CEE. Os parâmetros utilizados na comparação entre as cem cidades foram a alimentação, bebida, vestuário, utensílios, transportes e espectáculos, tendo ficado excluídos os custos de habitação na pesquisa realizada em Setembro.

Cerimónias fúnebres de menina assassinada

Centenas de pessoas, na sua maioria britânicas residentes no Algarve, participaram, ontem, em Albufeira, nas cerimónias fúnebres da criança inglesa assassinada na passada semana. As cerimónias, realizadas segundo as regras anglicanas, decorreram na igreja de São Domingos. A urna foi trasladada hoje para Lisboa, onde o corpo foi cremado no cemitério do Alto de S. João, por vontade expressa da família. As cinzas seguirão, ainda hoje, para Albufeira. Uma fonte da Polícia Judiciária disse esta manhã à lusa que a investigação deste caso «está a ser difícil».

Jovem encontrado morto no carro submerso

O jovem de 16 anos, João Alexandre, que abandonou a casa dos pais, em Leiria, fazendo-se transportar no veículo da família, apareceu morto dentro do carro que se despistou para dentro do Rio Lena. O jovem estudante, filho de empresários, foi encontrado sozinho dentro do veículo de cor cinzenta e com a matícula VF-39-99. A viatura foi localizada no leito do rio, próximo da Ponte das Mestras, arredores de Leiria. Encontrava-se bastante danificado e, dada a posição em que foi encontrado, pode concluir-se ter capotado em consequência de despiste, à saída de uma curva perigosa.

Segundo assalto à mesma dependência bancária

Rendeu cerca de cem contos o assalto, ontem à tarde, ao posto de câmbios do Banco Pinto e Sotto Mayor, em Areias de S. João, Albufeira, levado a efeito por dois indivíduos armados de pistolas e de cara descoberta, um dos quais saltou para dentro do balcão. Depois de roubado o dinheiro, os assaltantes, com idades compreendidas entre os 20 e os 25 anos, fugiram num BMW, com a matrícula EFI-18-XN. No princípio do corrente mês esta dependência bancária já tinha sido alvo de um assalto.

A América em memória v

A promessa de «Miss Liberty»

Entre 1892 e 1954, dezasseis milhões de candidatos a cidadãos norte-americanos passaram pelos «crivos» do Centro de Imigração de Ellis Island, no porto de Nova Iorque. Após prolongada restauração, o edifício transformou-se em museu: verdadeira viagem pela memória colectiva de um país que tem mil razões para nada esquecer.

Definitivamente encerrado em 1954, abandonado durante trinta anos às brisas marítimas e às gaivotas, o edifício principal de Ellis Island, construído em 1900 num estilo inspirado na Renascença francesa, acaba de ser reaberto ao público, desta vez como Museu da Imigração. Foram sete anos de restauração minuciosa, sem olhar a despesas. Pois a América gosta de encenar o seu passado, como já o fez na Virgínia ou na Pensilvânia, nos campos das guerras pela Independência ou da Secessão. É o ritual de identificação, pela História, de um país que tem constante necessidade de reforçar - se não de inventar - a sua própria unidade.

Para sublinhar que se trata de um museu da imigração «em geral», os responsáveis começaram por apresentar uma exposição sobre o povoamento da América, na qual não são esquecidos os «nativos» (os índios), nem os «escravos» (os africanos importados à força), nem mesmo os imigrantes da última vaga, tão numerosos (10 milhões, na década de 80) como aqueles que participaram na construção das grandes cidades e na industrialização do início do século.

Embarcados em Hamburgo ou Cherburgo, Nápoles ou Dantzig, no Havre ou em Constantinopla, a América foi, antes de mais, para esses futuros cidadãos (4 milhões de italianos, 2,3 milhões de judeus, sobretudo da Europa de Leste), após seis ou dez dias de Atlântico, uma escala cheia de incerteza e temor, de esperança e de lágrimas: Ellis Island. Durante muito tempo, o que contava, para um americano, era ter antepassados que tivessem saído do «Mayflower»... A antiguidade desse primeiro grupo de imigrantes conferia um título de aristocracia: anglo-saxões, brancos, protestantes, os colonos do século XVII constituiam motivo de orgulho familiar.

Os «filhos» ilustres

Ninguém imaginava que, um dia, se poderia gabar de ter passado por Ellis Island, ponto de passagem do grande fluxo dos anos 1890-1920 - e calcula-se que metade dos imigrantes dos EUA entrou por aí. Mas o tempo passou, os filhos dos netos dos «pobres», dos «perseguidos», das «multidões apinhadas», tornaram-se «alguém». Como Lee Iacocca, italiano da segunda geração, presidente da Chrysler, a quem Ronald Reagan incumbiu de recolher fundos junto de empresas particulares e individualidades para as obras de restauração de «Miss Liberty» (a Estátua da Liberdade comemorou o centenário em 1986) e, símbolo mais complexo, Ellis Island.

Essas «massas ávidas de respirar livremente», por quem a estátua «ergue o seu facho», não tinham chegado, ao desembarcar em Ellis Island, ao fim dos seus tormentos. O navio que as transportara fora imediatamente inspeccionado antes de entrar no porto de Nova Iorque, os doentes contagiosos já tinham sido transferidos para a ilha da «Quarantine», os guardas alfandegárias tinham cumprido o seu dever, e os passageiros das 1ª e 2ª classes eram conduzidos onde a família e amigos os aguardavam, nas docas do verdadeiro porto, em Manhattan. Os outros - ucranianos expulsos pela fome, russos brancos fugindo dos vermelhos, arménios decididos a escapar à polícia de Mustapha Kemal, sicilianos sem terra -, que tinham atravessado o Atlântico no convés ou em terceira classe, com um bilhete de 35 dólares enviado por um parente já exilado ou comprado após meses de privações, seriam submetidos a inúmeras provações, ao derradeiro «exame de admissão».

Ao ser-lhe perguntada a data de nascimento, um homem respondeu, em alemão: «Vergessen» («Esqueci»). A partir daí, iria chamar-se Ferguson, e toda a família teria de adoptar o apelido. É uma das muitas histórias que se contam...

Imigrantes, refugiados, reféns da miséria ou vítimas da violência, é uma história que não tem fim. E só o passar do tempo lhe dará um colorido romântico, para disfarçar o sofrimento do que não foi, propriamente, uma viagem de turismo... Pois o que expulsa camponeses da suas terras, famílias inteiras das aldeias, rumo a um futuro melhor, nunca é um motivo secundário. «Ir para a América, era como partir para a Lua» - recorda uma rapariguinha judia, fugida da Rússia. Era Golda Meir, nas suas «Memórias», que narram o destino de uma mulher que ainda viria a fazer uma outra «viagem»: a da criação do Estado de Israel.

«Então, compreenderam que o país que os vira nascer já não podia ser a sua pátria; e um único grito elevou-se da multidão: América!» - contava um sobrevivente dos «pogroms» do início do século na Europa oriental. «América! América!» - foi justamente esse o título do filme de Elia Kazan, que narra a sua própria fuga, em criança, da Grécia, para escapar das perseguições turcas e alcançar a terra da liberdade. Mas se a América queria receber mão-de-obra, o certo é que exigia que fosse sã de corpo e de espírito. As diferentes leis sobre a imigração são eloquentes: em 1875, re-

Golda Meir: «...era como partir para a Lua».

A.M.A.
Auto Monumental de Aveiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

viva

Porto de Nova Iorque: as "portas do paraíso"

cusava os «forçados, as prostitutas e os "coolies"»; em 1903, não queria «epilépticos«, nem «mendigos profissionais», nem «anarquistas»...

«A América para os americanos»

As quotas estabelecidas em função do país de origem iriam coincidir, na primeira metade do século, com o aparecimento de movimentos de protesto e de xenofobia - «A América para os americanos» era, por estranho que pareça, a palavra de ordem! É o aspecto mais sombrio da história de Ellis Island, que serviu igualmente, durante os períodos mais agitados, de prisão política e de centro de detenção para os estrangeiros considerados suspeitos (espiões, comunistas), antes de serem deportados.

Durante todos esses anos, Nova Iorque não constituiu o único porto de entrada, mas era de longe o mais importante, recebendo dez vezes mais refugiados do que, por exemplo, Boston ou Baltimore. E só por Ellis Island passaram, entre 1892 e 1924, doze milhões de pessoas; no total, mais de dezasseis milhões, se também se contar com o período seguinte, até ao seu encerramento, em 1954. As estimativas indicam que cem milhões de «US citizens» (ou seja, 40 por cento da população do país) teriam um familiar que passou por aí. Seja como for, duzentas mil pessoas enviaram os 100 dólares de contribuição para que o seu nome fosse inscrito no «muro de honra». E vinte milhões de americanos contribuiram para a recolha de fundos destinados à restauração.

A situação do local é de tal maneira simbólica que se torna relativamente fácil imaginar o que sentiam esses milhões de seres errantes, já tão próximos do destino almejado. De um lado, a algumas centenas de metros, viam a Estátua da Liberdade; do outro, a 1,5 km., o centro movimentado da cidade e a silhueta de Manhattan, através dos fumos brancos dos navios a vapor e rebocadores e das nuvens negras lançadas pelas chaminés; de noite, com as janelas iluminadas, a mais bela paisagem urbana do Mundo surgia aos olhos desses infelizes, às portas do paraíso, que se lhes abririam ou fechariam para sempre.

Alguns só lá ficaram poucas horas (entre três a cinco, em 80 por cento dos casos). Mas abundam os relatos de famílias separadas, de crianças doentes retidas várias semanas no hospital vizinho, de indesejáveis deportados no mesmo navio em que haviam chegado (um total de 250 mil), após ter em vão tentado convencer os juízes, médicos ou funcionários.

Homenagem às massas

Objectos, testemunhos, relatos: são a memória viva deste museu de Ellis Island. Um dos seus méritos foi ter dado origem a uma pesquisa intensa numa disciplina da História - a da Imigração - que só recentemente se desenvolveu. É isto que nos explica Diana Pardue, conservadora do museu, acrescentando que a sua inauguração fez multiplicar as sugestões para completar os testemunhos orais e enriquecer as colecções.

Uma das exposições presentes procura mostrar «porquê, como e com que objectivo» vieram todos esses exilados, e como a América, terra prometida, lhes deu emprego e, depois, pouco a pouco, a escola noturna, as associações de entreajuda, assim como a assimilação, os transformaram em «citizens».

«Vim para a América» - contava um italiano -, «porque diziam que as ruas estavam pavimentadas de ouro. Aqui, descobri que as ruas não estavam pavimentadas de ouro; que, aliás, nem sequer estavam pavimentadas; e, até, que estavam à minha espera para o fazer»...

A abertura do museu, que coincidiu com um animado debate sobre a imigração, representa, na prática, um significativo avanço no campo da historiografia: é um museu em que certos visitantes podem dizer tanto, ou mais, que os objectos expostos. Ao observá-los, compreende-se melhor a mensagem deste local único. Vendo um estudante, exaltado pelas imagens dos «pogroms», agarrar na sua câmara de filmar para as apreender, as levar consigo. Ouvindo quatro grandes burgueses nova-iorquinos decifrar um cartaz escrito em hebraico e confessarem, com um suspiro de satisfação, que era a primeira vez desde há 30 anos... E partilhando a emoção de uma jovem que reconhece, como sendo da sua própria família, os xailes bordados, a bíblia ornamentada de uma noiva arménia, em Konya, em 1920, que trocara a Turquia pela Filadélfia.

«Em geral, um museu é consagrado a uma personalidade» - diz Alan Kraut, historiador. «Aqui, pela primeira vez, é o museu que rende homenagem às massas». Um espelho, simultaneamente, do presente e da História.

Michele Champenois
Exclusivo «Le Monde»/DL
Trad. e adapt. de Isabel Joyce

Viagem pelo passado

Ao desembarcarem do «ferry-boat», os visitantes começam logo a sentir-se no papel de figurantes: como num filme, entram na «sala das bagagens», no rés-do-chão do edifício, e vêem-se rodeados de velhas malas, cestos e arcas. É fácil imaginar o ruído e a confusão que deveriam reinar à chegada de cada novo contigente de imigrantes, pálidos de cansaço e desamparados.

Acolher - mas, também, impressionar - tal era o objectivo desta arquitectura, na época da construção dos grandes bancos, palácios de Justiça e estações ferroviárias. Daí o interesse das autoridades responsáveis, que se empenharam «na maior restauração jamais empreendida» nos Estados Unidos. E, também, a mais dispendiosa: 156 milhões de dólares (ou seja, cerca de 22 milhões de contos).

Com o prestígio de um verdadeiro monumento nacional, o museu orgulha-se, antes de mais, da grande sala do primeiro andar, com 20 metros de altura e 50 metros de comprimento. E, também, da belíssima abóbada que artesãos da Catalunha, os Guastavinos, criaram em 1918, com azulejos de três espessuras diferentes.

A única «recriação» permitida foi a da escadaria, reconstruída num estilo neutro (dado que não foram encontrados documentos de referência), mas respeitando o local e proporções com que os antigos imigrantes deparavam. No cimo, médicos observavam o modo como subiam os degraus, marcando com giz um sinal nas roupas dos «casos suspeitos»: H para o coração («heart»), L para pulmões («lungs»), X para as deficiências mentais (os considerados loucos). Examinavam a todos os olhos, para detectar eventuais doenças contagiosas, que podiam conduzir à cegueira. Os visitantes podem ver fotografias terríveis de médicos erguendo as pálpebras de homens e mulheres, dóceis e inquietos.

A célebre escadaria desemboca no grande salão, a monumental «sala de espera», onde H. G. Wells pôde ver, em 1906, «as longas procissões humanas, guiadas entre barreiras de metal, progredidndo passo a passo (...) e, de tempos a tempos, um é afastado, para ser submetido a um exame pormenorizado». Já não existem, hoje, as barras de ferro que permitiam efectuar a triagem entre seres humanos, assegurar eficazmente o «processing» - como se dizia -, a selecção entre cinco mil pessoas por dia (ou entre 10 mil, nos anos «quentes»).

A sala está, agora, vazia, majestuosa, ornada de dois grandes estandartes com estrelas e alguns bancos novos. É necessário percorrer as alas do edifício para seguir, de sala em sala, através de pesadas portas de carvalho, o caminho que, na melhor das hipóteses, conduzia a uma bilheteira para apanhar o «ferry» de Manhattan. Os que ficavam para trás, os excluídos, os retidos, subiam o que se tornou conhecido pela «escadaria da separação», um corredor central que os levava aos dormitórios ou ao hospital. E essa será a próxima etapa da restauração, segundo um dos arquitectos: os edifícios repartidos pelos onze hectares da ilha irão ser transformados num centro internacional para congressos.

Como tudo o que é exibido ao público foi renovado, asseptizado, pintado de fresco - e como não há acesso aos refeitórios e vestutos dormitórios -, a única imagem que se pode formar é oferecida por uma outra exposição, intitulada «Silent Voices»: reportagens fotográficas realizadas durante os anos de abandono, e, por detrás de vitrinas, objectos esquecidos, quebrados, usados, enferrujados pelo tempo (utensílios de cozinha, brinquedos, máquinas de coser, etc.).

As escolas - com as crianças exibindo uma etiqueta nas camisolas, tal como acontecia com os antigos imigrantes - vêm ver o museu, perdendo-se no meio da multidão de visitantes: 120 mil nas duas primeiras semanas (o mês passado), bichas de espera aos domingos; espera-se mais de um milhão durante o próximo ano. Os americanos reencontram os seus avós, às portas do «paraiso».

Exclusivo «Le Monde»/DL
(Adapt. de I.J.)

QUOTIDIANO

Sindicatos da UGT assinam acordo para Função Pública

As pensões anteriores a 1981 terão aumentos entre os 18,6 e os 42,6 por cento. Os professores verão publicada, até 1 de Dezembro, a portaria sobre a contagem do tempo de serviço

Dirigentes da Frente Sindical da Administração Pública (FESAP, UGT) e a secretária de Estado do Orçamento, Manuela Leite, assinaram ontem um acordo que prevê aumentos de 13,5 por cento nos salários da Função Pública. A assinatura foi feita com mais de hora e meio de atraso devido a reivindicações não satisfeitas que poderiam levar os sindicalistas a retirar o seu apoio ao acordo. Por outro lado, dirigentes sindicais da CGTP e do Sindicato dos Quadros Técnicos demarcaram-se do acordo, cujo conteúdo criticaram.

Os sindicalistas da FESAP admitiram ontem a não assinatura, caso não fossem alteradas algumas questões que consideravam não respeitar o acordo, nomeadamente quanto aos tempos de descongelamento dos escalões.

O texto assinado acabou por consignar o descongelamento para sete anos na mesma categoria (o texto apresentado inicialmente previa oito) e dois escalões para 18 anos de permanência na categoria. O acordo estabelece um máximo de 40 horas semanais para o pessoal operário.

Segundo um dirigente da FESAP, na reunião de última hora que antecedeu a assinatura os sindicalistas conseguiram a calendarização de algumas questões, entre as quais as da saída até 1 de Dezembro da portaria sobre a contagem de tempo de serviço dos professores.

O texto assinado prevê um aumento de 13,5 por cento das pensões, acrescidas de 1,5 por cento para as pessoas fixadas antes de 30 de Setembro de 1989, e ainda um susídio de refeição de 400 escudos.

Segundo João Proença, dirigente da FESAP, mais de metade dos trabalhadores do regime geral vai subir pelo menos um escalão

O acordo prevê outros mecanismos de recuperação de pensões degradadas fixadas anteriormente, estipulando que o valor mínimo da pensão de aposentação da Função Pública será fixado em montante igual ao da pensão de reforma da segurança social.

João Proença, dirigente da FESAP e membro do Secretariado Executivo da UGT, afirmou na cerimónia de assinatura que todas as pensões anteriores a 1981 terão aumentos entre os 18,6 e os 42,6 por cento, sublinhando que o objectivo é que todas as pensões correspondam a 92 por cento do salário activo.

Salientou que a FESAP assinou «o acordo possível», mas que é «um bom acordo». Afirmou que a questão do descongelamento dos escalões tem que ser visto em função do acordo geral, adiantando que mais de metade dos trabalhadores do regime geral vai subir pelo menos um escalão.

Considerou que é importante o princípio da negociação permanente na Administração Pública, resultando deste acordo a discussão de questões de formação profissional, higiene e segurança no trabalho e protecção social.

Na alocução que proferiu, a secretária de Estado Manuela Leite considerou que o texto resulta do estabelecido no Acordo Económico e Social e prova que, para o Governo, os trabalhadores da Administração Pública não são de segunda, têm a mesma qualidade de trabalho e e não poderiam ser tratados de forma diferente dos outros.

A secretária de Estado do Orçamento destacou ainda a recuperação das pensões degradadas e manifestou o desejo de que outras organizações sindicais venham a subscrever, também, o acordo.

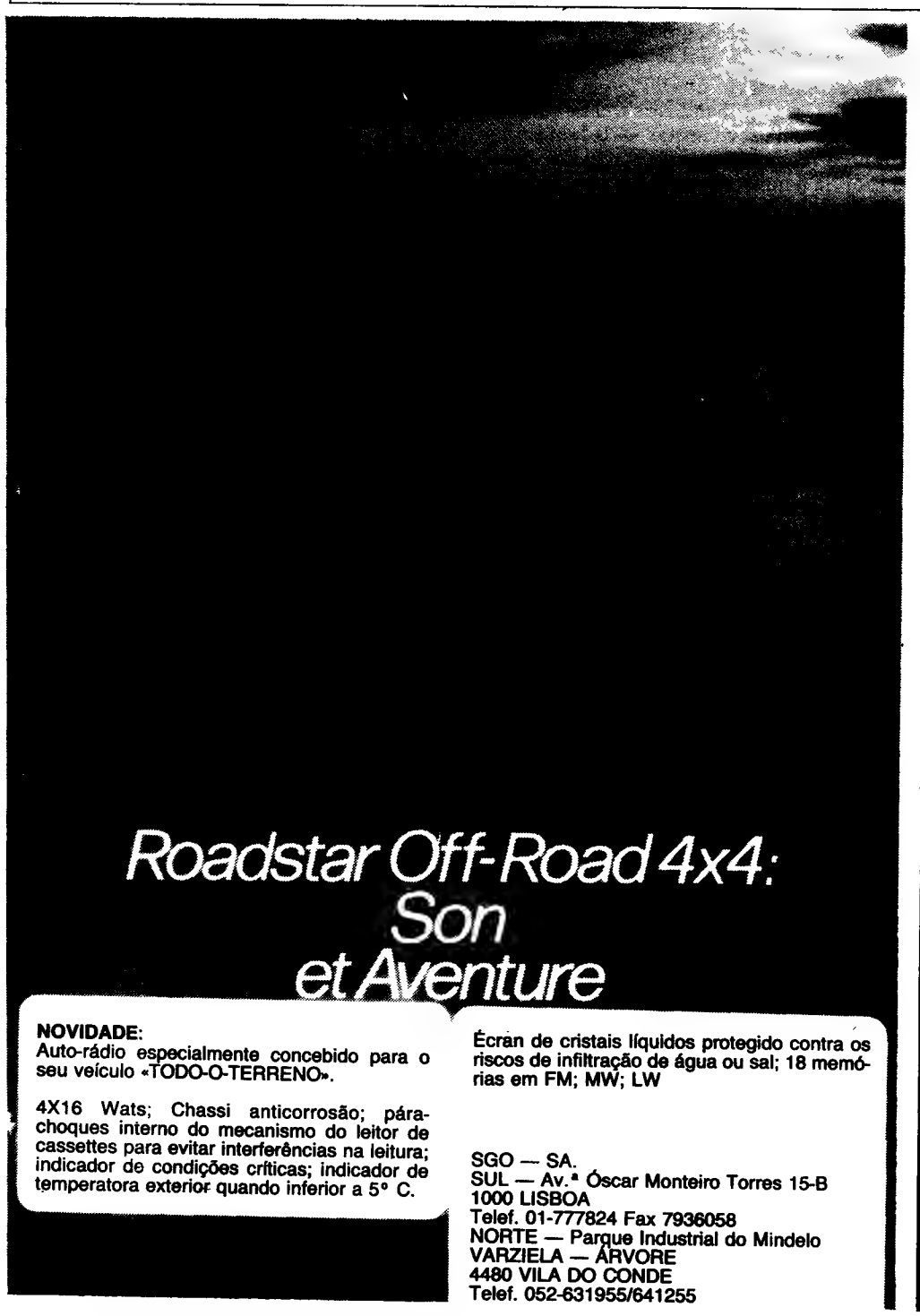
O «não» da Plataforma Reivindicativa

Como já era do conhecimento público, os sindicatos da CGTP não subscreveram o acordo. Em declarações feitas à Lusa, Filipe Ferreira, membro da Federação Sindical da Função Pública e da Plataforma Reivindicativa afirmou que a assinatura foi «precipitada», considerando que vai «criar obstáculos à possibilidade de se chegar mais longe na satisfação das exigências sindicais».

Recordou que a FESAP exigia um ganho real de 4,5 pontos percentuais, o que levaria a aumentos de mais de 15 por cento, e uma cláusula de salvaguarda para o caso de a inflação exceder a previsão do Governo de 11 por cento, enquanto a proposta governamental é de 13,5 por cento sem salvaguarda.

Filipe Ferreira criticou, também, o acordo no plano do descongelamento dos escalões e dos benefícios para casos de aposentação a curto prazo.

Por sua vez, o presidente do Sindicato dos Quadros Técnicos (STE), Bettencourt Picanço, manifestou a disposição de não aceitar o acordo, sublinhando que a actualização salarial de 13,5 por cento é insuficiente mas sobretudo é insuficiente o acordado quanto ao descongelamento dos escalões. Considerou que o protocolo não satisfaz no tocante a recuperação de pensões degradadas, não pelos valores acordados para este ano mas porque não garante uma política de recuperação de pensões para o futuro. Afirmou que as ajudas de custo já são actualmente insuficientes e no caso das deslocações ao estrangeiro foi acordada uma actualização de apenas 11,5 por cento.



DEBATES DE INTERVENÇAO DEMOCRÁTICA

AMANHÃ, DIA 29, HOTEL ROMA, 21 HORAS

DIREITOS INDIVIDUAIS: A LEI E A PRÁTICA

COMUNICAÇÕES

DR. ALFREDO GASPAR
ADVOGADO

DR. ANTÓNIO CLUNY
PRESIDENTE DO SINDICATO DOS MAGISTRADOS DO MINISTÉRIO PÚBLICO

MODERADOR

DR. LUÍS DE AZEVEDO
PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL DA ID

DEBATE PROMOVIDO PELA ASSOCIAÇÃO INTERVENÇÃO DEMOCRÁTICA - ID

ENTRADA LIVRE

Médicos e doentes americanos querem a pílula abortiva

Um senador acusou a FDA de ter agido sob pressão política dos opositores ao aborto. Estes pretenderiam recusar a entrada da pílula nos EUA, seja a que pretexto for

Investigadores e doentes denunciaram nos Estados Unidos a política da Administração americana em relação à pílula abortiva RU 486. A denúncia foi feita durante as primeiras audições de um congresso dedicado a este medicamento francês.

Quando este debate estava há muito tempo confinado aos apoiantes e opositores ao aborto, os doentes testemunharam, pela primeira vez, contra a FDA (Food and Drug Administration), organismo que decide sobre a importação ou a circulação no mercado de todos os medicamentos, nos Estados Unidos.

Em Junho de 1989, a FDA proibiu a importação para uso pessoal da RU 486, por entender que este medicamento representava riscos para a saúde dos utilizadores.

Ora, para o presidente da sub-comissão da Câmara, que organizou estas audições, o democrata Ron Wyden, a FDA agiu sob pressão política dos opositores ao aborto que recusam ver entrar esta pílula nos Estados Unidos seja qual for o motivo.

Ninguém ainda ousou fazer o pedido de comercialização da RU 486 junto da FDA. Naquele país, os produtos do grupo alemão Hoechst, proprietário da Roussel-Uclaf, foram ameaçados de boicote pelo *lobby* anti-aborto.

A utilização daquele medicamento não se restringe à interrupção da gravidez. Numerosos estudos mostraram que a pílula pode ter êxito no tratamento de doenças graves como o cancro do peito ou o síndroma *Cushing*, e no desregulamento das secreções hormonais provocadas por um temor, que se traduz pela obesidade e atrofiamento dos ossos.

«Suplico-vos para que não fechem a porta a futuras investigações ou a uma possível esperança para milhares de doentes do síndroma de *Cushing* que procuram um tratamento para esta terrível doença», pediu Wanda Guesnier, uma mulher originária do Texas, tratada no NIH (Instituto Nacional de Saúde), perto de Washington. Esta fez o tratamento com a RU 486 durante 20 meses e os sintomas da doença foram bloqueadas.

Com a decisão da FDA de pôr fim às importações daquele medicamento para uso pessoal, o Governo de George Bush «enviou uma mensagem clara: ele resistirá aos pedidos de comercialização do RU 486», acusa Steve Jenning, o porta-voz de Ron Wyden.

«Em teoria, podemos sempre fazer investigação. Mas a decisão da FDA tornou a Roussel-Uclaf muito nervosa. Não estou seguro de que me fornecerão por muito mais tempo aquele medicamento», explicou à agência noticiosa francesa (AFP), o médico George Chrousos, um endocrinologista que trabalha no NIH. Este especialista terminou há pouco tempo o tratamento a oito doentes que sofrem da síndroma de *Cushing*.

«Não posso dizer a um paciente que o vou cuidar e alguns meses mais tarde interromper o tratamento por faltar a RU 486», acrescentou aquele médico que ainda tem uma quantidade de pílulas para tratar um doente durante dois anos, quando, pelo menos, 10 pessoas estão inscritas numa lista de espera.

Françoise Michel/AFP

Turismo na Europa precisa de ser refrescado

O comissário europeu Cardoso e Cunha condicionou ontem, em Bruxelas, o futuro do turismo europeu «à oferta de um produto refrescado e ao aumento do leque de alternativas». Este responsável recusa alarmar-se com a perda de quota de mercado do turismo europeu, alegando a necessidade, entre outras coisas, de desenvolver o turismo rural, da terceira idade e para deficientes.

No entanto, recusou uma atitude intervencionista da Comissão, à semelhança do que sucede com a agricultura ou as pescas, alegando que o turismo é uma actividade muito importante mas não não tem problemas que, pela sua gravidade, justifiquem uma intervenção das comunidades.

As declarações do comissário europeu responsável pelo turismo da Comunidade foram feitas à agência Lusa, em Bruxelas, onde hoje se realiza uma audição pública sobre o sector, organizada pela Comissão dos Transportes e Turismo do Parlamento Europeu.

«A missão da Comissão não é ensinar aquilo que já está feito mas tratar dos aspectos intersectoriais do turismo e prevenir más orientações», disse Cardoso e Cunha, respondendo a críticas sobre a falta de intervencionismo da Comissão no sector.

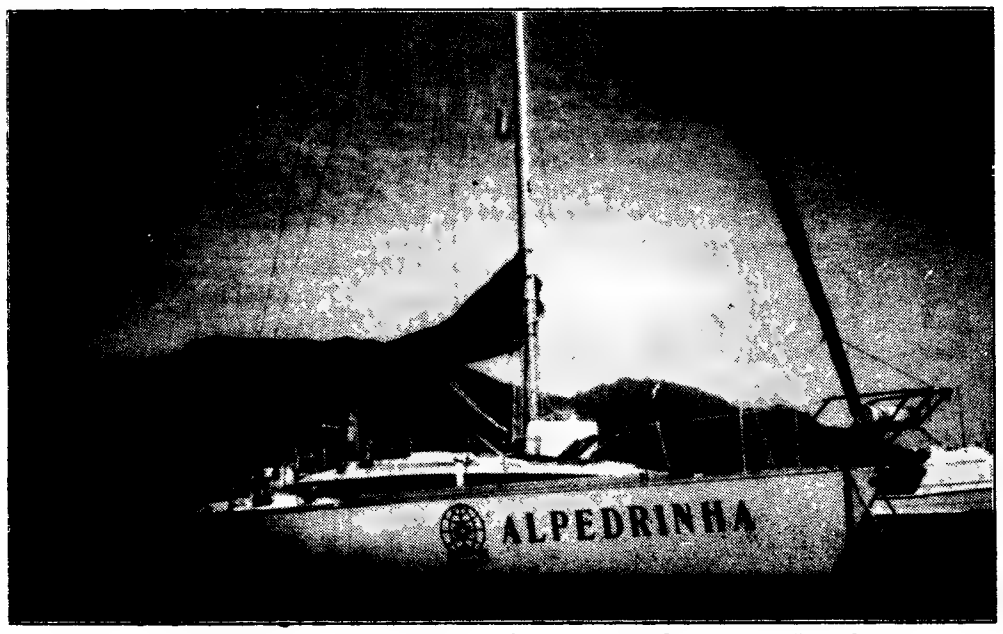
Considerou que é uma área «com méritos próprios que emprega oito milhões de profissionais e com um mercado que se desenvolveu sozinho, sem cancros».

No entanto, «como a realidade comunitária é cada vez mais integrada e complexa, a Comissão está a fazer o jogo político e não pode deixar ficar sectores para trás», disse, justificando a criação, há dois anos, de um serviço ainda embrionário para tratar da interferência das várias políticas da Comunidade com incidência no sector.

«Estamos a executar na prática o conceito teórico da subsidariedade», segundo o qual a Comunidade só deve interferir quando a acção não pode ser desenvolvida mais eficazmente a nível nacional, disse.

Cardoso e Cunha admitiu a formulação de eventuais críticas à organização do Ano Europeu do Turismo, «desde que objectivas».

«Aceito que o Parlamento Europeu se coloque na posição de fiscalizador e crítico, mas tem também de ser objectivo. Não basta dizer que não está bem, é preciso indicar como se faz», frisou.



O veleiro «Alpedrinha», onde um português e um brasileiro tentarão refazer a rota de Pedro Álvares Cabral

Português radicado no Brasil tenta travessia do Atlântico

O ano passado, o português António Silva Bronze, de 57 anos, radicado no Brasil há mais de 30 anos, projectou uma viagem por via marítima do porto de Ubatuba, naquele país, à Figueira da Foz ou Aveiro, ancoradouros mais próximos da sua terra natal, Cantanhede.

A travessia odisseica estava prevista para Junho de 1989, num veleiro, mas um acidente de viação, que lhe provocou a fractura de um braço, e o facto de o sistema electrónico da embarcação não ter sido completado a devido tempo motivaram o cancelamento da iniciativa.

António Bronze, que foi jogador no Clube de Futebol «Os Marialvas», antes de ir para a África do Sul, onde esteve vários anos, revelou-nos agora que não desistiu de refazer a rota de Pedro Álvares Cabral. Pelo contrário, mais se adensou a sua vontade de aventura para a qual conta com a companhia de um brasileiro.

«A embarcação está na água, faltando-lhe no entanto alguns acabamentos, como a montagem de aparelhos sofisticados de navegação e outros componentes de vital importância para o melhor êxito da minha viagem», disse-nos o industrial de abastecimento de combustíveis em São Paulo. Acrescentou: «Por outro lado, depois de tudo estar apto no que respeita à equipagem, terei que fazer alguns testes para conhecer o veleiro nos seus meandros navegáveis».

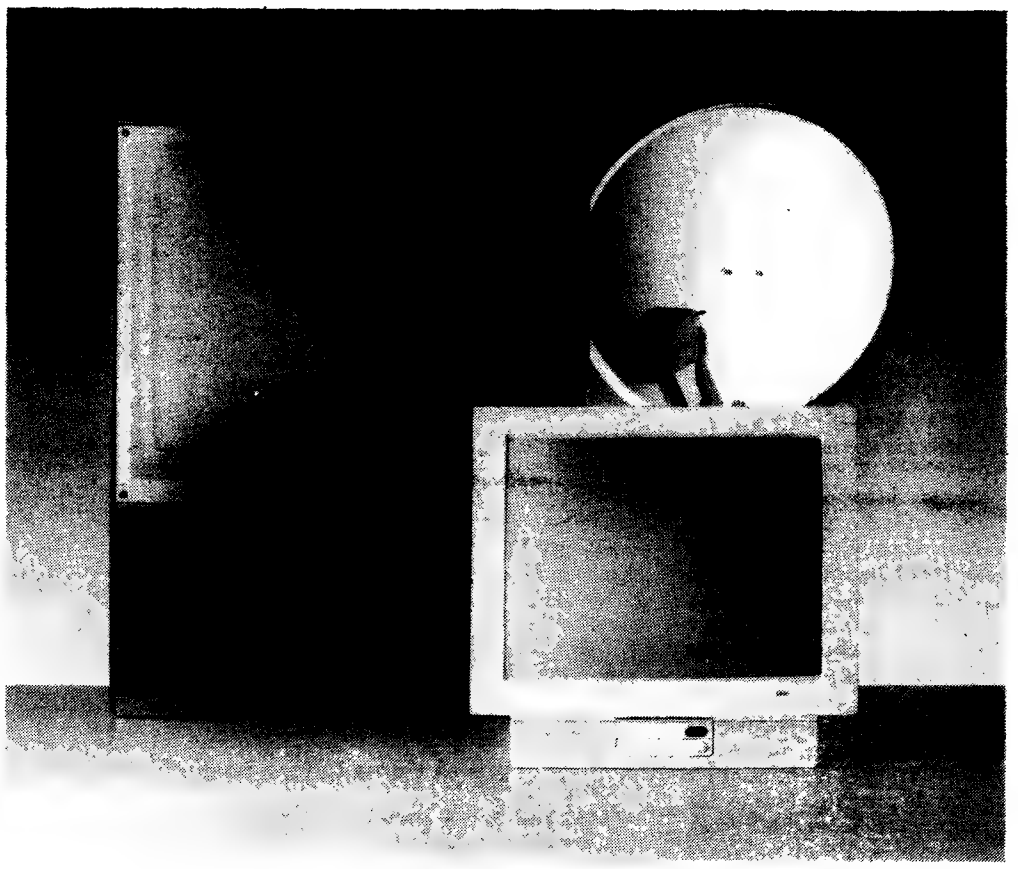
O português manifestou a sua intenção de empreender a travessia do Atlântico em Abril ou Maio, «época para se passar nas Caraíbas», prevendo aportar em Portugal em Junho do próximo ano.

Entretanto, o navegor pensa vir a Portugal, antes de iniciar a travessia, para observar os portos de Figueira da Foz e Aveiro, aproximadamente equidistantes de Cantanhede, para apurar qual deles oferece melhores condições para a entrada na barra do «Alpedrinha», um veleiro FAST - 395 de 40 pés, com armação «sloop». O nome constitui uma homenagem ao homem que, por indicação do Infante D. Henrique, contactava os povos na redescoberta das terras realizada na epopeia dos Descobrimentos.

O sonho de navegar de António Bronze nasceu muto cedo, quando, ainda novo – segundo confessa -- «assistia na Praia de Mira, muitas vezes, à chegada dos pescadores vindos do mar, arrastando as redes com o peixe vivo!»

Licínio Alves

Sintonize o mundo.



Consulte os n/Agentes SGO
Transom, Lisboa — Lisbonense Som Ld.ª, Lisboa — Fernando Gonçalves de Carvalho, Lisboa — Novaudio, Cascais — Hélder Aveiro, Cacém — SGO — Informática, Lisboa — Silnor, Torres Vedras — Macaulay Televideo, Carvoeiro — Luís Costa Constante, Cascais

LOEWE.

SGO — Santos Guimarães & Oliveira SA
Av. Óscar Monteiro Torres, 15-B
1000 LISBOA

CULTURA

Rui Vasco

A Sintra de Eduardo Viana: modernistas continuam a somar virtudes

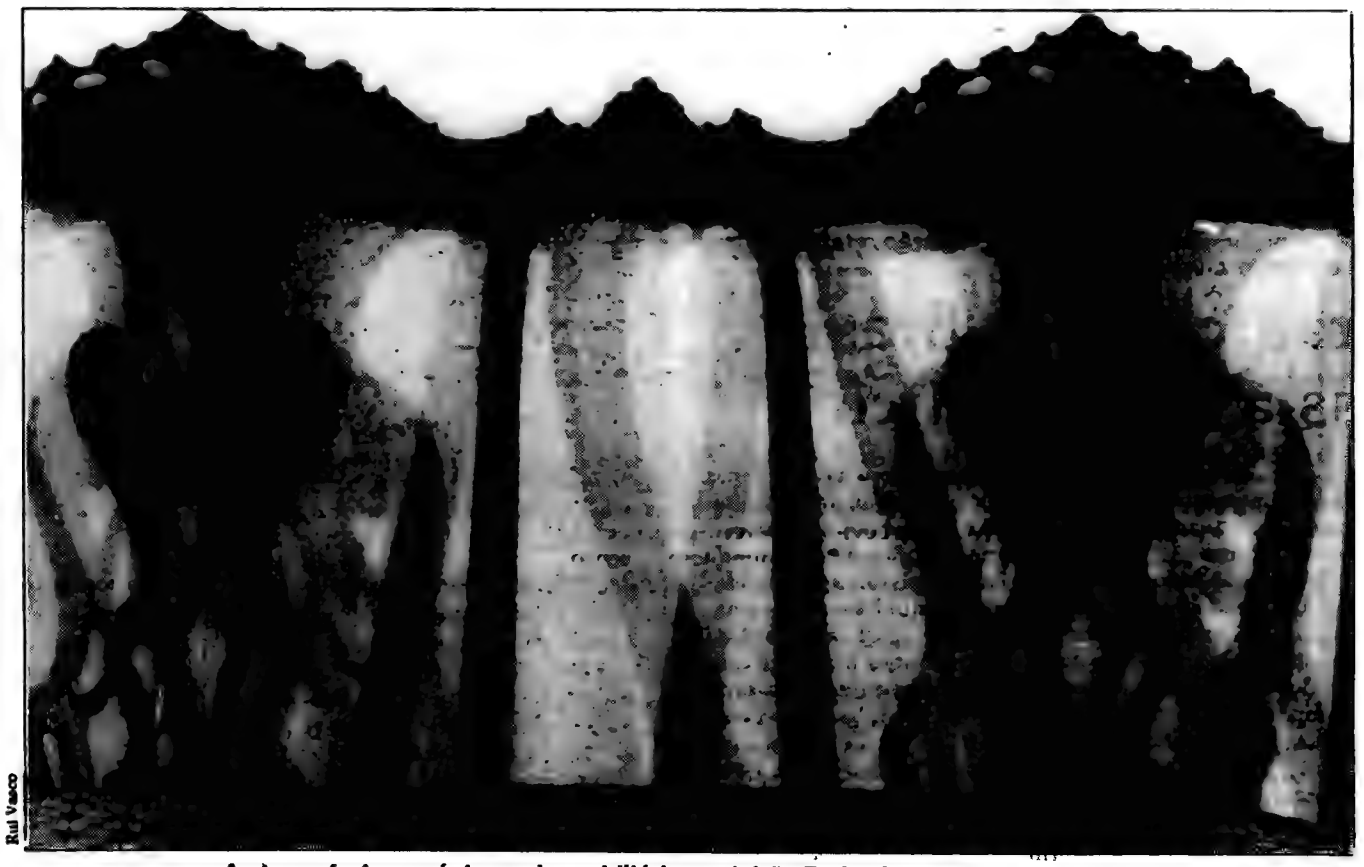
Leilão de preciosidades na Tapada da Ajuda

Alegres, festivos e finais

Cá está o último leilão a que o "DL" vai referir-se, ao cabo de 70 anos deles e nossos; 70 anos em que as preciosidades, por ciclos, se encontram na praça.

Esteé, simbolicamente, organizado pela Leiria & Nascimento, antiga de 1882 (dela, desde 1921, devemos ter noticiado centenas de leilões). Começa amanhã, penúltimo dia em que o "DL" estará nas bancas. Um ajuste de contas noticioso não é para aqui chamado, apesar de a tentação ser sempre grande para estabelecer paralelos, em época de saldos do tempo. Diz-se por aí que a estação está para os leilões, que a crise adivinhada estabelecerá novos valores para os agora superabundantes objectos de colecção. Os preços têm baixado, as frequências têm baixado. É o tempo em que os investimentos de leilão podem estar ao alcance dos neófitos. Experimente, pois, e aproveite para apreciar as andanças póstumas dos nossos pintores consagrados.

Assim, poderá constatar que os modernistas da geração de "Orpheu" continuam a subir de preço (e não é só nas primeiras edições dos livros). A prová-lo, a obra mais cara das quatro sessões (amanhã, depois e sábado) no Pavilhão das Exposições da Tapada da Ajuda. Trata-se do quadro "Vista de Sintra" (óleo sobre tela, 0,87 x 1,06 m), de Eduardo Viana. A base de licitação calcula-se entre os 10 mil e os 14 mil contos.



Rui Vasco

A eterna fortuna póstuma do mobiliário: cadeirão D. José, herança (quase) sem preço

Do mesmo autor, em lotes anteriores, irão à praça "Mercado do Minho" (4 mil contos de base), "Varina de Ovar" (8 mil) e "Paisagem da Várzea de Sintra" (10 mil). Outros pintores representados são: Paula Rêgo, Dordio Gomes, Costa Camelo, Chichorro, Cargaleiro, Bual, Alvarez e Escada, etc., além de alguns clássicos como o rei D. Carlos, António Carneiro, Jorge Barradas, Malhoa, Maria Adelaide Lima Cruz, Silva Porto, Sousa Pinto, Veloso Salgado e Roque Gameiro. A sessão do dia 30 inclui ainda a licitação de uma aguarela não assinada (mas autenticada) da autoria de Sonia Delaunay.

Entre as peças de mobiliário mais cotadas, continuam a distinguir-se os móveis da época D. José/D. Maria I: meia cómoda, em pau-santo, está avaliada acima dos 800 contos; enquanto o conjunto composto por um sofá e 12 "fauteuils" deverá atingir perto de 9 mil.

Mas como a decoração das casas "desfeitas para leilão" inclui toda a espécie de peças, o frequentador destas sessões poderá ainda ser surpreendido pelo preço excepcional de um prato desgarrado ou de um "bibelot" avulso. A memória não tem preço. E é ela, sempre, a mais fascinante das componentes de um leilão de "preciosidades".

Marina Tavares Dias

Teatro no Piso 0 do Nacional

Com estreia prevista para 5 de Dezembro no "Piso 0" do Teatro Nacional D. Maria II, encontra-se em fase de ensaios o espectáculo «Aos crocodilos mete-se-lhes um pau na boca», realizado a partir da peça «Le Rôdeur» de Enzo Cormann, cuja tradução portuguesa (do nosso colaborador Mário Rocha de parcerria com Mário Vaz) será em breve editada por «Livros Cotovia».

Protagonizado por Carlos Daniel, este espectáculo - o segundo realizado pela dupla Philippe Arnaud/Carlos Pimenta - tem figurinos e música original dos alemães Carin Bartels e Karl Bartels, recorrera a grandes meios de luz, som e vídeo e vai ser apresentado num local «14 metros abaixo do nível da cidade de Lisboa». Com efeito, o chamado "Piso 0" do Teatro Nacional (que nunca foi utilizado para apresentação de espectáculos), é considerado o ponto mais baixo da cidade.

«Aos crocodilos mete-se-lhes um pau na boca» tem previstas vinte únicas representações, com início às 19 horas e, por razões de segurança, a lotação será rigorosamente limitada.

A produção é do próprio Teatro Nacional, com o apoio da Association Française d'Action Artistique.

Confiança no IPPC

O secretário de Estado da Cultura reafirmou ontem «total confiança» nos responsáveis pelo Instituto Português do Património Cultural e reconheceu «o esforço que tem vindo a desenvolver». Uma fonte da SEC disse à Lusa que a tomada de posição de Santana Lopes surgiu após o presidente do IPPC, Antero Ferreira, ter posto o seu lugar à disposição.

Santana Lopes estaria fulo com a alegada desorganização do IPPC, facto de que a Imprensa se fez eco, na semana passada. Antero Ferreira é presidente do IPPC desde Janeiro deste ano, sucedendo a António Lamas que se demitiu após Teresa Gouveia ter sido afastada do cargo de secretária de Estado da Cultura.

Exposição de Malangatana

Uma nova exposição de desenhos e aguarelas inéditas do pintor moçambicano Malangatana Valente foi ontem inaugurada em Lisboa, na galeria Moira. Alguns dos trabalhos agora expostos constituem uma incursão explícita por temas eróticos e de cultura africana.

Cotrubas no S.Luiz

A cantora romena Ileana Cotrubas vai actuar no S.Luiz, em Lisboa, num concerto em que participa a Régie Sinfonia. O concerto está marcado para o próximo dia 14.

De autoria de Louis-Jean Calvet, acaba de ser publicada em França uma biografia do autor de «Fragmentos de Um Discurso Amoroso».Ter-se-ía preferido, contudo, um livro diferente. Este, segundo o «Le Monde», não passa do fruto de um certo totalitarismo mediático que consagra o direito de tudo saber sobre alguém só pelo simples facto desse alguém ser uma figura pública

Barthes ou a vida triste

Há qualquer coisa de deprimente na biografia de um homem que sempre desejou esconder-se atrás dos seus escritos, fragmentos de um discurso infinito, sobre o senso juízo, um homem que a coisa que mais temia era a importância e que portanto não gostava do género biográfico, preferindo-lhe os instantâneos fugitivos, ligeiros, frágeis e amigáveis a que ele chamava «biografemas», mais conformes com um retrato íntimo, o oposto da narração sequencial, quase fílmica, dramatizada que enforma uma biografia de um homem importante.

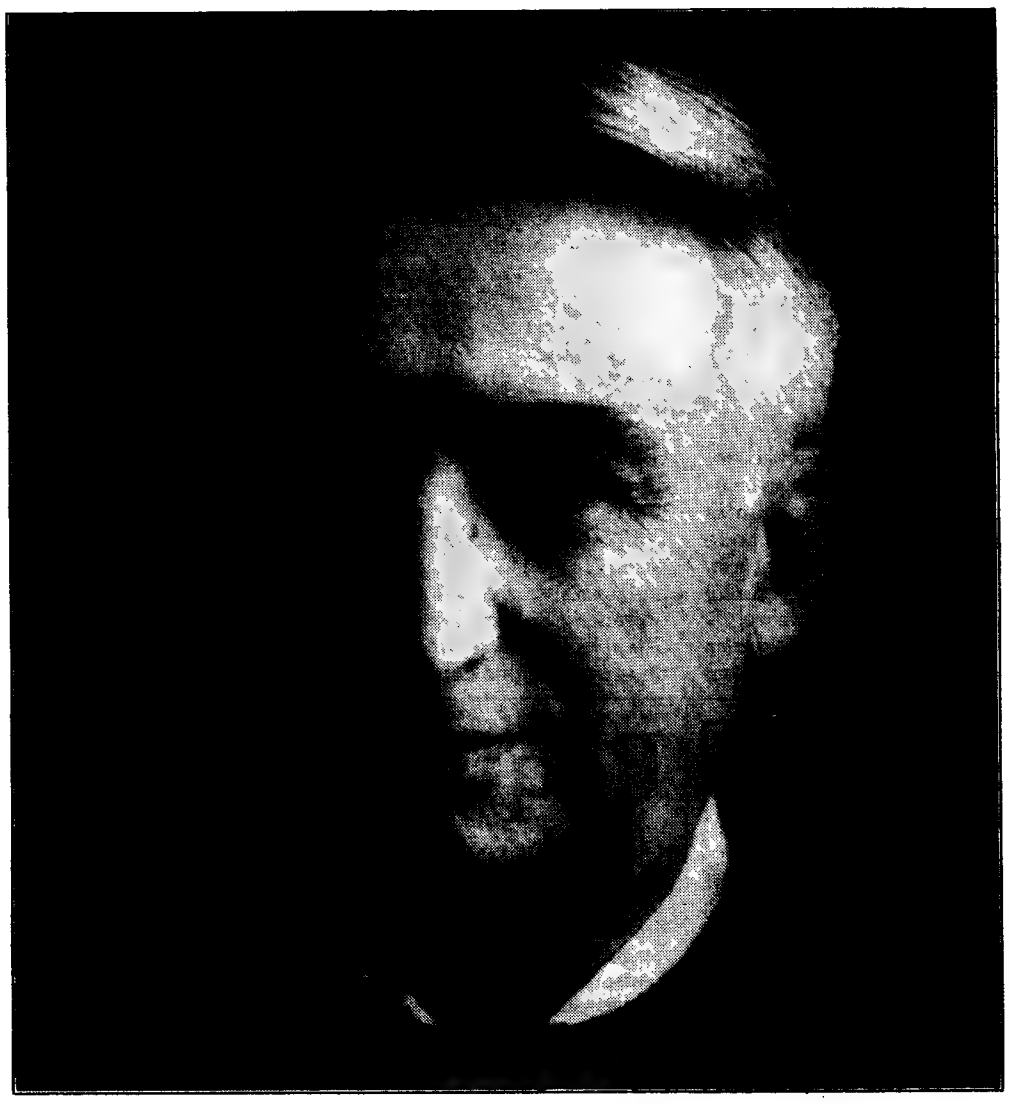
Roland Barthes não aspirava a tornar-se um grande homem, estava fascinado pela figura do escritor à Gide — inteligente, culto, afável, vivendo burguesmente, rodeado de amigos e admirado por um público de qualidade. Portanto, não viveu a sua vida como matéria para uma biografia — o que é próprio dos «grandes homens», que devem começar por acreditar eles próprios que o são, como De Gaulle ou Sartre —, antes se preocupou em preservá-la da indiscreção, da «histeria» de tudo o que se é forçado a dizer. Nomeadamente a sua homossexualidade, nem escondida, nem ostentada, é apenas incomodativa, por respeito por sua mãe, com quem viveu toda a vida e também por respeito para consigo mesmo, para não se deixar prender pela importância de um papel.

Portanto, a biografia escrita por Louis-Jean Calvet não é autorizada, nem por Barthes nem pelos seus herdeiros. Parece mesmo que foi feita arrostando com a oposição de François Wahl, o editor de Barthes nas edições du Seuil, contra quem o autor duramente se insurge, contestando-lhe o papel de executor testamentário e negando-lhe nomeadamente o direito de «reter» correspondência íntima. Louis-Jean Calvet pôde ler estas cartas escritas a amigos mas não obteve autorização para citá-las e pensa que elas nunca serão publicadas. Não há dúvida que François Wahl deveria explicar a sua atitude, pode ser até que as razões sejam aceitáveis. O livro de Louis-Jean Calvet distingue-se, em primeiro lugar, pela sua honestidade. Ele aborda sem rodeios a recusa barthesiana da biografia, o que ela tem de artifício e de fuga. Em suma, não se desculpa perante Barthes por não o seguir quando ele anuncia teoricamente a «morte do autor»: tal como o próprio Barthes, ele só acredita parcialmente. Não é um ensaio brilhante, profundo ou paradoxal, que avence, num estilo sedutor, à Barthes — tal como tentara Philippe Roger (1) —, interpretações novas sobre a trajectória intelectual de Barthes, o seu papel social e a sua configuração psíquica. É, de acordo com as próprias palavras do biógrafo, uma «pesquisa», um «trabalho de investigação histórica, por vezes jornalística e a expressão de uma grande simpatia». Em resumo, é um livro de encomenda, como agora se faz cada vez com mais frequência. (2)

Assim, precisam-se alguns aspectos da genealogia familiar — o que, evidentemente, não fazia o elíptico e elegante «Roland Barthes para Roland Barthes», da colecção Escritores de Sempre —, sobre a morte do pai, em 1916, num combate naval, que deixa Henriette Barthes viúva de guerra e sem fortuna, fazendo do pequeno Roland um «pupilo da nação», a infância em Bayonne, onde, adolescente, regressa nas férias e ficamos também a saber que ele nunca se sentiu «parisiense», mas antes um homem do Sudoeste, simultaneamente basco e gascão.

É todavia em Paris que faz os seus estudos, no Liceu Montaigne até ao quarto ano e depois no Luís, O Grande. Entretanto, a mãe tem um segundo filho, nascido fora do casamento, o meio-irmão de Roland Barthes que viria a ser o seu herdeiro. Parece que este nascimento dá origem a uma zanga entre Henriette e sua mãe, que vive na opulência enquanto a jovem viúva e os seus dois filhos se debatem com uma enorme penúria. Gera-se então um vivo ressentimento contra a burguesia: burguês pobre, Roland Barthes sentir-se-á sempre solidário com os não privilegiados, situar-se-á politicamente sempre «à esquerda», embora também aspire ao estilo de vida da burguesia abastada e provinciana e faça da moderação uma virtude intelectual e moral.

No Luís, O Grande, faz amizade com um colega brilhante, que está persuadido de que o seu condiscípulo se tornará «no Victor Hugo do nosso tempo». Tanto um como o outro ambicionam entrar na Escola Normal Superior. O amigo passa em todos os concursos e entra na diplomacia e, sempre que pode, ajuda Barthes a subir. E Barthes vai precisar desta ajuda, porque a tuberculose, que o atinge em 1934, irá constituir um obstáculo a uma carreira universitária «normal», até à sua nomeação, em 1960, para a Escola Prática de Altos Estudos (é Fernand Braudel quem o chama) e à sua eleição, em 1978, para o Colégio de França (onde Michel Foucault, a seu pedido, tenta que seja criada para ele uma cadeira de «semiologia literária»). Tal como na biografia de Michel Foucault, publicada no ano passado por Didier Eribon na mesma colecção, é no que se refere aos acidentes da sua carreira e às suas relações com as instituições que o livro de Calvet é mais interessante.



Roland Barthes

Assim, ficamos a saber que Claude Lévi-Strauss recusou claramente dirigir uma tese sobre a moda do vestuário que Barthes lhe propunha, mas, em contrapartida, deu-lhe o útil conselho de se limitar ao vestuário de que se fala na Imprensa e de ler o que Propp escreveu sobre a estrutura do conto. Daqui resultará um livro, sem o estatuto de tese, sobre o «Sistema da Moda», no qual Calvet muito pertinentemente reconhece «um sonho de rigor científico», de estrita «escrituração» (onde se escreve qualquer coisa que se saiba) antes dos livros que, como «O Prazer do Texto», «O Império dos Sinais» (leitura, soberbamente inspirada, do Japão como epifania de significantes puros), e «Fragmentos de um Discurso Amoroso», são a outra vertente da escrita barthesiana, a escrita intransitiva, sem outro objectivo que a escrita em si mesma, esta escrita que, de acordo com a capciosa distinção introduzida por Barthes, é a do escritor e não mais a do escriturário. Toda a vida produtiva de Barthes surge marcada por esta hesitação entre a escrita do erudito e a do escritor e pelo sonho, talvez irrealizável, da sua ultrapassagem recíproca numa escrita que seja uma descoberta não literal do senso.

Avançando passo a passo na cronologia, esta biografia é pródiga em histórias de que o autor, prudentemente, se escusa a tirar o sentido. Assim, quando, após a sua visita guiada à China, em 1974, com a equipa maoísta de «Tel Quel», Julia Kristeva publica o seu relato da viagem intitulado «Chineses», um amigo a quem ele pediu a opinião não ousou dizer a Barthes que achava o livro fraco. A amizade de Barthes por Kristeva, a admiração intelectual que ele tinha por ela e também a sua vontade constante de manter boas relações com a «avant-garde» que ela e Philippe Sollers incarnavam nos anos 70, fizeram-no calar, assim como fizeram calar à sua volta muitas dúvidas ideológicas. A alguém que o interrogava sobre Kristeva respondeu rindo: «É a única pessoa por quem estou verdadeiramente apaixonado, a única que me faria mudar a minha sexualidade.» Duvidamos que ele tivesse gostado do retrato que Solers em «Mulheres» e Kristeva em «Os Samurais» dele fizeram, apresentando-o como «Amiguinho» enternecedora, mas, ao mesmo tempo, triste. Nada tão cruel como estas palavras de Jean Genet, reveladas por Georges Lapassade: «Falávamos da forma como ele tinha separado a sua vida em duas, o Barthes dos bordéis de rapazes e o Barthes talmudista(...) Eu dizia: Barthes é um homem de salão, uma mesa, uma poltrona... — Não, replicou Genet, Barthes é uma alvéola pastora...»

O facto é que a sexualidade de Barthes, principalmente no fim da sua vida, quando o dinheiro lhe permite prazeres que a sedução intelectual já não basta para lhe prodigalizar — torna-se bastante lamentável, a partir do momento em que é descrita e em que é transformada primeiro em personagem de romance e depois em biografia e também em infeliz tema autobiográfico no pequeno volume intitulado «Incidentes», publicado depois da sua morte.

Dez anos após o seu prematuro desaparecimento, a biografia que Louis-Jean Calvet publica, por muito calorosa e amigável que seja embora obrigatoriamente objectiva, obedece todavia a esta forma de totalitarismo mediático que consagra o direito de tudo se saber sobre alguém pelo simples facto de esse alguém ter feito uma figura pública. O contrato foi cumprido, mas teríamos preferido um livro que, mais desejado pelo seu autor, tivesse alinhado alguns biografemas, frágeis e comovedores que fossem o equivalente literário da belíssima foto da capa. Ela diz o mais importante: a melancolia deste homem, a sua benevolência, a sua inteligência, a sua elegância moral, a sua sabedoria inquieta.

Mas, a partir do momento em que se podem ler os seus livros, o resto não tem importância. E sobre os próprios livros esta biografia não nos traz nada de notável.

Michel Contat
Serviço exclusivo «Le Monde»/«DL»
Tradução de Maria Otília Moreira

(1) Vd. Philippe Roger, «Roland Barthes, roman», Grasset, 1986. Este estudo foi reeditado em Livro de Bolso.
Louis-Jean Calvet publicou uma das primeiras monografias dedicadas a Barthes, antes do sucesso deste, «Roland Barthes, un regard politique sur le signe», Payot, 1973
(2) Por vezes com alguma negligência. Aqui surpreendemo-nos ao tomar conhecimento de que AJ. Greimas, o linguísta de origem lituana, foi «nacionalizado» francês em 1951, muito antes das «privatizações» baldurianas que parece terem perturbado um pouco o vocabulário. Sejamos claros, não é o género biográfico que está em causa mas sim a forma como presentemente é concebido: um livro apressado. Se quisermos o modelo inverso, uma verdadeira biografia, apaixonada, erudita, histórica e intelectual, o mais recente é «Schopenhauer et l' annés folle de la philosophie», de Rüdiger Safrauski (PUF). Mas é evidente que beneficia de século e meio de investigação.

Adieu

Agradecimento

Ao deixar esta tribuna por motivo do seu desaparecimento, não quero deixar de agradecer as boas e as más horas que os actores portugueses me proporcionaram ao longo destes anos. Sem eles não só o meu trabalho não teria sido possível como não teria sido apaixonante como foi.

Não digo adeus; digo — até já.

Oh, Listopad!

Se o Júlio Cardoso tivesse tido tempo para responder à sua última intervenção na mesa (bicuda!) do «Dramazine» (RTP/2-22-11-90), ter-lhe-ia dito certamente o seguinte: Não é verdade que a peça de Agustina Bessa Luís *O Inseparável* não tenha sido representada. Foi-o pelo Teatro Popular de Lisboa, dirigido por Augusto Figueiredo, na Estufa Fria, em Agosto de 1969. Comparar Agustina Bessa Luís com Almeida Garrett como personalidade qualificada para dirigir o Teatro Nacional, concordemos, não é sério.

Almeida Garrett foi não só um dos maiores dramaturgos portugueses, o que conta nestas coisas, como o maior reformador do nosso teatro, como sabe. Além do mais foi ele o fundador do Teatro Nacional o que desde logo o qualifica. Concordemos que o «curriculum» teatral de Agustina Bessa Luís — grande escritora, a gente sabe — é bastente diferente.

As Malditas (1)

A pobreza orgânica do nosso teatro pode medir-se pela ocultação, voluntária ou involuntária, de obras essenciais ou simplesmente interessantes da dramaturgia nacional e mundial, sendo óbvio que as principais vítimas desta situação são os dramaturgos portugueses. Só a título de exemplo, eis algumas peças portuguesas que se mantêm inéditas: *Inferno* e *O Punho* de Bernardo Santareno; *Quem Move as Árvores* de Fiama Hasse Pais Brandão; *Bocage* e *O Andarilho das Sete Partidas* de Romeu Correia; *Condenados à Vida* de Luiz Francisco Rebello; *A Caixa* e *A Vila* de Hélder Prista Monteiro (esperemos que o Teatro Nacional cumpra finalmente a promessa de produzir *A Caixa*, numa encenação de Manoel de Oliveira; *D: Sebastião* de José Régio (estreada em Portalegre pelo Teatro Nacional mas em cena apenas durante três dias); *A Terra* e *O Artilheiro* de António Júlio Valarinho; *A Última Semana Antes da Festa* de Carlos Coutinho; *Vieram para Morrer* de Jaime Gralheiro; *As Cadeiras Celestes* e *A Paixão Segundo João Mateus* (esta estreada nos Açores) de Norberto Ávila. Obras de Miguel Rovisco e Vicente Sanches.

As Malditas (2)

No que se refere ao reportório estrangeiro as lacunas são tantas e tão gritantes que a amostragem não pode deixar de ser insatisfatória. Exemplos: *Oréstia* de Ésquilo; *Ricardo II* de Shakespeare; *Os Bandidos* de Schiller; *Despertar entre os Entre os Mortos* de Ibsen; obras de Strinberg; *Os Tecelões* de Hauptmann; *Ivanov* de Tchekhov; *Luzes da Boémia* de Valle-Inclán; *A Resistível Ascensão de Arturo Ui* de Brecht. Etc.

Memória

Carlos Wallenstein, actor e dramaturgo, português.

A actriz Delphina Seyrig, francesa; o actor Ugo Tognazzi, italiano; a actriz Mary Martin, norte-americana; Herbert Berghorf, actor e encenador, professor de arte dramática, norte-americano. Do Brasil: Yan Michalski, crítico e historiador de teatro; Edvaldo Rodrigues, jovem luminotécnico, colaborador habitual de Ulysses Cruz com quem trabalhou em Portugal, na Seiva Trupe, na peça *A Gota de Água*.

De Espanha: Joé Luiz Alonso, encenador.

Tabela

* Em Paris, na Cité Universitaire, estreia de um texto de Richard Démarcy, *A Quoi Rêvent les Vieux Enfants?* Desta vez Démarcy viu o seu trabalho encenado por outro, Guy Cambreleng. «Aceita-se completamente que o onírico, a poesia seja a natureza, a realidade mesma do espectáculo» («Le Fígaro»); «É um conto leve que seduzirá as almas sensíveis que se encantem com Lewis Carroll» («Le Point»); «É a poesia filosófica como Richard Démarcy ama; em especial através de Pessoa» («France Culture») *A Quoi Rêvent les Vieux Enfants?* acaba de ser editada na conhecida

colecção L'Ávant Scène Théâtre.

* Sobre os cadernos Vicente escreve Osório Mateus: «A colecção de cadernos Vicente realiza um programa de análise monográfica da produção artística do autor dos autos. (...) Cada caderno da colecção Vicente representa a memória de um objecto artístico singular, quase sempre de um auto. Os cadernos ocupam-se de objectos muito diferentes entre si e há mais do que uma técnica de edição.»

Nas actas do Terceiro Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas-Coimbra/1990.

* Prémios da revista «O Actor»: actriz Custódia Gallego; jornalista Paulo Carrentas («A Capital»); empresa Unicer (patrocínios); prémio especial para João Mota.

* Adolfo Marsillach prepara a sua saída como director-geral do Instituto Nacional de Artes Cénicas e Música. Regressa ao teatro.

* Jean Marie Villégier (*D. João* no Teatro Nacional) nomeado director do Teatro Nacional de Strasbourg.

* Nos dias 7 e 8 de Dezembro, no Hotel Tivoli, no âmbito dos Festivais de Lisboa, 2.º Encontro do Instituto Internacional de Teatro do Mediterrâneo, com a presença de vários especialistas da área, incluindo portugueses.

* Uma boa notícia: Santana Lopes anuncia a compra pelo Governo do Teatro S. João do Porto. Finalmente!

* Número substancial de «El Publico» de Novembro/Dezembro. Entre material com muito interesse, uma crítica ao espectáculo *Llanura* de Romero Quesada pelo Centro Insular de Cultura de Gran Canaria, encenação, muito elogiada, de João Mota. Na correspondência de Portugal referências a algumas das mais recentes produções do teatro português. Número com um grande aparato gráfico este de «El Publico».

* Teatro no 1.º n.º da revista «Tempo Livre»: O que vai ser o Teatro da Trindade, conta José Carlos Barros; Ruy de Carvalho em *Minetti*.

* Cartazinho.

O leitor tem actualmente no teatro portug uês alguns espectáculos que certamente

TEATRO

merecem o seu interesse. Lembro:

Muito Barulho para Nada de Shakespeare, no Teatro da Cornucópia; *Quem Tem Medo de Virgínia Woolf?* de Edward Albee, no Teatro da Graça (atenção à data de reposição); *Um Eléctrico Chamado Desejo* de Tenesse Williams, e *Um Estrangeiro em Casa* de Richard Démarcy na Comuna; *Desejo sob os Ulmeiros* de Eugene O'Neill, e *Loucos de Amor* de Sam Sheppard no Teatro Aberto; *Amor a Quanto Obrigas*, de Gil Vicente e *Felicidade e Erva Doce* de Peter Shaffer no Teatro Municipal de Almada; *Vicent* de Leonard Nenory, no Teatro Nacional. E ainda: *Vitória! Vitória*, no Maria Vitória; *Ai Carequinho*, no Capitólio; *Os Bancários (também) têm alma*, no Villaret.

Estreias anunciadas: *O Osso de Mafona* de António Macedo no Teatro da Malaposta; *Casa de Boneca* de Ibsen, no Teatro da Politécnica; *A Grande Festa*, no Variedades.

Nos Festivais de Lisboa (absolutamente): *La Nit* pelos Els Comediants; Marcel Marceau; *O Cerejal* de Tchekhov pelo Teatro Za Branu II.

No dia 7 de Dezembro estreia da peça mais recente de Jaime Salazar Sampaio pela Oficina de Teatro do Centro Cultural de Viana do Castelo.

GRUPO TEATRO HOJE, TEATRO DA GRAÇA

Quem tem medo de VIRGÍNIA WOOLF?

de EDWARD ALBEE

Com: Fernando José Oliveira, Isabel de Castro, Maria José Pascoal, Mário Jacques

Encenação: Fernanda Lapa
Cenografia: José Manuel Castanheira
Figurinos: Jasmim de Matos

«Um trabalho cuidado e inteligente.» — Fernando Midões — *Diário de Notícias*

«... quatro interpretações magistrais.» — Anabela Mendes — *Público*

ATENÇÃO

Por motivo de doença do actor Fernando José Oliveira, o espectáculo encontra-se interrompido até data a anunciar.

PATROCÍNIO: Círculo de Leitores

TERMINAL BAR Paul Sole
BREVEMENTE

Pequeno Teatro

1.º Acto:
Nacional: Você disse enigma?

O tempo que resta ao «DL» já não chega para descobrir pelo menos alguns dos enigmas que constituem o mistério do Teatro Nacional. Como aqueles detectives convencionais podemos fazer uma lista aproximativa:

1 — Que levou Ricardo Pais a querer que António Lagarto (bom cenógrafo mas sem prática de direcção que se saiba) fosse nomeado subdirector?

2 — Que levou Ricardo Pais a aceitar a nomeação de António Lagarto para director do Festival Internacional de Teatro da SEC, sabendo que esse facto provocaria uma cisão na equipa?

3 — Porque razão Ricardo Pais não reuniu com a companhia do Teatro Nacional expondo-lhe a situação e pedindo o seu apoio, exigindo a substituição de António Lagarto como subdirector?

4 — Que levou a SEC a convidar António Lagarto a dirigir o Festival, conhecendo o seu papel na equipa de Ricardo Pais?

5 — Ou desconhecia a SEC esse papel?

6 — Que levou António Lagarto a aceitar o convite da SEC, sabendo que essa aceitação representaria a fractura, talvez irremediável, do projecto de Ricardo Pais?

7 — Quais os problemas — incluindo as verbas — que a produção de *Passa Por Mim no Rossio?*, de Filipe La Féria, introduziu no projecto de Ricardo Pais?

8 — Porque aceitou a SEC imediatamente o pedido de demissão de Ricardo Pais?

9 — Porque razão a SEC não esperou pela resposta definitiva de José Fonseca e Costa e preferiu convidar de um dia para o outro Agustina Bessa Luís?

10 — Que levou Agustina Bessa Luís a aceitar o convite, para além das razões metafísicas?

11 — O secretário de Estado está, de facto, convencido que o director do Nacional tem um horário de bancário — cinco dias por semana?

12 — Ou está convencido, o que é ainda mais enigmático, que bastam três dias por semana?

13 — E Agustina Bessa Luís, também?

14 — O secretário de Estado está, de facto, convencido que o Teatro Nacional D. Maria II pode ser dirigido por um director que passa três dias em Lisboa e por um subdirector que é simultaneamente director artístico de um festival internacional?

15 — E António Lagarto está, de facto, convencido que poderá dirigir bem as duas instituições?

16 — O secretário de Estado, ao convidar Agustina Bessa Luís, e esta, ao aceitar o convite, estão, de facto, convencidos de que um teatro nacional não deve ser dirigido por profissionais, como acontece em Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, etc.?

17 — Ou serão os responsáveis administrativos que os nomeiam para dirigir os teatros nacionais desses países, mentecaptos?

18 — O secretário de Estado entende que não haveria vantagem em ouvir a companhia antes de convidar um novo director?

19 — Quem vai encenar no Teatro Nacional? Quem vai escolher os encenadores?

Estas são algumas das muitas perguntas possíveis.

2.º Acto:
Da crítica

Embora escrevesse já no Suplemento Literário, então dirigido por Vítor Silva Tavares, iniciei a minha colaboração como crítico de teatro do «Diário de Lisboa», substituindo o jornalista da casa Joaquim Benite, no dia 13 de Janeiro de 1970. Não foi azar. Tratava-se de um espectáculo da Casa da Comédia, *Fando e Liz*, de Arrabal, com encenação de Norberto Barroca e com Manuela de Freitas no elenco. Já lá vão, portanto, 20 anos, quase 21. Ao deixar a crítica num jornal diário é com algum orgulho que verifico a diferença entre a crítica teatral na Imprensa portuguesa de então e de hoje. Isto sem qualquer menosprezo para aqueles que então escreviam e que na maioria dos casos trabalhavam como redactores dos respectivos órgãos de informação. Agora, apesar dos obstáculos e más vontades, os jornais aceitam a colaboração de especialistas. Lembro, no «Público», Anabela Mendes, Manuel João Gomes e Maria João Brilhante; no «Diário de Notícias», Fernando Midões e João Melo Alvim (1); José Agostinho, no «Jornal de Notícias»; na «Capital», Tito Lívio; no «Diário Popular», Fátima Lopes; no «Expresso», Eugénia Vasques e António Augusto Barros; no «Jornal», Maria Helena Serôdio; no «JL», Jorge Listopad e Jose Valentim Lemos; na «Sábado», Paulo Lages. Como é natural são desiguais as aportações críticas destes colaboradores da nossa Imprensa, não é isso que está em causa, mas remeto aqueles que tenham dúvidas sobre o nível atingido por alguns dos nossos críticos de teatro para as análises do espectáculo *Tanto Barulho por Nada*, do Teatro da Cornucópia, da autoria de Maria Helena Serôdio («O Jornal Ilustrado»/23-11-90) e Eugénia Vasques («Expresso-Revista»/24-11-90).

Carlos Porto

(1) Aos leitores do Pequeno Teatro recomendo a leitura da secção semanal do «Diário de Notícias» (terças-feiras), «Dos Bastidores», as notícias e os comentários da actividade teatral na palavra sempre alerta de João Melo Alvim.

Fantástico e Nem Tanto

A Galeria Animada e *O Barão de Munchausen*, pelo Teatro Ta Fantastika & Panoptikum, de Praga. Encenação: Petr Kratochvil e Pavel Marek. *Interpretação:* Jan Censky, Julius Hirsh, Pavel Hojny, Tomás Kalenda, Milada Kratochvil, Pavel Marek, Dan Rous, Jiri Sequens, Barboa Srncova, Petra Tmomaskova.
Festivais de Lisboa. Teatro Maria Matos/23 e 25 de Novembro de 1990.

Quem viu há anos no Capitólio o Teatro Negro de Praga («DL»/21-03-75), ou, mais recentemente, uma experiência curiosa do grupo portuense Realejo, de António Valente, que utilizou essa técnica com alguma eficácia, dificilmente reconhece esse processo nestes espectáculos de um outro grupo de Praga que veio aos Festivais de Lisboa. Embora também o Ta Fantastika & Panoptikum utilize a técnica da chamada câmara negra com a qual objectos, fatos, fragmentos, mássccaras surgem intensamente iluminados e rodeados por um negrume espesso que impede a visão dos manipuladores que estão completammente tapados, incluindo rostos e mãos, por fatos negros. No entanto este grupo utiliza mais abundantemente outras técnicas, em especial o próprio actor e a sua capacidade mímica, a projecção e, sobretudo, a colagem entre actores e projecções (que podem ser de filmes tradicionais ou de desenhos animados). Esta fusão de processos permite jogos visuais de uma grande riqueza pictórica. Em especial o primeiro espectáculo («A Galeria Animada»), inspirado na pintura de Emmla Snrcova, constituiu umma experiência inolvidável para a classificação da qual a palavra magia não parece exagerada. Situando-se entre a pintura «naíf» e o surrealismo, «A Galeria Animada» propunha um conjunto de cenas dotadas de uma imaginação, de uma inventividade e de umma beleza comoventes. A partir de elementos dramatúrgicos muito simples (como a história de Adão e Eva), utilizando truques técnicos surpreendentes, o espectáculo permitiu-nos um mergulho num outro mundo outro, num teatro outro. O extraordinário equilíbrio entre os vários elementos utilizados, incluindo a participação dos intérpretes «visíveis», a graça e o rigor dos efeitos (como o da vara flexível) transformaram este espectáculo num momento teatral sem paralelo.

Menos sorte tiveram as crianças para quem era dirigido o segundo espectáculo. As conhecidas aventuras do «Barão de Munchausen» foram transformadas num espectáculo mais próximo do teatro tradicional, neste caso, da responsabilidade de actores interessantes mas não suficientemente criativos. Só raramente surgiu, embora sempre com grande beleza, a magia do primeiro espectáculo.

«O Barão de Munchausen» inicia-se com uma cena passada num asilo psiquiátrico dominado por um médico ditador e pelos seus acólitos. O Barão, internado como doente, representa a ânsia de liberdade dos presos vítimas de injustiças e prepotências. Ele consegue transformar o médico e a sociedade através do amor e da luta pela liberdade.

O percurso das aventuras do Barão e do seu amigo passa pela libertação de uma jovem que um sultão quer integrar no seu harém, o que representa outra mimagem da arbitrariedade e da ditadura.

Se algumas cenas e o próprio ritmo do espectáculo estão na linha do espectáculo anterior, parece não haver dúvidas que o nível da «Galeria Animada» não foi atingido. Sobretudo com o primeiro espectáculo, o grupo checo trouxe a Portugal a prova de como o teatro é ainda mais rico e mais belo do que poderíamos imaginar.

Carlos Porto

«A Galeria Animada e O Barão de Munchausen», pelo Teatro Ta Fantastika & Panoptikum

Corpo e Alma

Os Bancários (Também) têm Alma, de Terzoli e Vaime. *Música:* Berto Pisano. *Arranjos e direcção musical:* Ramon Galarza. *Letras:* Pedro Bandeira Freire. *Encenação:* Castro Guedes. *Assistente de Encenação:* Elisa Amado. *Cenografia:* Octávio Clérigo/António Casimiro. *Figurinos:* Helena Reis. *Produção:* Vasco Morgado. *Interpretação:* Raul Solnado, Manuela Maria, Io Apolloni, Amílcar Aguiar, Carlos Leonel Duarte Almeida, Ismael Macedo, José Carlos, José Luís Brás e Paulo Oliveira.
Estreia: Teatro Villaret/23-11-1990.

Qualquer semelhança entre esta comédia musical de origem italiana e o bulevar é, e não é, mera coincidência. Há nela vários dos pressupostos que distinguem o bulevar ordinário: o conformismo do tema, com o eterno (!) triângulo amoroso, o pequeno-burguesismo moral, o convencionalismo estético. No entanto, as suas raízes não são o «vaudeville» ou o melodrama francês, o que desde logo a distingue do género, embora, bem vistas as coisas, tudo acaba por dar na mesma: peça e espectáculo são demasiado débeis, sob o ponto de vista de estrutura dramática e de realidade cénica, para que possamos ultrapassar essa medida medíocre que geralmente define o teatro comercial.

O conflito tem um ponto de partida bem significativo de determinado ponto de vista: quando Mário, bancário, se reforma os colegas cotizam-se para lhe oferecerem uma viagem e uma aventura (com uma mulher, claro). Mário é casado mas ninguém se lembra que Ângela, dona de casa, talvez precise, também, de uma aventura. Reconheça-se que, apesar disso, o tratamento da mulher não é tão machista como é habitual no género.

Mário transfere uma viagem à Guarda numa ida a Veneza na companhia de Bárbara que encontra no comboio (fora ela a escolhida pelos colegas de Mário sem que ele soubesse). Tudo isto é bastante inverosímil, o que não tem grande importância, Bárbara convence-o de duas coisas incompatíveis: que o que é bom é ser mediano, cinzento, como ele; e que o que é cinzento pode ser transformado, até as lagostas são azuis. Depois desta iniciação sexual e do imaginário, Mário regressa a casa e a história repete-se, desta vez, ao contrário. Ângela faz o papel de Mário e este o da sedutora Bárbara, com esta diferença, justificada pela moral social (não esqueçamos que Bárbara é uma aventureira paga): na primeira sequência, o que há de mais interessante é o jogo corporal que Bárbara impõe; na segunda, embora a vocação seja também essa, é de alma que se trata. E neste tipo de espectáculos, a alma é bastante menos interessante de que o corpo.

Este jogo possível sobre o imaginário que a peça autoriza exigia uma leitura muito diferente daquela que Castro Guedes propõe. Na verdade, a encenação esquece o que é uma chave da peça, a do imaginar (os homens voam); cenário, marcação, dança, canções, efeitos, não passam dum cinzentismo, de uma mediocridade que impede que o espectáculo voe, como se impunha. A preocupação foi a de servir os actores (não sei se Castro Guedes poderia contrariar essa tendência). Mas o texto é, como escrita, muito fraco e pouco foi melhorado, se melhorou, com as piadas portuguesas que lhe introduziram, e contra isso e contra a pobreza da encenação, os actores pouco poderiam fazer.

Claro que Raul Solnado agarra sem problemas a sua personagem, usa com discrição mas muita eficácia a sua capacidade de expressão fácil, os seus jogos com os olhos, a sua capacidade de chegar ao público. Talvez, no entanto, ele pudesse dar outra chama à personagem ou pudesse equilibrar melhor as suas zonas cinzentas e coloridas e o espectáculo ganharia com isso. Io Apolloni é a sereia capaz de levar Mário para o lado brilhante da lua. Com um discurso do corpo mas também perorando. O texto não lhe dá aí grandes hipóteses de convencimento. Nos exercícios de Ioga vai por isso bastante melhor. Manuela Maria é a dona de casa a aprender a ser sereia. O jogo, de certo modo, irónico da actriz acaba por ser o que há de mais interessante no espectáculo. É difícil calcular o que Manuela Maria poderia ter feito noutro género de teatro, mas ainda valia a pena experimentar. Além da actriz e dos dois actores, seis dançarinos, que também cantam com «play-back», participam nalgumas cenas. As suas intervenções são manifestamente pobres. A coreografia de Fernando Lima é de uma escrita demasiado elementar para ajudar o espectáculo.

Não se pode dizer que este reaparecimento, no teatro, de Raul Solnado tenha sido auspicioso.

C. P.

Bronca, ontem, no Trindade

Ministro abandona a sala após pateada dos jovens

Duas jovens interromperam abruptamente a cerimónia de inauguração do Encontro Nacional do Programa Cultura e Desenvolvimento /91, que decorreu ontem à noite, no Teatro da Trindade., com a presença do ministro da Juventude.

Empunhando um recorte de jornal e apoiando-se em alegadas declarações do dramaturgo Luís Francisco Rebello, as duas candidatas ao prémio na área de Poesia, uma das dezassesis daquele programa, exigiram púiblicas explicações a Couto dos Santos sobre o facto do respectivo júri, cujo parecer é soberano, ter decidido não contemplar nenhuma das obras apresentadas a concurso, por falta de qualidade.

Segundo a Lusa,o incidente causou algum escândalo pelos contornos que assumiu e levou a assistência,na maioria jovem, a patear, assobiar e gritar, de tal forma que o som dos microfones no palco teve que ser cortado e as luzes acesas, abreviando o intervalo da sessão, aproveitado pelo ministro para abandonar a sala.

O Encontro Nacional do Programa Cultura e Desenvolvimento/91, que reune cerca de três mil jovens concorrentes, reparte-se pelo Teatro da Trindade, pela ESBAL e pelo IADE.

Os trabalhos galardoados, cuja exposição foi inaugurada ontem à tarde, ficam patentes nestes três espaços até 7 de Dezembro, decorrendo, paralelamente, uma série de iniciativas culturais que compreendem ciclos de cinema e vídeo, colóquios e espectáculos

Sai amanhã novo livro de Fernando B.Gomes

Na Livraria Barata, decorre amanhã, pelas 18 e 30, o lançamento do novo livro de Fernando Bento Gomes, «Um Sorriso a Crescer ao Longo do Verão»,uma edição da Caminho. A apresentação é de José Jorge Letria.

Fernando Bento Gomes é um dos mais conhecidos escritores portugueses de livros juvenis, duas vezes premiado pela APE e galardoado também com o prémio O Ambiente na Literatura para Criança.

Neste novo livro, fala-se da chegada de um jovem ao mundo dos adultos, «numas férias loucas que não foram férias, passadas num escritório que nasceu garagem».

O resto, ler-se-á, mas para já pode dizer-se que, se esta história tem moral, a moral é esta: «desgostos, adeus, não valem um sorriso ao alcance da mão».

teatro da cornucópia

W. SHAKESPEARE

♥MUITO BARULHO POR NADA♥

«Espectacular trabalho da Cornucópia» — Expresso

«Tudo e todos neste projecto cénico, realizarám o melhor, daí resultando uma admirável perfeição» — O Jornal

«Raramente o ideal do Teatro-Vida e da Vida-Teatro encontrou no Teatro português a expressão mais perfeita / uma qualidade única no Teatro português» — Público

«O Espectáculo é deslumbrante» — Diário de Lisboa

«Uma das melhores realizações de sempre da Cornucópia e espectáculo de Antologia» — A Capital

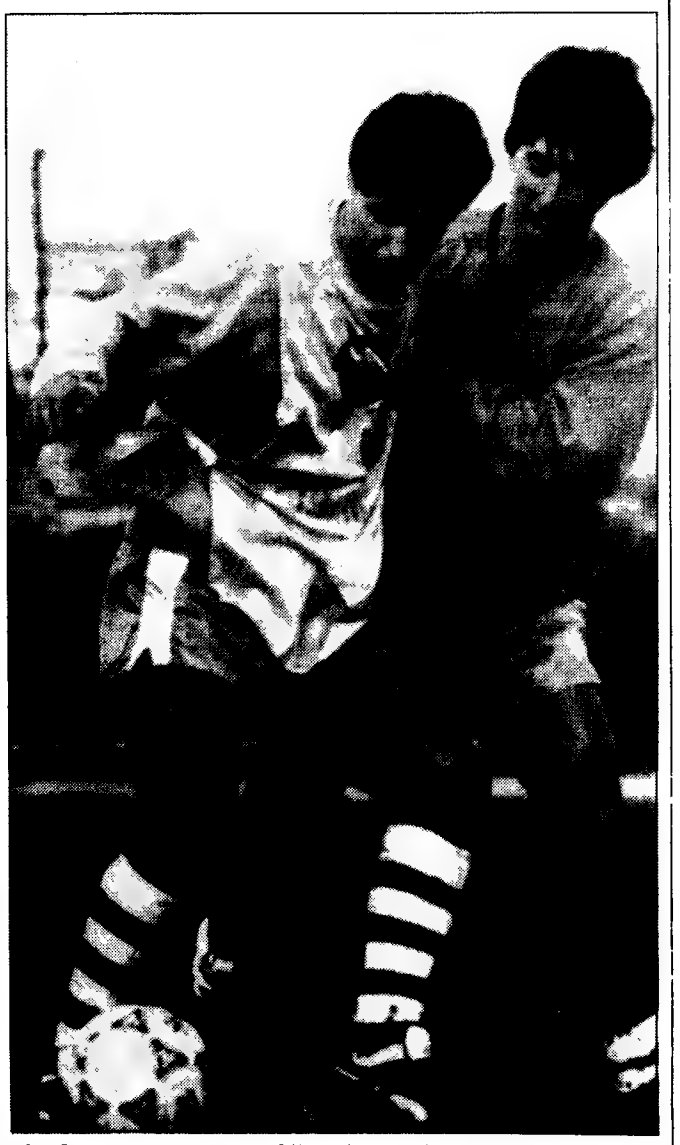
Apoios: Fundação Calouste Gulbenkian e British Council.

De Terça a Sábado às 21.30h, Domingo às 16h.
Teatro do Bairro Alto — Rua Tenente Raul Cascais 1A — 1200 LISBOA
Telef.: 396 15 15 / 396 92 05

Sub. Soc.

O leão vai mostrar a sua raça

Neves de Sousa
Nosso enviado especial



Ontem na Holanda: Marinho Peres dando as derradeiras instruções a Cadete e Fernando Gomes a mostrar a Miguel, arte de bem dominar a «redondinha»

DOORWERTH — Pronto: os dados estão lançados e restará apenas esperar pela subida do pano, quando os relógios portugueses marcarem as 19 e 30 e, no quase rústico Monnikenhuize, na cidade de Arnhem, o Sporting sair a terreiro para assaltar o acampamento do Vitesse.

— *Assumimos a condição de favoritos* (diz Marinho Peres) *mas tenho de adiantar que vão estar em choque duas escolas de futebol: a holandesa, com mais dinâmica, força e marcação constante aos jogadores contrários e a portuguesa marcada por mais habilidade e melhores individualidades, sobretudo no capítulo técnico.*

E, na conferência de imprensa que se processou no simplório mas simpático estádio do Vitesse, após o último treino verde-branco, o técnico brasileiro recordou que «*empatar fora de casa, nas competições europeias, é um bom resultado, como as estatísticas demonstram: mas o Vitesse está a contrariar essa coordenada. Não vi qualquer jogo do nosso adversário. porque sempre tinha de estar com o Sporting em compromissos difíceis: mas, pelo que o Romeu* ('espião verde') *me contou, é forçoso que reforcemos o meio campo*».

Para um pequeno grupo de jornalistas portugueses, desbobinou a sua escalação: Ivkovic; Carlos Xavier, Miguel, Venâncio e Leal; Bozinosky, Oceano, Douglas e Filipe; Cadete e Gomes. Adiantou (ainda) Marinho Peres:

— *Gostaria que as pessoas entendessem que a derrota nas Antas de qualquer equipa não é nenhuma anormalidade: apenas o «onze» do Sporting tinha de dar certa réplica, dificultar um pouco a tarefa dos contrários. E isso não aconteceu, não podendo voltar a repetir-se.*

Confessa:

— *Já à saída de Portugal tudo indicava que Luisinho não estaria em condições de jogar na Holanda. Fez agora* (na tarde/noite de ontem) *um bom treino, com evolução extremamente favorável do seu estado físico mas mostrou receio em algumas entradas. Eu e o dr. Fernando Ferreira conversámos com ele; e o Luisinho concordou que não está ainda a cem por cento. Logo, joga o Miguel no seu lugar.*

Outro lesionado tem a palavra: e Douglas, alegre e muito optimista, acredita que «*a fé remove montanhas*». Diz mais:

— *Treinei, senti um pouquinho de dores na perna mas consegui fazer todos os movimentos. Marinho Peres disse-me que vou jogar: estou radiante. Quanto ao desaire nas Antas, um jogo nunca é igual a outro. Neste momento, temos de tirar proveito da lição, de uma tarde em que jogámos com apatia mas em que aprendemos alguma coisa. E, hoje, é forçoso que voltemos à marcha vitoriosa que o Sporting tinha nesta temporada.*

Técnico holandês faz «caixinha»

Embora o técnico holandês Bert Jacobs suponha fazer «caixinha» do seu «team», garantem-nos que o extremo canhoto Rick Hilgers está seriamente «tocado» e fora do bloco do Vitesse, enquanto o defesa Vermeulen está desde 2.ª feira a ser tratado com acupuntura para poder alinhar num exército que deve (perante 11 mil espectadores) alinhar do modo seguinte: Van Der Gouw; Frans Thijssen; Straal, Theo Bos e Vermeulen; Laamers, Van Den Brom e Eyer; Van Bremen; Latuheru e Van Arum.

Pisámos o tapete do estádio: há muita areia misturada com a relva e a «barba» feita à frente das balizas. A iluminaçção é vulgar, os acessos ao parque são complicados e ficam entre denso arvoredo, as instalações para a Comunicação Social tão arcaicas como os balneários. A um canto ficam os serviços de tesouraria, direcção e restaurante. Um conjunto que não suplanta a mais vulgar mediania de qualquer clube da 2.ª Divisão nacional portuguesa.

Resta dizer que o afastamento do nosso hotel em Doorwerth impede que se saiba o que vai ocorrendo em Amesterdão, com os directivos, VIP e acompanhantes da equipa, que ficaram a 91 km de distância e não puseram o pé no estádio quando o Sporting treina, ao princípio da noite de ontem; conhece-se apenas que as direcções dos dois clubes têm confraternizado, estiveram em jantar comum e já aprazaram uma bela passeata no triângulo turístico Lisboa-Sintra-Estoril.

Esta manhã, a Câmara Municipal de Arnhem oferece uma recepção oficial à gerência leonina e, no início da tarde, processa-se o tradicional almoço oferecido pelo Sporting aos jornalistas. Mais tarde, é a partida para o Monnikenhuize, nove quilómetros que confere direito a muitos sonhos. Como nos dizia Marinho Peres: «*em 1974, joguei pelo Brasil perante a Holanda. Quando estava no Barcelona e era treinado pelo bom mestre Rinns Mickelis, marquei bem o seu compatriota Neeskens. Nunca perdi com holandeses: espero agora, como técnico, continuar com essa boa estrela.*»

Não adianta prolongar mais esta conversa, a última que é enviada do estrangeiro para o nosso «DL». Restará acrescentar que o regresso de Arnhem para Amesterdão está previsto para as 22 e 45 locais, com viagem para Lisboa no voo «charter» AIA 357 e chegada prevista às três da madrugada. Oxalá o Sporting, muito rapidamente, tenha revalidado a sua personalidade perante quantos admiram a sua raça.

Programa do dia

Para além do confronto Vitesse-Sporting (que será transmitido pelo 2.º Canal da RTP a partir das 19 e 30) esta eliminatória compreende mais os seguintes sete jogos:

Torpedo de Moscovo (URSS)-Mónaco (França); Brondby (Dinamarca)-Bayer Leverkusen (Alemanha); Admira Wacker (Áustria)-Bolonha (Itália); Anderlecht (Bélgica)-B. Dortmund (Alemanha); Colónia (Alemanha)-Atalanta (Itália); Inter de Milão (Itália)-Partizan de Belgrado (Jugoslávia) e Roma (Itália)-Bordéus (França).

LIVEDESPORTOS
NOS GRANDES MOMENTOS DO DESPORTO

O vereador Rego Mendes recebe distinção tenista

Associação de Ténis de Lisboa distingue Câmara Municipal

A Associação de Ténis de Lisboa, que comemora o seu 10.º aniversário, entregou o galardão de «Sócio de Mérito» à Câmara Municipal de Lisboa, na pessoa do vereador do Pelouro do Desporto, Rêgo Mendes. Nas instalações municipais de ténis no Parque de Monsanto, cedidas à Associação de Ténis de Lisboa, onde decorriam aulas das suas escolas em quase todos os «courts», deveria disputar-se na altura da cerimónia, a final do «Torneio Inforgal», entre Mário Azevedo Gomes e Marco Seruca, que já fora adiada de véspera devido ao mau tempo.

Por esse facto não se procedeu à entrega do prémio, aproveitando o presidente da Direcção da ATL, Marques da Silva, para enaltecer o trabalho da associação a que preside, com 74 clubes filiados e o relacionamento com a Câmara Municipal de Lisboa, que levará à revalidação do protocolo de cedência daquele belo espaço desportivo, como afirmou o vereador do Desporto, Rêgo Mendes.

Esteve também presente o vereador da Cultura, João Soares, pois inaugurara-se, no espaço disponível pela ATL, uma exposição de pintura da jovem Mara Peres da Silva.

Automobilismo: Kankkunen lidera o «RAC»

O finlandês Juha Kankkunen, em Lancia, reassumiu a liderança do Rali do RAC, ao beneficiar de uma saída de estrada do espanhol Carlos Sainz (Toyota), no decorrer da terceira etapa da prova britânica.

Cumpridas 31 das 41 classificativas, Kanklunen comanda com uma vantagem de 24 segundos sobre Carlos Sainz, e dois minutos e vinte segundos sobre o sueco Kenneth Eriksson, em Mitsubishi, terceiro classificado.

Após ter dilatado para oito segundos a vantagem para Kankkunen nos primeiros troços da etapa, Sainz, virtual campeão do mundo de ralis, sofreu um ligeiro despiste na 30.ª classificativa e foi ultrapassado pelo finlandês, que também deu um «toque» no final desta especial.

Ténis: Cunha perde na Suíça

João Cunha e Silva foi eliminado na primeira ronda do torneio de ténis de Bossonnens, na Suíça, ao perder com o francês Rudolphf Gilbert, em apenas dois «sets».

Cunha e Silva, 113.º classificado no «ranking» mundial foi derrotado pelos parciais de 7-5 e 6-4, repetindo o desaire sofrido em Setembro último, em Hossefor (França), frente a Gilbert, que é actualmente o 164.º jogador do mundo.

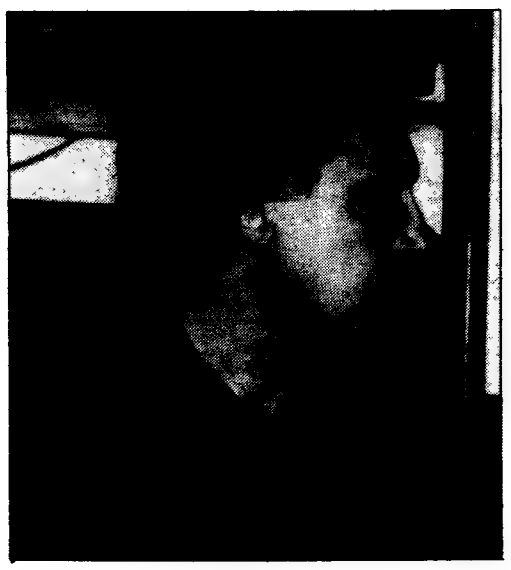
O único português ainda em prova na competição helvética, dotada com 50 mil dólares (cerca de sete mil contos) para prémios, é Nuno Marques, que derrotou segunda-feira o checoslovaco Vaclav Roubicek, por 7-6 (7-4) e 6-2.

Dirigentes do clube dos «merengues» estiveram nas Antas a observar o comportamento dos dragões no confronto com o Sporting e perante o muito que sabem e aquilo que viram terão oferecido dez mil contos mensais para Artur Jorge avançar para Madrid

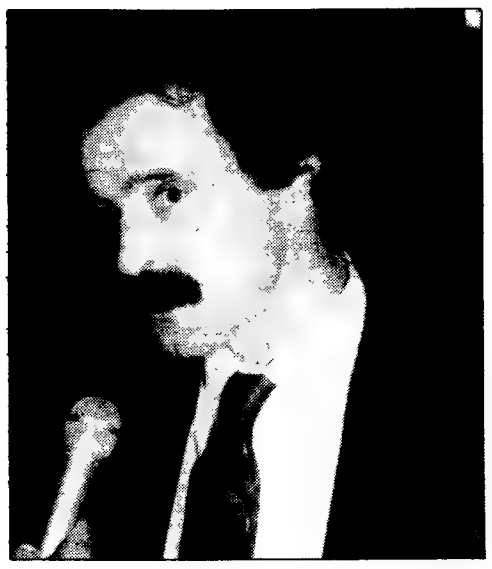
Real Madrid «namora» Artur Jorge

Na sua edição de hoje, o «Jornal de Notícias» revela o «cerco» que os dirigentes do Real Madrid estão a fazer a Artur Jorge. Nas bancadas das Antas estiveram, no passado domingo, dois membros do executivo do clube madrileno a observar o comportamento táctico dos «dragões» no confronto com o Sporting e, certamente, que terão ficado deslumbrados com a esquematização estratégica da equipa, condição físico-atlética de todos os jogadores, disciplina táctica mantida durante todo o confronto e demais condicionalismos que os comandados de Artur Jorge evidenciaram perante a vasta plateia.

Dez mil contos mensais parece ser a verba avançada em primeiros contactos, mas não é crível que o excelente técnico portista tome outra decisão que não a fincada no seu cumprimento com o FC Porto onde deseja bisar êxitos recentes.



Depireux: «Sou empregado do Belenenses»



Artur Jorge: prestígio alarga-se

Henri Depireux agrava a «crise»

O treinador belga Henri Depireux, dispensado pelo Belenenses após o encontro com o Beira Mar (oitava jornada), disse que continua a considerar-se trabalhador do clube do Restelo, ao qual exige uma indemnização cujo valor declinou divulgar.

Numa conferência de Imprensa promovida por Depireux, ao fim da tarde, num hotel da capital, o técnico belga deu conta das razões que o levaram a vir a Lisboa, acompanhado do empresário Daniel Roger e do advogado Daniel Spreutels.

O treinador belga fez-se ainda acompanhar na conferência de Imprensa, do causídico português Ruy Seabra, que já comandou as selecções nacionais de futebol, e que representa os interesses de Depireux no processo que opõe o treinador ao Belenenses.

«Não venho declarar guerra ao Belenenses, clube que tenho no coração», confessou Depireux a abrir a exposição. «No dia 24 de Outubro o clube entregou-me um documento, onde me comunicou a minha dispensa do trabalho para que tinha sido contratado. Afastei-me, mas continuo a ser contratado do Belenenses. E por isso venho defender os meus direitos», reforçou o técnico belga.

Adiantando que, durante algum tempo, tentou por todos os meios dialogar com os responsáveis do Belenenses, e não o conseguindo, «apesar de, por duas vezes, ter encontros marcados com Joaquim Cabrita, ninguém apareceu nos mesmos», Depireux acentuou: «Não tive outro remédio senão deslocar-me a Lisboa para, através das vias legais, reivindicar o que me pertence».

Mais uma acha para a fogueira que vai ardendo no Restelo. Crise em agravamento constante, convulsões em turbilhão. Depireux afirma ser ainda empregado do Belenenses e continuará a considerar-se como tal até receber (ao que se julga) cerca de 16 mil contos.

Mais «chicotadas»

Coube agora a vez de José Mendonça deixar o comando do Delães sendo previsível que o seu substituto venha a ser Cartucho. Entretanto, Joaquim Teixeira (ex-Penafiel) foi ocupar a vaga deixada por Luís Flávio no Louletano, Manuel Ribeiro sucedeu a Cartucho no Moreirense, e Frasco é o novo técnico do Vila Real de onde, recentemente, saira Jorge Regadas.

Dinis Monteiro pretende reintegração

Dinis Monteiro, vice-presidente do Conselho Nacional de Arbitragem confirmou ter sido irradiado pela Federação Portuguesa de Andebol em 1977, mas considera que o seu lugar naquela CNA não pode por isso ser posto em causa.

Numa conferência de Imprensa que deu ontem, em Guimarães, onde reside, Dinis Monteiro declarou considerar-se amnistiado, uma vez que no período em que solicitou à FPA uma revisão de processo de irradiação, aconteceu uma amnistia, com efeitos plenos, provocada pela visita a Portugal do Papa João Paulo II.

Enfim, mais um caso para o Conselho de Justiça da FPF resolver, mas cremos bem que os regulamentos federativos são bem claros e o antigo dirigente dos árbitros dificilmente retomará o lugar que lhe merece tanta apetência. De resto, não tardará que os demais dirigentes daquele órgão não sofram a «desdita» de serem afastados e isto porque é demasiado evidente a sua insuficiência.

«Bota de Ouro»

Danek, com 17 golos em 21 partidas, continua a liderar o Troféu «Bota de Ouro», um galardão promovido anualmente pelo semanário «France Football» para premiar o melhor goleador dos campeonatos europeus de futebol.

O checoslovaco Danek, que actua no F.C. do Tirol, da Áustria, tem uma vantagem de dois golos sobre Morcutti e Bierhoft, os quais já efectuaram 12 e 21 jogos, respectivamente.

Classificação dos cinco primeiros: 1.º, Danek, 17 golos/21 jogos; 2.º, Morocutti (Union), 15/12; 3.º, Bierhoft (Salzburgo), 15/21; 4.º, Nilis (Anderlecht), 14/15; e 5.º, Thome (Jeunesse) 13/12.

Marítimo-Jorginho: conflito em curso

O Marítimo continua a reclamar o direito a uma indemnização de 15 mil contos a ser paga pelo jogador brasileiro Jorginho (ex-Chaves), agora a jogar no futebol francês.

O Marítimo, que garantiu no início da presente temporada a contratação do defesa brasileiro por duas épocas, viu-se depois privado do futebolista dada a opção deste pelo contrato proposto pelo Montepellier da Primeira Divisão francesa.

O clube insular, que moveu a respectiva acção judicial contra Jorginho, reclama prejuízos vários decorrentes da atitude do antigo defesa flaviense, aguardando uma decisão dos tribunais.

LIVEDESPORTOS

NOS GRANDES MOMENTOS DO DESPORTO

O ESTADO DO TEMPO

CONTINENTE

Em todo o território: Períodos de céu muito nublado. Vento em geral fraco de Noroeste. Possibilidade de aguaceiros fracos e pouco frequentes que, nas terras altas, serão de neve. Acentuado arrefecimento nocturno.

Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação noroeste de 2 a 3 metros na Costa Ocidental e encrespado a de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã

Céu pouco nublado ou limpo. Vento geralmente fraco. Neblinas ou nevoeiros matinais. Acentuado arrefecimento nocturno com formação de geada.

Depois de amanhã

Céu pouco nublado tornamdo-se progressivamente muito nublado nas regiões do litoral Oeste. Vento fraco a moderado de Sueste. Acentuado arrefecimento nocturno com formação de geada nos locais abrigados do Norte e do Centro.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco.

Mar encrespado com ondulação noroeste de 2 a 3 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal: Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco

Amanhã

Céu geralmente muito nublado. Vento moderado do quadrante Sul. Períodos de chuva a partir da tarde.

Depois de amanhã

Céu muito nublado. Vento moderado de Sudoeste. Períodos de chuva.

AÇORES

Grupo Ocidental: Períodos de céu muito nublado. Vento moderado a forte de Noroeste. Aguaceiros. Pequena descida da temperatura máxima. Possibilidade de trovoadas. Mar cavado a grosso com ondulação oeste de 4 a 5 metros.

Grupo Central: Céu muito nublado, com abertas a partir da tarde. Períodos de chuva passando a regime de aguaceiros. Rotação do vento para Noroeste. Possibilidade de trovoada a partir da tarde. Mar cavado a grosso com ondulação Norte de 2 a 3 metros.

Grupo Oriental: Céu pouco nublado. Vento moderado a forte de Sudoeste. Períodos de chuva. Mar cavado a grosso com ondulação norte de 2 a 3 metros.

Amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Noroeste, por vezes com rajadas. Aguaceiros. Pequena descida da temperatura.

Depois de amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Noroeste, por vezes com tajadas. Aguaceiros.

MARÉS

-Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
11.20	3,4m	04.52	1,3m
23.56	3,4m	17.22	1,1m

Amanhã

--	--	05.48	1,1m
12.18	3,5m	18.13	0,9m

*** Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica**

AGENDA

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

PRENDA DE NATAL DO Diário de Lisboa

Não somos um país agrícola

«VIVAM OS ESTUDANTES»

MÁRIO CASTRIM PROCESSADO

Não somos país agrícola

Contrariando a legenda tradicional, repetidamente apontada, de ser Portugal um país agrícola, as palavras e números hoje revelados, em Beja, na sede da Federação dos Grémios da Lavoura do Baixo Alentejo, pelo secretário de Estado da Agricultura, conduzem, inexoravelmente, à conclusão de que efectivamente não o somos...

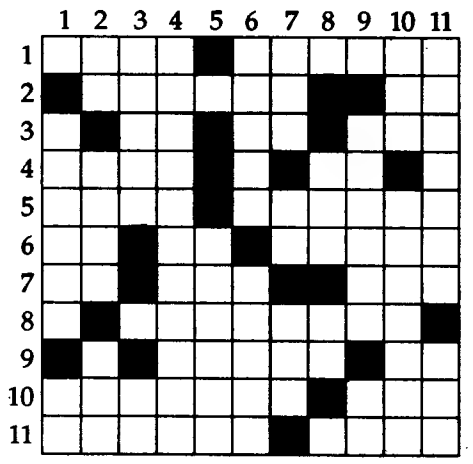
«Vivam os estudantes!» - gritou o Papa em Manila

No final da alocução que dirigiu aos estudantes da Universidade de São Tomás, em Manila, Paulo VI acrescentou algumas palavras ao seu texto oficial: «Fui estudante na minha juventude, e, como todos os estudantes, com todo o meu coração.» E depois, aplaudido, gritou: «Vivam os estudantes!»

Cadelinha Fox

Perdida domingo, dia 22, nas Amoreiras. Dá pelo nome de Joaninha e tinha coleira verde com a morada que possivelmente foi roubada. Gratifica-se quem der informações sobre o seu paradeiro para o telefone...

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 18 054

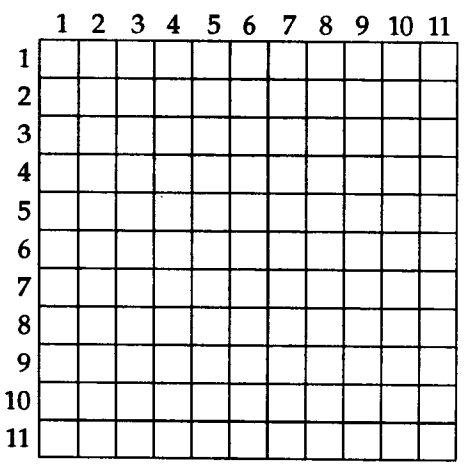
HORIZONTAIS:

1 - Pronome indefinido. Poesia narrativa de lendas e tradições.
2 - Encontra. Sufixo que designa estado.
3 - Batráquio. Artigo indefinido. Oceano.
4 - Sair frequentemente à rua. Berilo (s.q.).
5 - Equipe. Aguçam.
6 - Solitário. Nosso Senhor. Germina.
7 - Césio (s.q.). Possui. Coragem.
8 - Artigo definido. Ocultassem.
9 - Invulgares. Bário (s.q.).
10 - Chupavam. Óxido de cálcio.
11 - Descompostura (pop.). Aponta a arma contra.

VERTICAIS:

1 - Vaso de vidro, de boca estreita, para líquidos. Abreviatura de Santíssimo.
2 - Preposição latina que designa movimento. Bois selvagens. Pronome relativo.
3 - Ofereceram. Grego.
4 - Assemelharam-se.
5 - Carimbava.
6 - Vidente. Serra de Portugal.
7 - Medida de líquidos da Alemanha, Holanda e Suíça. Pago. Ruído.
8 - Cidade da Ucrânia. Abreviatura de Santíssimo.
9 - É digno de. Cento e um em romano.
10 - Faz doação de. Carregas.
11 - Ordenar. Fileira.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16 864

HORIZONTAIS:

1 - Cidade e porto no golfo da Guiné setentrional, na costa do Ouro. Extraíra.
2 - Corda de reboque. Sufixo que designa abundância.
3 - Érbio (s.q.). Pés ou sapatos grandes (pl.).
4 - Travar luta com. Autores.
5 - Rataram. Alvorada.
6 - Grego (abrev.). Derribar.
7 - Superfície plana delimitada. Bebida do Peru.
8 - Cidade de Itália. Anéis.
9 - Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Destruição.
10 - Freguesia do concelho de Esposende. Voz do gato. Preposição latina que designa movimento.
11 - Toste. Fios metálicos.

VERTICAIS:

1 - Excitar. Sufoca.
2 - Talho. Batráquio. Arsénio (s.q.).
3 - Batráquio. Governar. Ósmio (s.q.).
4 - Untais.
5 - Bolsa. Amónio (s.q.).
6 - Ramadas. Seguia.
7 - Crómio (s.q.). Boro (s.q.). Grande quantidade.
8 - Filtra. Cidade da Suíça.
9 - Atacariam.
10 - Letra grega. Rio de Portugal. No qual lugar.
11 - Guarneço de asas. Freguesia do concelho de Guimarães.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18 053

HORIZONTAIS: 1 - LADRÃO. DE. 2 - Ada. Palermo. 3 - Com. Atai. Im. 4 - Ocais. Ali. 5 - As. Ronha. 6 - Creta. Aum. 7 - Oco. Nios. Oó. 8 - Sa. Ata. Ab. 9 - Trina. Dras. 10 - Atuar. Erros. 11 - Ao. Lãs. Eira.
VERTICAIS: 1 - Laço. TOSTÃO. 2 - Adoça. Carta. 3 - Damasco. Iú. 4 - Anal. 5 - Apascentara. 6 - Tão. Tia. 7 - LADRÃO. DE. 8 - Dei. Sarne. 9 - ER. Ana. Bari. 10 - MILHÃO. Sor. 11 - Comíamos. Sa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 863

HORIZONTAIS: 1 - Arreda. Dirá. 2 - Mouraria. Al. 3 - Isar. Raio. 4 - Nios. Adia. 5 - Mo. Salto. Ra. 6 - Ivã. 7 - Naifa. Drama. 8 - Assaí. Or. 9 - Cimo. Sara. 10 - Ode. Pt. 11 - Rasto. Roías.
VERTICAIS: 1 - Ami. Man. Cor. 2 - Rosno. Ácida. 3 - Ruai. Bi. Mês. 4 - Erros. Fão. 5 - Dá. Saias. Dó. 6 - Aro. LV. Sc. 7 - Atada. Pr. 8 - Dardo. Ris. 9 - Aí. Ga. Api. 10 - Raiar. Morta. 11 - Aló. Amara.

PROVÉRBIO:
LADRÃO DE TOSTÃO LADRÃO DE MILHÃO

I Série N.º 275
Dia 28 de Novembro
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Decreto Regulamentar n.º 39/90:
Estabelece a orgânica, as competências e o funcionamento do Gabinete para os Assuntos Agrícolas Comunitários.

Decreto Regulamentar n.º 40/90:
Estabelece a estrutura orgânica da Direcção-Geral dos Mercados Agrícolas e da Indústria Agro-Alimentar (DGMAIAA).

Ministério da Educação

Portaria n.º 1160/90:
Regulamenta a inscrição na prova geral de acesso de 1991 e a sua realização.

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Portaria n.º 1161/90:
Cria uma emissão de cinco motivos de «Cartões Todas as Ocasiões» destinados a circular a partir de janeiro de 1991.

PESSOAS & FACTOS

A Polaroid lança nova câmara fotográfica

A **Polaroid** acaba de lançar no mercado uma nova câmara fotográfica, a **Image Pro**, dispondo de inovações técnicas bastante sofisticadas que fazem dela um objecto de trabalho ideal tanto para profissionais como para amadores.

A nova **Image**, servida por algumas das mais importantes tecnologias aplicadas à fotografia, dispõe de um painel de controlo digital de cristais líquidos que permite ao utilizador seleccionar dois processos distintos: o automático e o manual.

Usando os símbolos universais visualizados no painel de controlo da máquina, o operador pode activar/desactivar cada uma das oito funções incorporadas, tais como 'flash', ajustamento de exposição, sinais sonoros, contraluz e focagem. Pode também optar por uma das novas funções oferecidas pela **Image Pro**, como sejam as múltiplas exposições ou a fotografia sequencial.

Formação em sistemas integrados de cablagens em edifícios inteligentes

A PTC - Projectos de Telecomunicações SA e a **Silicon - Electrónica e Telemática, Lda.**, assinaram um acordo de colaboração tendo em vista a promoção conjunta de *formação contínua em sistemas integrados de cablagens em edifícios que incorporem grande nível de automação (inteligentes).*

Especializada em projectos, instalação e conservação de redes e sistemas privados de telecomunicações, a PTC alia assim a sua experiência e 'know-how' técnico à capacidade de formação da Silicon na área de informática e telecomunicações.

As duas empresas têm desde já previstas acções de formação que incluem a participação de peritos europeus naquele domínio e visam potenciar o 'know-how' nacional já adquirido - propiciar condições que permitam alcançar o nível técnico que se requer à satisfação das necessidades dos próximos empreendimentos de edifícios inteligentes em Portugal.

CINEMAS

LISBOA

ALFA
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
SALA 1
GHOST - ESPÍRITO DO AMOR
Filme de Jerry Zucker
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
SALA 2
TUDO BONS RAPAZES
Filme de Martin Scorsese
M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30
SALA 3
O LEGIONÁRIO
Filme de Sheldon Lettich
M/18 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 4
ROBOCOP 2
Filme de Irvin Kereshner
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 5
UM SONHO DE MULHER
Filme de Gary Marshall
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
O COMBOIO MISTÉRIO
Filme de Jim Jarmusch
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS
Shoping Center de Lisboa
T. 691275
SALA 1
GHOST - ESPÍRITO DO AMOR
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.30 e 00.15
SALA 2
O LEGIONÁRIO
M/18 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 10.45, 21.45 e 00.15
SALA 3
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
SALA 4
HENRY E JUNE
Filme de Philip Kaufman
M/18 - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 5
ROBOCOP 2
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.15, 21.30 e 00.15
SALA 6
TUDO BONS RAPAZES
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00
SALA 7
O COMBOIO MISTÉRIO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 8
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15
SALA 9
INQUÉRITO ESCALDANTE
Filme de Sidney Lumet
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
SALA 10
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
T. 776098
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
OS CAÇA MONSTROS
Filme de Fred Dekker
M/12 - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
T. 533253
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30 e 21.30

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
DIAS DE TEMPESTADE
Filme de John Mctiernan
M/ 12 anos - Às 15.30 e 21.30
ESTÚDIO SHEZA
DICK TRACY
Filme de Warren Beatty
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
ORGIA SENSACIONAL
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 T. 546085
CICLO DE CINEMA CATALÃO
BOOM BOOM
Filme de Rosa Vergès
ás 18.30
INNISFREE
Filme deJose Lu´s Guerin,
ás 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
UM SEDUTOR EM APUROS
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2
- T. 322523
INQUÉRITO ESCALDANTE
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35
T. 3525133
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
SALA 1
TUDO BONS RAPAZES
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
SALA 2
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
SALA 3
ROBOCOP 2
M/16 anos - Às 14.45, 17.00, 19.15 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
T. 541037
AUDITÓRIO 1
NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR
M/12 anos - Às 19.45 e 22.00
AUDITÓRIO 2
FANTASIA
Filme de Walt Disney
M/12 - Às 13.30, 15.30, 17.45, 19.45 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques
T. 3525133
O MISTÉRIO DO TEMPO DE OURO
Filme de James Gardner
M/16 anos - Às 15.30, 13.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
SALA 1
FANTASIA
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.45
SALA 2
A 300 MILHAS DO CÉU
Filme de Maciej Dejczer
M/6 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 21.45
SALA 3
NA PELE DO URSO
M/16 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.15 e 22.00

LAS VEGAS
SALA 1
Pingo Doce - Alcântara
T. 3631162
INQUÉRITO ESCALDANTE
M/16 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30
SALA 2
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
- T. 801313
INQUÉRITO ESCALDANTE
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL
R. Martens Ferrão - T. 538743
SALA 1
GHOST - ESPÍRITO DO AMOR
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
SALA 2
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
SALA 3
HENRY E JUNE
M/18 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
T. 574362
EXPRESSO DOS MALDITOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
PATRULHA DE AÇO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLÍMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
VÍCIOS ANAIS
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA
Centro Com. Alvalade
SALA 1
INQUÉRITO ESCALDANTE
M/16 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 e 23.45
SALA 2
UM SONHO DE MULHER
M/12 - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão
T. 326305
O LEGIONÁRIO
M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO
R. Flores de Lima, 16
- T. 771378
SALA 1
COMBOIO MISTÉRIO
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00
SALA 2
TUDO BONS RAPAZES
M/16 anos - Às 15.00, 18.45 e 21.30
SALA 3
PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.45
SALA 4
ENCRUZILHADA DE ILUSÕES
Filme de Alan J. Pakula
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE
SALA 1
Av. da Liberdade, 175
T. 579144
GHOST - ESPÍRITO DO AMOR
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15
SALA 2
HENRY E JUNE
M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
SALA 3
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

7.º ARTE
Av. da República
- T. 730715
O EXPRESS
O DOS MALDITOS
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
T. 804210
GHOST - ESPÍRITO DO AMOR
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TEATRO S. LUIZ
R. António Mª Cardoso- T. 327172
COCKTAIL
filme de Roger DonaldonÁS 18.30

TERMINAL
Estação do Rossio
- T. 371573
NINJA AMERICAÑO 4
M/12 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A
- T. 706666
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
FANTÁSTICA AVENTURA DE BILL ITED
Para TodosÀs 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

«Henry e June», um filme de Philip Kaufman

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
O CALOIRO NA MAFIA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado
T. 2905011
SALA 1
PANCADARIA CHINESA
M/18 anos - Às 15.45 e 21.30
SALA 2
UM CASO DE GUERRA
M/16 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS MIRAMAR
SALA 1
Telef. 2841769
HENRY E JUNE
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15
SALA 2
UM SONHO DE MULHER
M/16 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
O EXPRESSO DOS MALDITOS
M/18 - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
SALA 1
NON OU A VÃ GLÓRIA DE MANDAR
M/12 anos - às 15.15 e 21.30
SALA 2
ROBOCOP 2
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759
SALA 1
OS DELINQUENTES
M/16 anos - Às 15.15 e 21.30
SALA 2
UM SEDUTOR EM APUROS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
T. 4934871
ROBOCOP 2
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
ANJO DAS SOMBRAS
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15
SALA 2
FANTASIA
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30
SALA 3
ATA-ME
Filme de Pedro Almodovar
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

CAPITÓLIO
Parque Mayer - T. 3466783
Às 20.30 e 22.45
AI CAVAQUINHO
Enc. de Camilo de Oliveira

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer T. 3461740
Às 20.30 e 22.45.
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

TEATRO DA CORNUCÓPIA
R. Tenente Raul Cascais, 1-A - T. 661515 Às 21.30
MUITO BARULHO POR NADA
De William Shakespeare

TEATRO MAIZUM
R. dos Poiais de S. Bento, 75 - T. 601866Às 21.00.
A TEIA
De Graça Gonçalves

TEATRO MARIA MATOS
Av. Frei Miguel Contreiras, 52 - T. 897017Às 21.30
TEATRO KIROVOKAN
AS 3 IRMÃS
De Tchekov

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
P. D. Pedro V - T. 372246
Às 19.15
VINCENT
De Leonard Nimoy

TEATRO VILLARET
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 538586Às 20.30
OS BANCÁRIOS TAMBÉM TÊM ALMA
Com Raul Solnado, Io Apolloni e Manuela Maria entre outros

OUTRAS LOCALIDADES

ALGÉS

PRIMEIRO ACTO
R. Eduardo A. Pedroso, 16-A - T. 2115053 Às 21.30
S' TÔRES
Uma comédia de turma, de John Godber

ALMADA

TEATRO M. DE ALMADA
R. Ponte Ferreira - T. 2752175
SALA 2
Às 19 horas
AMOR A QUANTO OBRIGAS
De Gil Vicente, pela Companhia de Teatro de Almada

SETÚBAL

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI
Av. Luísa Todi - T. 522127
Às 18.30 e 21.30
ROLETA RUSSA
(Textos de Anton Tchekov), p/ Grupo de Teatro A. de Setúbal

SUGERIMOS

«Non ou A Vã Glória de Mandar»
o destino português, segundo Oliveira
«Maridos à Água»
Greenaway antes de «O Cozinheiro...»
«Na Pele do Urso»
fábula urbana luso-britânica
«A 300 Milhas do Céu»
dois miúdos polacos em fuga. Lindo
«Um Sonho de Mulher»
Julia Roberts enche o ecran...
«Encruzilhada de Ilusões»
edificação do amor pelo melodrama
«Henry e June»
...só para ver Maria (Anais) de Medeiros

FARMÁCIAS

LISBOA

PERMANENTES

Ajuda: Moura, Travessa da Memória, 55, Tel. 3630944; **Alameda D. Afonso Henriques:** Esperança, Rua Carlos Mardel, 101-B, Tel. 882968; **Alcântara:** Vieira Rosa, Rua Prior Crato, 72, Tel. 660187; **Benfica - Junta de Freguesia:** Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-B, Tel. 704828; **Cais Sodré:** Ultramarina, Rua São Paulo, 99-101, Tel. 321771; **Campo Grande:** Nova Iorque, Av. Estados Unidos América, 140-B, Tel. 732009; **Campolide:** Oliveira, Rua de Campolide, 54-A, Tel. 684424; **Cortes - Raio:** Castro Suc., Rua São Bento, 199-A, Tel. 660513; **Encarnação:** Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; **Galinheiras - Charneca - Lumiar:** São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1, Tel. 7590989; **Graça:** Monte, Rua Senhora do Monte, 30 A-B, Tel. 867842; **Picheleira:** Martuz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **São Sebastião:** Novais, Av. Luís Bivar, 11-13, Tel. 544324; **Alfragide - Amadora:** Remédios, Rua Ivens, 20, Tel. 970544; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Santa Bárbara, Rua Francisco M. Beato, 75-A, Tel. 2518918; **Odivelas - Patameiras:** Amaral, Rua Antero Quental, 8-8-A, Tel. 93225455; **Pontinha:** Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, Tel. 993912.

REFORÇO

Alfama - Escolas Gerais: Anunciada, Rua do Vigário, 72-74, Tel. 866360; **Alto São João:** Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A, Tel. 8143439; **Alvalade:** Alentejo, Av. da Igreja, 28-B, Tel. 892682; **Av. República:** Cardoto, Av. Visconde Valmor, 28, A-B-C, Tel. 772291; **Zona J de Chelas:** Serejo, Av. João Paulo II, 531 - Loja B, Tel. 8592611; **Baixa - Colliseu:** Centro Farmacêutico, Rua Portas Santo Antão, 88, Tel. 321211; **Beneficência - Sete Rios:** Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 7261035; **Cemitério Ingleses:** Urbano Freitas, Rua Silva Carvalho, 1-5, Tel. 662838; **Chile - Anjos:** Pereira Pinto, Av. Almirante Reis, 121-B, Tel. 54575-1; **Marvila:** Freitas, Rua Vale Formoso Baixo, 23-A, Tel. 381136; **Santo Amaro - Calvário:** Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B, Tel. 3637020; **Brandoa - Amadora:** Britto, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; **Buraca - Amadora:** R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Mourão Vaz, Av. Moçambique, 18-C, Tel. 4437196. Permanente; **Paredes:** Aisir, Av. Gago Coutinho - B.º Caixas Previdência, Tel. 2472948. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Sembiano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Marques Santos, R. Ferreira J.A., 15, Tel. 260116. Até às 22 h; **Cascais:** Marginal, Av. Marginal, Tel. 280078. Permanente.

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

SINTRA

Amadora: Igreja, P. Igreja, 22-A, Tel. 4937740. Permanente; Flama, R. Elias Garcia, 78-B, Tel. 4932485. Até às 22 h; **Damaia:** Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Permanente; **Queluz:** André, Av. Elias Garcia, 151, Tel. 4350043. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Garcia, Av. Missionários, 2, Tel. 9242181. Permanente; **Mem Martins - Algueirão:** Vítor Manuel, Est. Algueirão, 123, Tel. 9217814. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 5, Tel. 926019-1. Até às 22 h; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Tel. 9230832. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290083; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Algarve, R. Fernão Lopes, 1, Tel. 2750271. Permanente; **Cova da Piedade:** Avelar Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A, Tel. 2750337. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Feijó:** Tovar Chaves, R. Dr. Ant.º Elvas, 104-D, Tel. 2296119. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043216. Até às 19 h; **Seixal - Arrentela:** Ana Branco, Quint.º Murtinheira, Tel. 2215590. Até às 22 h; **Montijo:** Moderna, R. Bulhão Pato, 60, Tel. 2310155. Até às 22 h; **Moita:** Parque, Av. Dr. Egas Moniz, 24, Tel. 2392294. Até às 19 h; **Alhos Vedros:** Gusmão, R. Cândido Reis, 30, Tel. 2040020. Até às 19 h; **Alcochete:** Gameiro, L. Ant.º Santos Jorge, 15, Tel. 2340100 [illegible] 19 h; **Setúbal:** Oli[illegible] drigues, Vale Cerei[illegible] 11, Tel. 31567. P[illegible] Louro, R. Frei Ant.º [illegible] 24491. Permanent[illegible] Misericórdia, 10, T[illegible] às 22 h.

RÁDIO

ANTENA 1
Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa
14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo
14.00: Frequência Moderada; **15.00:** Antena 1 - 15/17; **17.00:** Sete Mares; **19.15:** «Noite Desportiva», com relato Vitesse/Sporting da Taça UEFA; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

ANTENA 2
FM 2 - Estéreo
15.00: Trajectórias; **17.00:** Música ao Fim da Tarde; **18.15:** Ângulos e Reflexos. **19.00:** Tchaikovsky - 150 anos; **19.40:** Álbum Musical; **20.00:** Noticiário; **20.10:** Álbum Musical; **20.30:** Transmissão directa da Igreja de S. Roque de um concerto oferecido por Sua Majestade a Rainha Beatriz a sua excelência o Presidente da República Portuguesa. Bach; **21.45:** Obras de César Frank, Chick Corea e Amélia Rogers; **22.00:** Concerto ao vivo: Obras de Luís de Freitas Branco; **23.30:** Histórias de Música e outras (Ant.º Cartaxo); **02.10:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

COMERCIAL
Onda Média 283, 290 e 397 m
14.00: Estúdio Três; **16.30** e **19.30:** Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00** e **23.00:** Jornais - informação; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Estrada Fora; **23.00:** Desporto.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz
14.00: Ar Condicionado, c/blues, rock, folk, country, derivadas e derivantes; **15.00:** 4.º Bairro, de Eduardo Guerra e Miguel Quintão; **16.00:** Rock em Stock; **17.00:** A Ilha dos Tesouros, com velhas e novas pérolas da música; **18.00:** RDS - Rádio das Seis, de Adelino Gonçalves; **19.00:** Quatro Tempos, de Pedro Castelar; **20.00:** Nova Geração, de Fernando Quinas; **21.00:** Mercador de Sonhos, de Jaime Lopes; Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL DA LINHA/RCL
102.4 FM
10.00: Paulo Soares selecciona a melhor música: **13.00:** Tons suaves, com Francisco Gil; **16.00:** «Surf», um programa de Augusto Fernandes; **18.00:** Nuno Soares dos Reis escolhe música suave; **20.00:** Paraísos perturbantes, de António Coelho; **21.00:** Sonoridades acústicas escolhidas por Jorge Pimentel; **23.00:** Música romântica.

CORREIO DA MANHÃ/RÁDIO
101.5 FM
13.00: Música pop seleccionada por Teresa Fernandes e Informação editada por Pedro Coelho; **15.00:** Espaço dedicado aos mais jovens, da responsabilidade de João Vaz; **18.00:** Informação geral e desportiva; **21.00:** Música suave; **00.00:** Espaço dedicado à música de vanguarda; **02.00:** Música na madrugada seleccionada por Paulo Oliveira, até às 07.00.

RADIOGESTE
96.6 FM
10.00: Oitava Colina; **17.00:** Fim de Tarde; **20.00:** A Flauta Mágica; **21.00:** Terna é a Noite; **01.00:** O Feitiço da Lua.

RENASCENÇA
Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM
15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Inf. Religiosa; **20.10:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Universidade Aberta; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando.

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo
15.00: Fórmula Três; **18.00:** Ideiafix; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

TSF/RÁDIO JORNAL
89.5 FM
Manhã informativa das **06.30** às **10.00** com animação de António Macedo, edição de Miguel Monteiro e Paulo Bastos; **06.45:** Conversa de Vizinhas, texto de Filipe La Féria interpretado por Lídia Franco e Rita Ribeiro; **07.15:** Sons com história; **07.30, 08.30, 09.30:** Discos pedidos por personalidades convidadas; **07.50, 08.50:** O humor de Herman José; **08.45:** Economia dia-a-dia, por António Peres Metelo; **08.30:** Conversas de escárnio e maldizer, por Narana Coissoró, Artur Portela, Dinah Alhandra, Natália Correia e Fernando Ribeiro de Mello, por esta ordem, de 2.ª a 6.ª-feira; **12.15:** Síntese desportiva; **12.45:** Grande Prémio, editado por João Gabriel; **18.00:** O acontecimento do dia, por Carlos Andrade; **19.00:** Desporto em directo, por José Manuel Mestre. Aos sábados e domingos, noticiário produzido por uma equipa liderada por Fernando Alves e que inclui João Paulo Guerra; às **12.00** de sábado, Grande Júri TSF, com uma entrevista de fundo a uma personalidade em foco; às **12.00** de domingo, «Flash-Back» com José Magalhães, José Pacheco Pereira e Vasco Pulido Valente, sendo moderador Emídio Rangel.

TV MARCELO
Reparações 24 horas
ao domicílio
Tel. 65 91 18 (6 linhas Lx)
Tel. 486 61 92/51 Cascais

TELEVISÃO

14.50 - PRIMEIRA MATINÉE
«Mulher Felina»
16.25 - HOLANDA - UM RETRATO
16.40 - O CORPO HUMANO
Programa sobre o aparelho auditivo
17.10 - BRINCA BRINCANDO
Os Segredos de Mimix: «Super-Rato», «Minet e o Cachorro», «Misha» e «Caderno Diário»
18.10 - RUA SÉSAMO
18.40 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
18.45 - RODA DA SORTE
53ª Sessão
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - DIREITO DE ANTENA
«PSD», «Fed. Nac. Sind. da Educação», «Sind. da Energia», «Associação Emp. do Com. e R. de Automóveis», «U. Associação Com D. de Lisboa», «Assoc. Port. Técnicos de Farmácias», «Câmara dos Despachantes», «Associação Port. do Ensino Sup.», Assoc. Cozinheiros e Past. de Portugal», «Assoc. Port. C. e P. Porcelana», «Assoc. Prof. de Matemática e Com. A. Profissionais».
20.45 - TIETA
23º Episódio
21.45 - DESENHOS ANIMADOS/BOA NOITE
21.55 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
22.10 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«O Homem das Lentes Mortais» (Wrong is Right) E.U.A. (1982). Um filme de Richard Brooks, com Sean Connery, George Grizzard, Robert Conrad, Katherine Ross, G.D.Spradlin e John Saxon. Duração: 120 minutos
00.35 - 24 HORAS
01.05 - O TEMPO
01.15 - REMATE

CANAL DA CRÍTICA

Tá bem, tá!

Graça sem querer
No *Trevo da Sorte*. Júlio Montenegro para a jovem concorrente:
— O nosso prémio é uma torradeira. Tem namorado?

Coisas do Golfo
José Brandão transformou-se numa espécie de Saddam Hussein do movimento sindical.
(Torres Couto, Telejornal)

Experiência
Para mim, os primeiros quilómetros são os mais difíceis, porque, quanto mais corro, mais perto estou de chegar.
(Rosa Mota, Maratona de Lisboa)

Xutos e pensamentos
Jogamos a pensar nas pessoas mortas durante a Revolução.
(Treinador do Dínamo de Bucareste)

Inocência
Rita Ribeiro — Acha que este género musical é piroso?
Artur Garcia — Eu não sei o que é piroso...
(Ponto de Encontro)

Nova Iorque
Temos uma população pobre.
(Cidades com Metro)

A frase
Com o prof. Cavaco Silva estamos a caminhar para o socialismo.
(Freitas do Amaral)

Verificação
Não há cavalos na televisão.
(Palhaço Zeca, no «Joaquim Letria)

Sismos
«Se as catástrofes constituem ou não uma punição, ninguém sabe ao certo.»
(Voz off no Jornal das 9)

To be or no to be Soares
(...) Se eu tivesse de fazer uma pergunta a Mário Soares, perguntar-lhe-ia: *Quem é o senhor?*
(Basílio Horta)

Os camelos e a mulher
«Os camelos deste beduíno estão a passar momentos difíceis por causa do barulho dos helicópteros.
(...) Também a sua mulher já não é a mesma.
(Telejornal)

Primeiro lugar!
Portugal é o primeiro país em índice de pobreza.
(Jornal das 9)

Na Roda da Sorte
Herman — Qual é a sua profissão?
Concorrente — Sou militar.
Herman — Que patente?
Concorrente — Tenente-coronel.
Herman (para os telespectadores) — Como se vê, não fazemos a coisa por menos.

Segundo o Evangelho
O trabalho alugado... Pessoas com encargos familiares que vivem sob tensão psicológica...
(Bispo Manuel Martins)

Aviso
«Os pontos de vista emitidos pelos convidados de Arsénio Hall são da responsabilidade dos próprios e não reflectem necessariamente os pontos de vista da Paramount e de Arsénio Hall Communications, Lda.»
(Programa de Arsénio Hall. Exemplo a seguir na RTP. Atenção! Depois não digam que eu não avisei!)

A escola social
Teresa Guilherme — Qual é o teu cantor preferido?
Menino — Michael Jackson...
T. Guilherme — E o teu? E o teu? E o teu?
Meninas — Madonna...
(Eterno Feminino)

Rectificação importante
Teresa Guilherme — Acha que as crianças são a melhor coisa da vida?
Dr.ª Maria Pinto Ribeiro — As pessoas são a melhor coisa da vida.
(Eterno Feminino)

Diálogo - 1
Rita Ribeiro — Há um novo jornalismo?
Costa Carvalho — Não sei o que isso é. Só há um jornalismo.
(Ponto de Encontro)

Diálogo - 2
Rita Ribeiro — Diga aos nossos espectadores o que devem fazer para escrever...
Rebordão Navarro — Devem ler muito.
(Ponto de Encontro)

Homessa!
O Porto é tão bastardo como Florbela Espanca.
(Rita Ribeiro, Ponto de Encontro)

Controvérsias
O que disse o meu amigo José Tribolet é incontroverso.
(Roberto Carneiro)

Sensação
Sinto-me um pouco como um enviado especial ao passado.
(A. Albarran, na Arábia)

Nas ou das?
...«Artur Albarran, o nosso homem nas arábias...»
(Mário Crespo)

Não faz a coisa por menos!
O sindicalismo independente é o sindicalismo do fascismo.
(Torres Couto)

Sem preço
Lidamos com o transcendente e isso não tem preço.
(Padre Carlos Paes)
Um padre recebe entre 50 e 80 contos
(Idem)

Balança de pagamentos
A Polónia exporta padres para todo o mundo.
(Padre João Seabra)

Ora toma!
A URSS perdeu o estatuto de grande potência.
(Vasco Lourinho)

Confluência astral?
Os portugueses saíram de Bagdad por uma feliz confluência de esforços.
(Eng. Marcello Mathias)

Pois
A actividade diplomática não é compatível com uma visão futebolística do mundo.
(Idem)

Geometria
Portugal não precisou de fazer nenhum ziguezague.
(Prof. Cavaco Silva)

As questões mortais

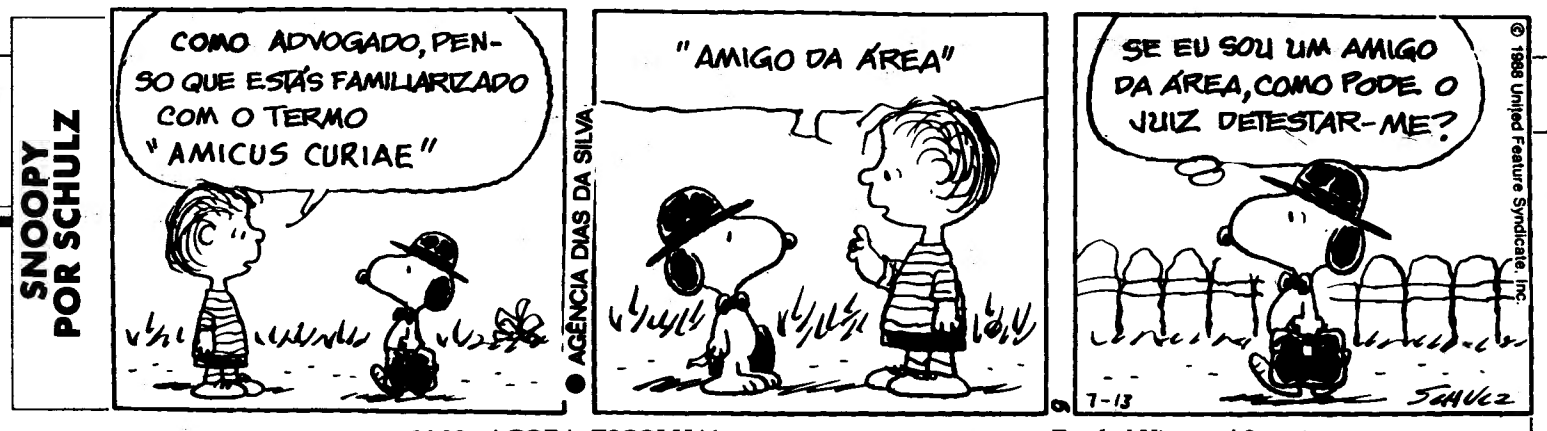
Esta noite, no primeiro canal, às 21, 40, será exibido o filme "O Homem das Lentes Mortais". Realizado por Richard Brooks a película é protaginizada por Sean Connery, George Grizzard, Robert Conrad, Katherine Ross, G.D. Spradlin e John Saxon.

No norte da África, o jornalista célebre Patrick Hale entrevista o rei Awad, na véspera da assinatura do acordo petrolífero com os Estados Unidos. Hale choca-se com o assassínio da fotógrafa Sally Blake, vítima aparente de um movimento terrorista. As fontes americanas negam o envolvimento de Sally na contra-espionagem. Mas Hale descobre uma pista sobre bombas atómicas ,e mrelação às quais Sally tinha informações preciosas.

Este "thriller" de espionagem, obrigando a uma reflexão sobre a objectividade jornalística, é marcado por um desmontar do habitual conflito bipolarizado dos "bons e maus", como está explícito no título "Wrong is Right" ("O que está errado está certo").

Humanista fascinado pela tradição do cinema de acção, Brooks nem sempre consegue uma unidade escorreita nos seus filmes mais "sobressaltados". Mas a tradição a que responde - com poucos passos em falso - acaba por determinar um desfecho cinematográfico válido, à medida daquilo que o espectador dele demanda.

(Hoje, ás 21.40, no canal 1)



2 RTP

14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.55 - MADEIRA - CÁ ENTRE NÓS
16.50 - RECREIO DO 2
«Cristal Tipps e Allistair» e «Nils Holgersson»
17.30 - ETERNO FEMININO
Uma reportagem sobre o processo de elaboração e fabricação de perfume introduz a temática desta emissão: o nariz.
18.30 - RAINHAS DE BELEZA
Esta série de seis programas apresenta-nos a história de três importantes mulheres do nosso século: Helena Rubinstein, Elizabeth Arden e Estée Lauder.
19.00 - VIA RÁPIDA
19.15 - ESPECIAL DESPORTO
Futebol Vitesse / Sporting
21.15 - DICK TRACY
50º Episódio: Stooge Viller e Mumbles roubaram a bomba Kapow e ameaçam agora destruir a cidade. Hemlock chega a tempo de desactivar a bomba, enquanto Tracy prende os dois malfeitores.
21.30 - JORNAL DAS NOVE
22.00 - TI - TI - TI
72º Episódio
22.30 - JOAQUIM LETRIA
00.00 - XINGU
A luta pela sobrevivência é o tema deste episódio da série sobre a tribo índia do Xingu, uma das que ainda sobrevivem no Brasil.
00.55 - O TEMPO

Parabéns!
Conseguimos hoje que os portugueses regressassem...
(Idem)

Garantia
(O prof. Cavaco) disse que eu garanto que é verdade.
(João de Deus Pinheiro)

Afinal?...
O Governo, quanto aos vistos, não teve acção nenhuma.
(João Caçador, trabalhador)

Zoofutebol
Os *lagartos* diziam que eu fui raptado...
(Eusébio, Regresso ao Passado)

De acordo!
«Para si, que teve a ousadia de estar connosco...»
(Relator do autocross)

Coerência
Sou religioso, mas não sou praticante. A religião a sério obriga a correr riscos.
(Setenta Vezes Sete)

Claro!
Ser cristão não pode ser pactuar com certas situações sociais, políticas, etc.
(Setente Vezes Sete)

Força, João!
Quem ama a Deus que não vê e não ama o irmão que vê, é mentiroso.
(Padre João Caniço)

Velho, pobre e doente
Tenho meses em que a reforma não me chega para os remédios.
(Um reformado)

Marx desactualizado?
O fluxo financeiro tem de vir do fluxo produtivo.
(Dr. Isidro de Abreu)

Este já percebeu
O interesse do meu país é investir na *perestroika*.
(Felipe Gonzalez)

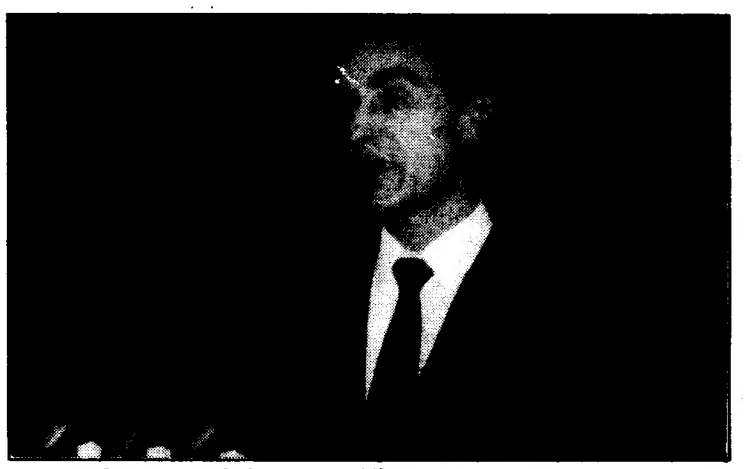
O prémio
Jogos populares. O prémio era um borrego.
— *E agora quem come o borrego?*
— *Comemo-lo nós todos.*
(Relato de Constância Brás)

Observação
Esse Sancho Pança em que está transformado o povo russo...
(Carlos Fino)

Elogio
A Maternidade Alfredo da Costa está em condições de concorrer com qualquer elínica privada.
(Prof. Cavaco Silva)

História
(Contra os estudantes do Timisoara) o Sporting obteve um resultado histórico
(Jornal da Tarde)

Simples!
Seres extraterrestres vieram à Terra há muitos anos. Na altura não havia vida na Terra. Fabricaram laboratórios enormes e neles, através do domínio perfeito da engenharia genética, criaram a vida na Terra à sua imagem.
(Claude Vorilhon, Jornal de Domingo)



«Com o prof. Cavaco e Silva estamos a caminhar para o socialismo»

Correcção
C. Arvelos — Já perdeu muitas noites aqui no Bairro Alto?
Engraxador — Já perdi, não, já achei...
(Eterno Feminino)

Um e outro
Vou ler um poema de Alberto Caeiro (...) Acabamos o programa com uma canção de Gabriel Cardoso.
(Rita Ribeiro, Ponto de Encontro)

A verdade em questão
O actor não finge nem mente. Só os maus actores são fingidores.
(Maria Clementina Diniz, Eterno Feminino)

Coração ao alto!
Repórter — Era capaz de morrer por amor?
Homem — Eu? Morrer por amor? Tá bem, tá!
(Eterno Feminino)

Investimento
Investe muito dos seus sentidos quando faz um quadro?
(Rita Ribeiro, a um pintor)

Língua traiçoeira
Sem a arte, a vida era uma seca.
(Representante da SEC, em *Ponto de Encontro*)

Inquérito surrealista
Repórter: Qual foi a maior descoberta da sua vida?

Respostas:
— Foi o Vasco da Gama.
— Foi a estupidez humana.
— Foi o meu emprego no Ministério das Finanças
— Foi ter descoberto que a minha mãe era uma boa pessoa.
— Foi eu ter nascido.
(Eterno Feminino)
Mário Castrim

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - RUA SÉSAMO
10.30 - PONTO DE ENCONTRO
11.55 - CULINÁRIA
12.10 - TOP MODEL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.25 - BOLSA DIA A DIA
13.27 - O TEMPO
13.30 - BAIRROS POPULARES DE LISBOA
13.55 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
14.00 - PRIMEIRA MATINÉE
«Intriga em Família»
16.05 - PONTO POR PONTO
16.45 - CIDADES COM METRO
17.15 - BRINCA BRINCANDO
18.10 - RUA SÉSAMO
18.35 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
18.40 - RODA DA SORTE
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.15 - TIETA
21.10 - DESENHOS ANIMADOS/ BOA NOITE
21.25 - EURONICO
22.25 - TWIN PEAKS
23.25 - 24 HORAS
23.55 - O TEMPO
00.00 - REMATE

RTP-2

12.02 - A FORÇA ASTRAL
12.25 - DOCUMENTÁRIO
12.35 - FILHOS E FILHAS
13.00 - JESSY LEWIS
14.00 - PRIMEIRO JORNAL
14.30 - AGORA, ESCOLHA
15.55 - AVENTURA
16.20 - A ILHA DAS BORBOLETAS
16.45 - RECREIO DO 2
17.25 - O TEMPO
17.30 - ETERNO FEMININO
18.30 - O MENINO DOUTOR
18.55 - TI-TI-TI
19.25 - CIRCO
19.45 - VIA RÁPIDA
20.00 - CLÁSSICOS DA TV
20.45 - DICK TRACY
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DRAMAZINE
21.55 - FORA DE JOGO
22.55 - CINECLUBE
«Uma Questão de Vida ou de Morte»

«Investigações da morte de Sá Carneiro não foram conduzidas com seriedade e rigor»

António Ramalho Eanes, «O Diabo», 27.11.90

A PERGUNTA DO DIA

Isabel Espada
deputada do PRD

O que levou o PRD a interpelar o Governo sobre as condições de vida dos deficientes em Portugal?

«As razões que levaram o PRD a fazer este agendamento prendem-se com o facto de o Governo ter demonstrado, em relação à política de reabilitação, uma grande incapacidade de executar as medidas definidas pela Assembleia da República. Nesta área, existem dois documentos fundamentais que nunca foram postos em prática. Por um lado, a Lei de Bases da Prevenção, Reabilitação e Integração da Pessoa Deficiente, aprovada pela AR em Janeiro de 1989, e que define a política de reabilitação através de princípios abstractos e genéricos que necessitam de uma regulamentação até agora inexistente. O outro documento é um plano de orientação da política de reabilitação, que tem vários programas e projectos, num total de 211. Estava previsto que estes projectos seriam aplicados em 1989, 1990 e 1991. No entanto, entre o ano passado e este ano, somente10 por cento foram postos em prática e apenas de forma parcial. O PRD considera ainda que a forma como a política de reabilitação é encarada em Portugal é incorrecta, na medida em que só tem em conta a Segurança Social, quando a sua responsabilidade devia ser compartilhada e coordenada por todos os ministérios. Para isso, seria necessário criar um novo enquadramento legal, e uma Secretaria de Estado para a Reabilitação, na dependência do primeiro-ministro.»

MEDIA

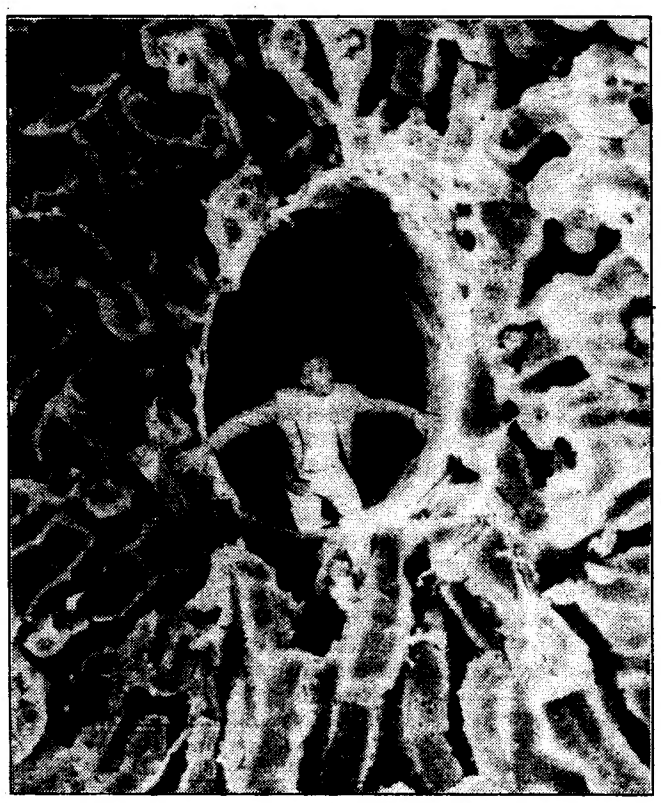
As estações de televisão europeia estão a começar de perceber a importância dos programas de carácter científico. Considerada, durante muito tempo, um tema demasiado difícil para o grande público, a ciência está, actualmente, a ter uma popularidade cada vez maior no pequeno écran

Britânicos lideram divulgação científica na TV

Realizaram-se recentemente em Paris os VII Encontros Internacionais do Audiovisual Científico. Organizados pelo Centro de Investigação Científica (CNRS), em conjunto com a Agência Júlio Verne, os encontros apresentaram o que de melhor se produz, a nível mundial, neste sector, concluindo que a presença dos assuntos científicos nos écrans é uma questão de vontade e de cultura. Os Encontros tiveram uma grande adesão, com mais de 300 mil pessoas a acorrerem à Torre Eiffel e aos vários museus parisienses para assistirem às projecções e aos debates, dinamizados por quarenta estações provenientes 25 países.

Contrariando a ideia de que a ciência é demasiado difícil para o grande público, a BBC emite, há trinta anos, programas desta natureza. Os dois canais da televisão britânica difundem, anualmente, cerca de 300 horas de emissões científicas. Os programas mais famosos, e que prendem ao televisor milhares de espectadores, são o «Tomorrow's World» e o «Horizon». Recentemente surgiu uma série semanal de 40 minutos, intitulada «QED», um concurso sobre assuntos científicos e um programa sobre assuntos médicos.

Apesar de ser a raínha das emissões científicas, a Grã-Bretanha não é, contudo, um caso isolado. A Itália transmite, anualmente, 25 programas científicos nos quais as vedetas são os laureados com o Prémio Nobel. Estes programas são, posteriormente remontados e integrados na programação educativa. Também a antiga República Federal Alemã e a Polónia possuem um vasto público que, todas as semanas, segue fielmente a programação científica e, na União Soviética, os serões de sábado são ocupados por um programa dedicado às investigações científicas mundiais da actualidade.



Em termos de orçamento dispendido neste tipo de produções, a grande rival da Grã-Bretanha é, sem dúvida, a Austrália, onde duas associações, a Beyond e a Quantum conseguiram aquilo que muitos consideravam impossível: associar a um verdadeiro tratamento cinematográfico e um grande sentido de humor, a um real rigor científico. Os jornalistas que ali trabalham passam pelo menos seis meses por ano noutros países, recolhendo informação. O resultado deste investimento é a venda dos programas para 25 televisões em todo o mundo. Foi, aliás, um dos programas da Quantum - sobre a teoria da relatividade, de Einstein - que ganhou o Grande Prémio dos Encontros.

Tratando-se de uma questão essencialmente cultural, a filosofia da vulgarização científica varia, portanto, muito, consoante os países. Enquanto a Grã-Bretanha e o Japão apostam no cinema documental, outros países como a China, o Brasil e o Canadá preocupam-se mais em encontrar uma linguagem popular que seja entendida por o maior número possível de pessoas. Todos reivindicam, porém, um lugar importante para a ciência nas suas programações televisivas.

Em França a situação é bastante diferente, já que não existe nenhuma emissão regular sobre ciência. Esta situação deve-se, provavelmente, ao facto de a área científica não se apresentar como indispensável à formação. Segundo um estudo realizado pelo Ministério da Investigação e Tecnologia, os conhecimentos científicos não fazem parte da cultura para 73 por cento dos inquiridos. Mas, apesar de a língua e a cultura virem em primeiro lugar nos critéiros que definem o prestígio nacional, a televisão constitui, para 45 por cento dos franceses, a forma privilegiada para obter informação científica, contra 18 por cento no que se refere às revistas e 14 por cento relativamente aos jornais. Em todo o caso, os investigadores franceses ainda não aceitam muito bem que os assuntos que estudam sejam objecto de programas de televisão, o que acaba por remeter os poucos programas do género para produtos de segunda.

«DL»/«Le Monde»

Quinta-feira no

Diário de Lisboa

Povos indígenas martirizados

Tréplica de Maria José Morais a Miguel Graça Moura

CRÓNICA

Uma folha que cai

Como uma folha que cai sozinha entre o mato, anunciando uma nuvem fria. Uma mulher entra num jardim, olha para as árvores mortas. Tudo se parece com um deserto. É a única pessoa que existe nesse espaço. Não tem livros, nem jornais. Não tem nada, a não ser um pano que envolve no peito como se fosse um gato. Morreu-lhe alguém ou apenas decidiu acabar com uma farsa. Desiludida, quem sabe, desempregada, ferida num sentimento mais fundo.

Um tronco está prestes a cair sobre o seu corpo, enquanto uma janela aberta a chama para o abismo. Senta-se num banco e aguarda um chamamento. É o lado obscuro dos dias que se quer vingar dos momentos de deslumbre em que ela tem vivido.

Quando as palavras desaparecem de um jornal, há tanta coisa que se esvai, tantos sonhos espezinhados, tantas dúvidas, que mesmo a memória resiste em lembrar.

A cidade possui lugares precisos para o vazio. Neles habitam os jogos eternos entre o homem e o vento, mas é a tempestade que vence, infalivelmente. Ao homem cumpre-lhe varrer as promessas para um canto do jardim, limpar os bancos, preparar esse deserto para uma outra pessoa que chegue, sozinha, à chuva, repetindo um ciclo de silêncio.

Ficam as sombras e os mistérios que se escondem nos bairros velhos da cidade, santuários apodrecidos, velhas lendas e a sensação de que tudo não passa de um engano, de uma voz surgida num pesadelo, com o fim de devorar os que ainda acreditam no futuro.

Rui Ferreira e Sousa

A.M.A. Auto Monumental de Arcos S.A.
CONCESSIONÁRIOS AUDI VW
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75